ENDRICA GERALDO

ENTRE A RAÇA E A NAÇÃO: A FAMÍLIA COMO ALVO DOS PROJETOS EUGENISTA E INTEGRALISTA DE NAÇÃO BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1920 E 1930

200207383

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 12 / 12 / 2001

BANCA

Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca (orientador)

Profa. Dra. Marionilde Dias Brepohl de Magalhães

Prof. Dr. Michael McDonald Hall

Prof. Dr. Cláudio Henrique de Moraes Batalha

DEZEMBRO/2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE BC
Nº CHAMADA:
T/UNICAMP
G 311 e
V.
Ex.
TOMBO BC/ 47808
PROC. 837/02
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 14-02-02
Nº CPD

CM00162935-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

G 311 e

Geraldo, Endrica
Entre a raça e a nação: a família como alvo dos projetos eugenista e integralista de nação brasileira nas décadas de 1920 e 1930 / Endrica Geraldo. -- Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador: Edgar Salvadori De Decca.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Integralismo. 2. Eugenia. 3. Família. 4. Autoritarismo. 5. Educação sexual. 6. Estado nacional. I. De Decca, Edgar Salvadori. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo confrontar as publicações médico-eugenistas das décadas de 1920 e 1930, com as integralistas dos anos 30, tendo por foco a instituição familiar brasileira. A concepção integralista de família baseia-se na defesa feita pela doutrina católica da autoridade paterna e da maternidade, e na capacidade que o pensamento médico atribuiu à instituição de atuar como instrumento de regeneração racial e construção da nação. Alegando combater a desestruturação familiar, integralistas e médicos apresentaram uma imagem da instituição livre de conflitos que poderia servir de modelo para a nação, ou para o Estado Integral, também livre de conflitos e de ameaças "subversivas".

ABSTRACT

The purpose of this study is to discuss the relation between the discourses on Brazilian family produced by eugenicists and integralismo during the 1920's and 1930's. The integralista conception of family is based, on the one hand, on the catholic defense of motherhood and father's authority and, on the other hand, on the belief (also present in the medical discourse) that family could act as a mean of racial regeneration and nation building. Opposing to the danger of family disintegration, both integralismo and eugenicists presented an image of that institution without conflict, which should serve as a model to the nation, or to the Integral State, also free from conflicts and "subversions".

Para Jefferson Cano
e Erlen Geraldo.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Edgar de Decca, meu orientador, pelas sugestões e críticas que ajudaram no desenvolvimento desta pesquisa. E também pelo estímulo e paciência durante uma orientação iniciada ainda em minhas pesquisas de graduação.

Ao professor Michael Hall que, desde a realização de minha monografia de graduação, tem contribuído com freqüentes e sempre estimulantes sugestões. Sua crítica, em meu exame de qualificação, foram de grande importância para a finalização deste trabalho.

À professora Mariza Corrêa, pelas importantes contribuições realizadas em meu exame de qualificação.

À Capes, pelos quase dois anos de financiamento.

Um carinhoso agradecimento a Eudes Geraldo e Leonarda Helena Geraldo, meus pais, pelo apoio fundamental e financiamento incondicional, sem os quais este trabalho não teria sido concluído. Pela intensa recepção em minha "volta ao lar". E por falar em "família", como nas próximas cento e poucas páginas, agradeço por podermos externar nossos conflitos sempre como muito respeito e, especialmente, com ternura.

A Jefferson Cano, pela especial amizade, por me estimular e por suportar e atenuar meu desespero. A ele dedico este trabalho não apenas pela leitura, revisão e críticas sempre enriquecedoras mas, principalmente, pela capacidade de me ajudar sempre a encontrar caminhos. Por me ajudar a realizar este trabalho e, principalmente, por conseguir torná-lo bem mais agradável.

A Erlen Geraldo, minha irmã, a quem também dedico este trabalho, por ser uma grande inspiração em minha vida, sempre doce e sempre a me deixar alegre. Por tudo que me ensina e ampara, e por sua extrema capacidade de compreensão, companheirismo e cumplicidade.

Aos amigos que, diante de minhas várias dificuldades também durante vários anos, me ajudaram de inúmeras formas, inclusive hospedando-me muitas vezes em suas casas. Entre eles, tenho uma dívida especial para com Cristiany Miranda Rocha, Luciene Torino e Priscila Nucci, pela ajuda, consolo e estímulo. E por compartilharem comigo alegrias e tristezas.

Cíntia Vieira da Silva, Ana Gomes Porto, Cláudia Regina Ferreira dos Santos, Maria de Paula Barbeiro e Edilene Toledo não só ajudaram a viabilizar este trabalho como o fizeram com muito carinho e companheirismo. E a Ventura Eduardo de Souza

Barbeiro, pelo permanente amparo técnico, estímulo e pela importante ajuda no tratamento das imagens.

Rodrigo Cândido de Carvalho também contribuiu para que eu tivesse condições de desenvolver este trabalho, estimulou, inspirou com sua paciência e dedicação, com seu afeto e carinho.

Aos funcionários dos arquivos e bibliotecas consultados. Em especial aos funcionários do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, pela imensa ajuda com documentos e imagens.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....1

CAPÍTULO 1

"Quem parirá as novas gerações?": família e regeneração racial.....23

CAPÍTULO 2

A sagrada família: as bases da concepção integralista 51

CAPÍTULO 3

A família como sub-núcleo integralista: a influência do saber médico.....79

CONCLUSÃO.....131

BIBLIOGRAFIA.....137

INTRODUÇÃO

Diante dos processos de transição vividos no Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, como o advento da República e do trabalho livre e assalariado, diversos grupos sociais promoveram e enfrentaram debates a respeito da organização política, social e econômica que se instituía no país. Com essas mudanças, as diferenças "raciais", sociais, culturais e mesmo regionais tornavam-se cada vez mais explícitas, assim como as tensões e conflitos de diversas ordens.

A preocupação com estes conflitos e com estas transformações em curso levou profissionais como intelectuais, médicos, juristas, educadores, sanitaristas, arquitetos, entre outros, a elaborarem propostas sobre o modelo político que a nação deveria adotar, sobre o tipo de trabalhador que o novo sistema de trabalho passou a necessitar e sobre os critérios nos quais se firmariam as relações sociais após o longo período de domínio escravista. As instituições médicas, filantrópicas, policiais, familiares, religiosas e escolares estavam, assim, envolvidas por estes debates.[1]

No período que envolve as décadas de 1920 e 1930, boa parte desses debates e projetos de nação brasileira foram adquirindo uma crescente conotação nacionalista e autoritária de direita e mesmo, especialmente nos anos 30, totalitária, que defendia cada vez mais a imagem de uma sociedade "una, indivisa e homogênea".[2]

Na década de 1920, a família foi uma das instituições que adquiriu cada vez mais evidência com o crescimento dos debates médicos que se debruçavam sobre a questão da heterogeneidade racial brasileira, considerada um grave problema diante de teorias racistas internacionalmente em voga. Questões como

---

[1]Vera R. B. Marques. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 18.

[2]Na década de 1930, de acordo com Eliana Dutra, um movimento de fascistização perpassou o conjunto social e revelou a gestação de um projeto de sociedade com pressupostos totalitários, especialmente entre 1935 e 1937. Eliana Dutra. *O ardil totalitário: o imaginário político no Brasil dos anos 30.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997, pp. 15 – 16.

o casamento, a conduta sexual e a política imigratória estiveram relacionados a concepções e projetos autoritários de Nação.[3]

Nos anos 30, destacaram-se duas principais correntes autoritárias de direita que, embora tenham muitas vezes se relacionado, podem ser divididas em uma que envolveu o integralismo e outra que esteve associada ao Governo Vargas e ao Estado Novo.[4] Estas correntes intensificaram o destaque que o tema "família" recebeu nos projetos de nação brasileira. Compreendida como a primeira instituição a envolver o indivíduo e capaz de transmitir, além do alegado "patrimônio" hereditário, também valores, comportamentos e relações sociais como noções e relações de autoridade, hierarquia, disciplina, valores morais e religiosos, a família adquiriu cada vez mais o *status* de *célula-mater* da sociedade. Torna-se tema, portanto, de debates acirrados e uma das principais bases dos projetos de Estado autoritário.[5]

Compreender o significado que a família assumiu em projetos de nação fundamentados em concepções autoritárias de direito e de Estado constitui uma abordagem que deve muito ao trabalho de Ana Maria Medeiros da Fonseca, *Das Raças à Família: Um debate sobre a construção da nação.*[6] Neste estudo, Fonseca procura demonstrar que os projetos dedicados à idéia de constituição de uma nação brasileira e de um "tipo" nacional que a representasse sofreram uma transformação no início do século XX. Até um certo momento, a diversidade racial presente no Brasil representava um grande problema para a constituição da nação. Nas décadas de 1920 e 1930, no entanto, a autora afirma que a família começou a ganhar destaque nesses debates, passando a ser importante

---

[3]Ana M. M. da Fonseca. *Das Raças à Família: Um debate sobre a construção da nação.* Dissertação de mestrado, Campinas/Unicamp, 1992, pp. 257 – 258.
[4]Jorge Zaverucha, "A questão do integralismo diante da herança fascista" in: *Ciência & Trópico.* Recife, 12 (2): 241-243, jul./dez., 1984, p. 244.
[5]Eliana Dutra, *op. cit.*, pp. 70 -71. Ver também Alcir Lenharo. *Sacralização da política.* Campinas – SP: Papirus, 1989, pp. 44 a 50. São Paulo: Martins Fontes, 1972. (1ª ed.: 1933.)
[6]Ana M. M. da Fonseca. *Das Raças à Família: Um debate sobre a construção da nação.* Dissertação de mestrado, Campinas/Unicamp, 1992.

elemento para o aprimoramento da "raça", como "meio de forjar uma nova nação".[7]

Para a autora, os diversos dispositivos de controle social promovidos pela higiene nesse período apresentaram a família como base da construção da nova nação, a partir de um novo homem, moral e fisicamente são. Estes dispositivos envolveram questões como a regulamentação do trabalho feminino, a educação das mulheres, a educação sexual, o impedimento de certos tipos de casamento, o exame pré-nupcial, a construção de habitações higiênicas e moralizadoras, o combate às favelas e dispositivos legais de amparo e proteção à família. Defendido por "especialistas", como médicos, juristas, engenheiros, arquitetos e técnicos do Ministério do Trabalho, estes dispositivos estariam fundamentados numa concepção autoritária de nação. Para Fonseca, estes grupos compartilharam as concepções de nação, de Estado e mesmo de um novo tipo de direito, desenvolvidas especialmente por intelectuais autoritários como Francisco Campos, Oliveira Vianna e Azevedo Amaral. Segundo Fonseca,

> "esta concepção, que redefine o conceito de liberdade, que não reconhece qualquer direito ancorado nos indivíduos – pois o uso deste direito pode prejudicar a coletividade – é compartilhada por distintos atores sociais, os quais, a partir de órgãos de alcance diverso, analisando e propondo soluções para problemas precisos, localizados e diferentes entre si, acabam convergindo para um mesmo projeto: forjar um novo homem para forjar uma nova nação".[8]

A idéia de um Estado centralizado e intervencionista, baseado na noção de que o direito coletivo deveria prevalecer sobre qualquer forma de direito particular, legitimava as propostas, defendidas por vários grupos sociais, que apontavam para o aprimoramento da raça, através da família, como o meio para a constituição da nova nação.

---

[7] *Ibidem*, p. 257. Sobre a relação entre intelectuais autoritários e debates sobre raça e eugenia ver também Maria Clementina Cunha. *O espelho do mundo.* Juquery, a história de um asilo. São Paulo: Paz e Terra, 1986, pp. 181 – 182; e Maria L. T. Carneiro. *O anti-semitismo na Era Vargas. Fantasmas de uma geração (1930-1945).* São Paulo: brasiliense, 1988, pp. 96 – 97 e 140 a 149.
[8] Ana Fonseca, *ibidem*, p. 3.

Essa relação entre Estado, medicina e família já havia sido traçada em um estudo anterior ao de Ana Fonseca. A família como alvo de projetos de intervenção e controle social, especialmente através da medicina, foi objeto de atenção de Jurandir Freire Costa em *Ordem Médica e Norma Familiar*.[9] O trabalho de Costa procurou demonstrar que o processo de higienização desenvolvido no século XIX no Brasil resultou de uma união entre a medicina e o Estado para funcionar como uma estratégia de controle sobre o que autor denomina "cidade-familiar colonial". O autor parte da idéia de que a cidade dominada pelo poder da família senhorial latifundiária havia constituído, até aquele momento, um entrave para a consolidação do Estado brasileiro.

Baseando-se em estudos de influência foucaultiana sobre a consolidação da medicina e da psiquiatria como estratégias de controle social[10], Costa acredita que o governo brasileiro teria, até o período do Império, desenvolvido várias tentativas de suplantar este poder familiar, mas que, devido ao fato de estarem restritas ao uso da lei e da punição, não obtiveram sucesso. No século XIX, no entanto, com a união entre o Estado e a medicina, teria sido possível desenvolver novas estratégias de controle, por meio da higiene e da urbanização, passando a fazer uso da norma, e não apenas da lei e da punição.

Apesar de limitar o projeto e a ação da higiene à família senhorial, o estudo de Costa apontou para a existência de projetos e medidas que envolveram a medicina e o Estado em torno do significado e do papel da instituição familiar na sociedade brasileira, situada como *célula-mater* da sociedade. Dedicando-se a estudar a transição da família senhorial latifundiária para a família higienizada, Costa apontou para questões como a relação da família com o espaço público da cidade; a transformação da construção da habitação, isto é, do ambiente físico da família; a transformação das relações entre os membros familiares, acompanhada

[9]Jurandir F. Costa. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1ª ed: 1979, 2ª ed.: 1983.

[10]Entre esses estudos, os principais seriam: Roberto Machado et. alii. *Da(n)ação da Norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978. ; Jurandir F. Costa, *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Documentário, 1976.

pela transformação da sua função social e pela definição de modelos higiênicos do seu comportamento. O discurso médico, como um discurso científico, seria aparentemente desprovido de qualquer conotação política no século XIX e início do XX. A ciência seria vista como neutra e imparcial em relação às disputas pelo poder. Costa chama a atenção para o uso do caráter científico do discurso médico para dar legitimação ao processo de elaboração de normas de conduta. Por fim, afirmou que os higienistas buscavam convencer principalmente as mulheres de que deveriam contribuir para a missão de educadora dos filhos da Pátria.

Diferentemente de Costa, que acredita que a higiene do século XIX teve como alvo a família senhorial e o poder por ela exercido sobre a cidade, com o objetivo de submetê-la aos interesses do Estado, outros estudiosos relacionaram a higiene, o racismo científico e a associação entre raça e classe a um processo de recolocação e reprodução das relações sociais já existentes.[11]

Sidney Chalhoub defende, em *Cidade Febril*, que a higienização e as reformas urbanas nesse período foram direcionadas a manter e reproduzir as relações sociais que já existiam.[12] O estabelecimento de meios de controle sobre as classes pobres, segundo o autor, constituíram o principal objetivo da ação higienista. Para tanto, o uso do discurso pretensamente científico, ao mesmo tempo que alegava "neutralidade", acima dos interesses particulares e dos conflitos sociais, representou uma nova possibilidade de justificação e legitimação dessas relações calcadas na desigualdade.[13]

Para Chalhoub, o racismo científico que dominou a administração pública no século XIX trabalhou no sentido de naturalizar as diferenças e reproduzir as relações sociais desiguais no interior de um processo de reorganização do mundo

[11]Ver Lilia M. Schwarcz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 – 1930.* São Paulo, Companhia das Letras, 1993; Ver ainda estudos de Nancy Stepan que abordam a utilização da ciência para justificar as desigualdades de sexo, raça e classe: Nancy Stepan. *The hour of Eugenics* - Race, gender and nation in Latin American. London: Cornell University Press, 1991. E, da mesma autora: "Raça e gênero: o papel da analogia na ciência" in: Heloísa Hollanda Buarque. *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura.* Rio de Janeiro, Racco, 1994.

[12]Sidney Chalhoub. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial.* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

[13]*Ibidem*, p. 35

do trabalho no Brasil. A higiene agiu de forma discriminadora entre brancos e negros ao privilegiar o combate à febre amarela, que ameaçava principalmente os imigrantes que vinham ocupar o lugar dos negros nas lavouras do Sudeste cafeeiro, enquanto a tuberculose, considerada gravíssima pelos próprios médicos entre a população negra do Rio, foi praticamente ignorada.[14] Chalhoub afirma que "tratava-se de combater as doenças hostis à população branca, e esperar que a miscigenação – promovida num quadro demográfico modificado pela imigração européia – e as moléstias reconhecidamente graves entre os negros lograssem o embranquecimento da população, eliminando gradualmente a herança africana da sociedade brasileira.[15]

Com o fim da escravidão e das ideologias de dominação senhorial, como o paternalismo e a dependência pessoal, o pensamento e as práticas higienistas fizeram parte de um "reordenamento estrutural nas políticas de dominação e nas relações de classe: institui-se o novo lugar da luta de classes, engendram-se os novos significados sociais gerais norteadores dos conflitos sociais".[16]

Já Margareth Rago procurou apontar uma estratégia de controle, desenvolvida pelos higienistas associados aos poderes públicos e à burguesia industrial sobre a vida e os atos do trabalhador pobre. A família nuclear moderna, privativa e higiênica, nos setores sociais oprimidos, teria constituído o alvo dessa ação, de modo a reorganizar as relações cotidianas. Rago destaca ainda a importância da elaboração de um modelo idealizado de mulher no interior de um projeto de normatização e redefinição da família.[17]

Evidencia-se, assim, a intenção de diversos setores da sociedade, que debatiam as bases da nação que se instituía, de exercer algum tipo de controle sobre a instituição familiar, objetivando direcioná-la a contribuir para a

---

[14] *Ibidem*, p. 8 e 9.
[15] *Ibidem*, p. 9.
[16] *Ibidem*, p. 184.
[17] L. Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

constituição de relações sociais e de valores compatíveis com as expectativas destes setores.

No Brasil do início do século XX, começa a ganhar espaço a medicina vinculada às propostas eugênicas que estavam já presentes em vários outros países. O termo eugenia foi utilizado pela primeira vez em 1883 pelo matemático, fisiologista e expoente do evolucionismo, Francis Galton. Estudioso das questões relativas à hereditariedade desde 1865, Galton utilizou o termo eugenia para denominar as utilizações sociais que esses conhecimentos poderiam possibilitar para um aprimoramento da reprodução humana. Como ciência, a eugenia estava baseada nas descobertas sobre as leis da hereditariedade humana, para as quais foram atribuídas aplicações sociais. E enquanto movimento social, ela envolveu propostas que objetivavam a melhoria da espécie humana, por meio do estímulo da reprodução de indivíduos ou grupos considerados mais "apropriados" ou mais "aptos" e também pelo desencorajamento ou pela prevenção da reprodução dos considerados "não-desejáveis" ou "não-aptos".[18]

No período entre as duas guerras mundiais, o ideal eugênico de manipulação científica ou "racional" da hereditariedade humana despertou grande interesse. As idéias e propostas eugênicas espalharam-se por diversos países e estiveram profundamente relacionadas com questões como nacionalismo, racismo, sexualidade e gênero, higiene social e o próprio desenvolvimento da genética moderna. Segundo Stepan, nos países latino-americanos a eugenia não foi "reproduzida" ou copiada dos países europeus, mas utilizada, modificada e aplicada para situações e por grupos específicos.

As idéias eugênicas encontraram boa receptividade no Brasil. Vistas, inicialmente, como "temas culturais", vieram ao encontro das preocupações dos intelectuais em relação à definição do povo, do país e da nação brasileira. A eugenia se consolidou, então, como ramo da medicina dedicado à "depuração da

[18]Nancy Stepan, *The hour of Eugenics, op. cit.*, p. 1 – 2; e Vera R. B. Marques, *op. cit.*, p. 48.

raça", especialmente a partir da década de 1920, dando continuidade ao caminho até então traçado pela higiene.[19]

Em janeiro de 1918 foi criada a Sociedade Eugênica de São Paulo, reunindo médicos, advogados e outros interessados na discussão da nacionalidade a partir de questões biológicas e sociais. Esta sociedade desenvolvia estudos sobre a hereditariedade e a educação moral, higiênica e sexual. Segundo Vera Marques, "a regulamentação dos casamentos era outra tarefa tomada para si pelos eugenistas, assim como a regulamentação da imigração e a sujeição dos indesejáveis (prostitutas, loucos, sifilíticos, tuberculosos, entre outros)".[20]

Assim, a eugenia teria sido ideal para a recém-instaurada república brasileira, dando continuidade a caminhos traçados pela higiene, e fornecendo uma justificativa para as desigualdades sociais da população através das diferenças raciais, "perante um estado cujo ideal político calcava-se na igualdade de todos".[21] A heterogeneidade racial, regional e cultural era apontada como origem das "mazelas" do país:

> "As diferenças raciais da população vinham, assim, determinar as desigualdades sociais como 'naturais' – física e biologicamente – e justificar a dominação dos homens brancos sobre o conjunto de mestiços, como uma questão hierárquica – a república dos mais aptos não excluía os não brancos, mas os mantinha sob o jugo da tutela, sob a vigilância de um sem-número de instituições que saberiam intervir quando solicitada."[22]

No Brasil, a mestiçagem excluía a população da noção européia de eugenia, como ideal de purificação da raça. A influência da corrente alternativa da biologia de tendência lamarckiana, vinda especialmente da França, possibilitou que a eugenia fosse usada com o propósito de "branqueamento" da população, diferenciando-a das que se basearam nas concepções mendelianas

---

[19]Vera R. B. Marques, *op. cit.*, p. 52.
[20]*Ibidem*, pp. 53 – 54.
[21]*Ibidem*, p. 39.
[22]*Ibidem*, p. 38.

da hereditariedade (que dominaram na Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha).[23] A campanha médico-eugênica, tão importante em relação à discussão das questões raciais, foi então marcada pelo projeto de branqueamento da população brasileira.[24] A miscigenação poderia, assim, carregar uma possibilidade "regeneradora" da sociedade, desde que direcionada para o branqueamento da população.

Para legitimar a intervenção na vida privada, a higiene buscou no Direito sua fundamentação. Somaram-se neste esforço intelectuais de diferentes áreas, como médicos, sociólogos, filantropos e juristas. Os eugenistas, segundo Marques, divulgaram as práticas higiênicas através do Estado, incorporando controles que definiriam a "constituição das famílias; os modos de viver e trabalhar; as formas de educar os filhos; a sexualidade normal e as condutas desviantes; os imigrantes que o país suportaria; enfim, os meios de existir, para atingir o progresso biológico e então desfrutar do progresso social".[25]

As estratégias elaboradas nos anos 20, segundo Marques, tornariam as práticas eugênicas, no período seguinte, política de Estado. Opinião compartilhada por Júnia S. Pereira, que dedicou-se à questão de como as políticas do Estado Novo foram influenciadas pelas discussões eugenistas das décadas de 20 e 30. O *Decreto-Lei 3.200* de 19 de abril de 1941, que dispunha sobre a organização e a proteção à Família é um dos exemplos centrais apresentados por Pereira da presença do ideal eugenista no Estado Novo.[26]

No entender de Pereira, a eugenia, apesar de concebida pela ciência do século XIX, foi recriada e re-significada pelas diversas culturas que a utilizaram.

---

[23]Sobre as divergências eugênicas ver Vera R. B. Marques, *op. cit.*, pp. 60 a 74; e ainda Nancy Stepan. "Eugenésia, genética y salud pública; El movimiento eugenésico brasileño y mundial". *Quipu*. México, v. 2, n° 3, set.-dez., 1985, pp. 351 a 384.
[24]Vera Marques, *op. cit.* Ver ainda: José Roberto Franco Reis, *Higiene Mental e Eugenia: o Projeto de "Regeneração Nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920 – 1930).* IFCH – Unicamp, 1994. Dissertação de mestrado, capítulo 3; e Júnia Sales Pereira, *A Escultura da Raça. Juventude e eugenia no Estado Novo.* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999. Dissertação de mestrado, pp. 85 e 86, capítulo 2.
[25]Vera R. B. Marques, *op. cit.*, p. 20.
[26]Júnia Sales Pereira, *op. cit.*

As políticas eugênicas teriam sido utilizadas em lugares diferentes como "propostas para resolução de questões específicas". No Brasil:

> "Funcionando como uma ponte entre as idéias de atraso e progresso, a eugenia seduziu amplos setores sociais que fizeram prosperar imagens de um processo de aperfeiçoamento racial do brasileiro. A mestiçagem, recortada por diferentes interpretações raciais, funcionou como mote para planejamento da nação, abrindo perspectivas estratégicas através das quais se pretendia promover o encaminhamento das políticas destinadas à família, ao mundo do trabalho e à identidade brasileira."[27]

Quanto à eficácia da ação médica em relação a estas questões, o sociólogo José L. F. Antunes, em *Medicina, Leis e Moral*, defende que, entre 1870 e 1930, os médicos fracassaram em suas investidas, pelo menos em relação à medicina legal, ou seja, em relação à aprovação de propostas que envolviam, entre outras, os exames médicos antes do casamento e a esterilização. Para Antunes, os médicos não conseguiram aprovar a maioria de suas propostas porque sequer alcançavam consenso sobre elas, demonstrando a incapacidade da classe médica para modificar o social ou mesmo forjar as prescrições morais.

Ao criticar o conceito de "medicalização" da sociedade, utilizado em outros estudos, Antunes afirma que a medicina é que foi influenciada pelos debates sobre questões morais e sociais que envolveram diversos setores da sociedade, processo que ele denomina de "humanização" ou "socialização" da medicina. Os debates e polêmicas sobre as regras de conduta sexual e familiar, para o autor, fizeram da medicina uma verdadeira ciência do social, ou uma ciência da moral.[28]

Enquanto Antunes afirma que a dificuldade ou incapacidade da classe médica em aprovar essas propostas demonstra o fracasso da ação médica sobre as questões sociais, Marques e Pereira vêem as políticas sobre família que serão colocadas em prática no Estado Novo como indício da influência que as questões

---

[27] *Ibidem*, p. 79.

[28] José Leopoldo Ferreira Antunes. *Medicina, leis e moral. Pensamento médico e comportamento no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, pp. 17 e 18; 166 e 167.

eugênicas alcançaram. Os debates eugênicos perpassam, na década de 30, os discursos e projetos de governo integralista, pois se a categoria médica buscou, nos anos 20, sua fundamentação em concepções autoritárias de direito e nação, como sugeriu Fonseca, o autoritarismo dos anos 30 se beneficiou dos caminhos percorridos pelos debates eugênicos. A concepção de família como peça-chave da saúde da nação e da constituição de uma "raça" forte será compartilhada pelos integralistas, que assim fundamentaram o programa que visava submeter a vida privada à construção do Estado Integral.

As discussões e projetos dos médicos eugenistas visavam estimular a reprodução dos considerados desejáveis e restringir a dos considerados indesejáveis, como portadores de doenças consideradas transmissíveis (física ou mental), criminosos (enquadrados como portadores de distúrbios mentais ou de caráter), pobres ("ameaçadores" por sua alta taxa de natalidade) e os considerados racialmente inferiores, como negros, asiáticos e mestiços.

Neste ponto, a família era a instituição que representava a reprodução humana, em que o projeto eugênico de nação deveria influenciar no sentido de estimular uma "seleção matrimonial" voltada para o branqueamento. Desta forma, a mobilização de diversos setores da sociedade, e não apenas dos eugenistas, nos debates e na elaboração das políticas imigratórias do período, que estimulavam a vinda de imigrantes europeus, contavam com os efeitos que estes teriam na constituição do tipo racial nacional, e que seriam perpetuados pelos valores que deveriam fazer parte da "seleção matrimonial".

A preocupação com a intervenção e o controle exercidos por um Estado autoritário sobre diversas áreas da vida social, inclusive na vida privada, também está presente em Alcir Lenharo. A partir de uma avaliação da propaganda do período Vargas, Lenharo afirma, em *Sacralização da Política*, o peso da atuação das instâncias micropolíticas sobre o cotidiano dos indivíduos, o que permite que o poder seja disseminado pelo social, obtendo um controle de caráter muito mais persuasivo do que diretamente repressivo. Como essas instâncias moleculares

atingidas não ficam circunscritas a determinados espaços sociais, estas "dão acabamento à obra da máquina da propaganda, podendo os condutores dos micropoderes ir do mundo do trabalho ao âmago do cotidiano de cada um para intervir em suas expectativas e sonhos, reorientar seus projetos de vida, docilizar seus corpos e mentes, o que pode implicar, reversivamente, numa nova relação política com o trabalho e imprimir um novo sentido até mesmo nas relações interpessoais".[29]

Para Lenharo, havia um parentesco muito próximo entre o pensamento católico, o integralista e o de matriz fascista européia com respeito a temas como o da sexualidade, de evidente repercussão no ordenamento do cotidiano das pessoas e no disciplinamento dos seus corpos e mentes.

Segundo o autor, a hierarquização rígida e a centralização caracterizaram o regime brasileiro da década de 30, o qual pretendia atuar como árbitro neutro e exterior às lutas sociais, para chegar à "concórdia" e à "cooperação", definiram a busca de um perfil racial único, que permitisse estabelecer uma relação simples entre a "raça" e a nação constituída.[30] Em contrapartida, o avanço dessa "higiene da raça" necessitava de uma política repressiva e preventiva que pudesse proteger o "patrimônio hereditário", que pudesse impedir o que era visto como o desencadeamento de uma prole nefasta e inútil. A regulamentação dos casamentos afastaria a união de indivíduos que pudessem ser nocivos eugenicamente para a sociedade:

> "Outras medidas de 'normalização da raça' incidiam na segregação e na esterilização dos indesejáveis. O isolamento definitivo ou temporário seria suficiente para que fossem impedidos de procriar 'e assim propagar o mal aos seus descendentes'. Sempre apoiado em experiências de outros países, o médico sugere a esterilização, 'processo cirúrgico simples e inofensivo', aplicado

[29] "O cruzamento de dispositivos da macro e micropolítica é que permitem explicar como uma 'química totalitária' envolve as estruturas do Estado, as estruturas institucionais político-partidárias e sindicais, as familiares e até mesmo as estruturas individuais. Nessa perspectiva, o fascismo pode ser localizado em condições larvares, não necessariamente cristalizado em fórmulas político-institucionais-nacionais." Alcir Lenharo, *op. cit.*, pp. 44 – 45.
[30] *Ibidem*, p. 99.

tanto no homem como na mulher, o que não lhes impediria a continuação das práticas sexuais e sim 'o direito de disseminar o mal, de produzir seres inúteis à sociedade."[31]

No entanto, não pretendo reafirmar, neste trabalho, a idéia presente em Lenharo, e baseada em Wilhelm Reich, que diz que a família atuaria como fábrica ideológica e de estruturação do Estado autoritário.[32] Segundo estes, a família operaria com a energia sexual dos filhos para lhes impor as normas sociais e canalizá-las para os rumos de sua manutenção. O chefe que conduz a multidão nada mais é, segundo Lenharo, do que o prolongamento da autoridade paterna e a família o primeiro grupo e o mais importante dessa cadeia que ata o indivíduo ao coletivo nacional.[33]

Esta seria a trajetória de dominação, na análise de Lenharo, para a qual caminhariam a política institucionalizada da contenção e desestruturação da classe trabalhadora e as micropolíticas de coerção e estímulos para a moldagem do corpo disciplinado do trabalhador desejável. No plano social, o alvo desloca-se para a aspiração de que a "cooperação" converta-se no elemento norteador, exclusivo, das relações sociais. No âmbito do cotidiano do trabalho, quer-se a família como o núcleo irradiador da nova moralidade regeneradora, em que esse desejo "cresce e ingressa num plano mítico, direcionado para transformar o trabalhador disciplinado e produtivo numa matriz racial do brasileiro. Trabalhador regenerado, raça e brasileiros regenerados".[34] Para Lenharo, as discussões e o cuidado com a produção social de corpos que trabalham, a reposição de uma dada moralidade para a mulher e para a criança, a educação física do corpo, o tratamento eugênico do corpo e da mente, os cuidados com o lazer, com a

---

[31]*Ibidem*, p. 79.

[32]Wilhelm Reich afirma que "a família é o Estado autoritário em miniatura, ao qual a criança deve aprender a se adaptar, como uma preparação para o ajustamento geral que será exigido dela mais tarde. *A estrutura autoritária do homem é basicamente produzida* – é necessário ter isso presente – *através da fixação das inibições e medos sexuais na substância viva dos impulsos sexuais."* Ver Wilhelm Reich. *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972, p. 28.

[33]Alcir Lenharo, *op. cit.*, p. 45.

[34]*Ibidem*, p. 104.

habitação e com a segurança moral da família assegurariam a interiorização do sexo como matéria-prima fundamental à modelagem social dos corpos dóceis.

A presente dissertação, limitada ao estudo dos discursos médicos e integralistas, não entra no mérito do impacto e dos efeitos deste projeto no campo social, mas pretende demonstrar que era exatamente nisso que acreditavam esses dois grupos. Médicos eugenistas e integralistas partiram do princípio de que poderiam fazer "uso" da família como "fábrica ideológica" de um Estado autoritário. A partir disso, o integralismo pôde, em sua doutrina, organização e propaganda, utilizar a imagem da família como metáfora da ordem social ou do próprio Estado autoritário; apresentar a família como um sub-núcleo do movimento; apresentar modelos de conduta para homens, mulheres e crianças, e ainda realizar um especial aproveitamento da presença feminina na Ação Integralista Brasileira (A.I.B.).

O integralismo foi um movimento que transformou a A.I.B. no primeiro partido de massas do país, no período compreendido entre 1933, quando foi fundada, e 1937, quando o Estado Novo de Vargas proibiu os partidos políticos; nesse curto período, alcançou milhares de membros em todo o território nacional. Oficialmente, a A.I.B. foi criada em 7 de outubro de 1932 em São Paulo, em reunião solene no Teatro Municipal de São Paulo, com a divulgação do *Manifesto de Outubro,* tornando-se partido político em 1935.[35]

Para Rosa M. Cavalari, esta rápida ascensão foi possível devido à utilização de "um conjunto de estratégias de persuasão, de criação de identidade do militante, de unificação e homogeneização do Movimento", que se efetuou por

[35]Sobre o movimento integralista ver ainda: Ricardo B. Araújo. *Totalitarismo e revolução:* o integralismo de Plínio Salgado. São Paulo: Zahar, 1987; José Chasin. *O Integralismo de Plínio Salgado* – forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978; Marilena Chauí, "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira" in: Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho Franco. *Ideologia e Mobilização Popular.* Rio de Janeiro: Paz e Terra; Centro de Estudos da Cultura Contemporânea, 1978; René Gertz. *O fascismo no sul do Brasil.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; Hélgio Trindade. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30.* São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Univ. Federal do Rio Grande do Sul, 1974 e, do mesmo autor, "Integralismo: Teoria e Práxis Política nos anos 30", in: Bóris Fausto (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira,* tomo III – Brasil Republicano. São Paulo: DIFEL, 1981, pp. 298 – 335 e Gilberto Vasconcellos. *A Ideologia Curupira: análise do discurso integralista.* São Paulo: brasiliense, 1979.

"uma rede constituída pelo impresso, pelas sessões doutrinárias, pelos símbolos e ritos integralistas e pelo rádio".[36] Desta forma, essa articulação buscava envolver e cercar totalmente o militante.

Entre os estudos que se preocupam em definir o integralismo em relação às condições externas e internas do país, há os que partem do pressuposto de que o movimento constitui uma importação, afirmando uma distância entre este e as condições nacionais, como uma "idéia fora do lugar". Gilberto Vasconcellos, por exemplo, procura explicar o integralismo a partir da "teoria da dependência" e conclui que este constituiu uma "fantasmagoria", uma "falácia", um arremedo dos fascismos europeus. José Chasin, baseado na idéia de que o integralismo seria uma forma de regressão em uma fase do capitalismo brasileiro que o autor denomina de "hiper-tardio", conclui que o integralismo não constituiu uma forma de fascismo, mas uma ideologia reacionária e utópica.[37]

Outros estudos não descartam a existência de condições internas favoráveis, mas sugerem que a influência do fascismo europeu é a mais importante na constituição e organização do movimento, com o uso da simbologia, militarização e ideologia totalitária.[38] Marilena Chauí apresentou a principal crítica à idéia de "mimetismo" do integralismo, apontando a reapropriação da influência dos fascismos europeus.

Neste trabalho, procuro seguir este argumento apresentado por Marilena Chauí, que explica a importação de elementos fascistas pela existência de um pensamento autoritário constituído em âmbito nacional.[39] Ao situar a relação entre

---

[36]Rosa M. F. Cavalari, Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 211.

[37]Gilberto Vasconcellos, *op. cit.*, pp. 17 e 33; José Chasin. *op. cit.*, p. 652.

[38]Hélgio Trindade, *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30. op. cit.*; Rosa Cavalari, *op. cit.*; João Fábio Bertonha. "A máquina simbólica do Integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30" in: *História & Perspectivas*, Uberlândia, n° 7, jul./dez. 1992, pp. 87 a 110, e, do mesmo autor: "Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil". In: *Revista brasileira de história* – Estado e Controle Social. São Paulo: v. 21, n° 40, pp. 85 a105, 2001.

[39]Marilena Chauí, "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira", *op. cit.* e, da mesma autora, "Notas sobre o pensamento conservador nos anos 30: Plínio Salgado", in: Reginaldo Moraes, Ricardo Antunes e Vera B. Ferrante (orgs.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: brasiliense, 1986.

o Integralismo e a questão da família no interior dos processos desenvolvidos no país, como as discussões sobre a constituição racial, a influência do processo de renovação católica e o anticomunismo, acredito que essas questões ligaram-se a processos internacionais, que certamente forneciam modelos, experiências e exemplos a serem absorvidos e copiados, e assim o foram, mas também selecionados e reelaborados de acordo com interesses específicos.[40] Estendo ainda esta reflexão para a influência dos debates médicos dos anos 20 e 30, dos quais os integralistas certamente selecionaram e se apropriaram também de concepções, modelos e experiências, sem esquecer que este mesmo processo de reapropriação do discurso médico possa ter sido realizado por outros grupos em condições e com objetivos diversos dos integralistas.[41]

Marilena Chauí nos lembra, afinal, que a importação de idéias efetuadas no Brasil está diretamente relacionada ao fato de que estava constituído aqui um pensamento autoritário e não o inverso, que por haver importação de idéias, um "certo pensamento brasileiro tornar-se-ia mimeticamente autoritário". Chauí afirma que:

> "Ao fazer essa afirmação estou considerando que há uma forma autoritária de pensar e não apenas pensamentos que nasçam de formas autoritárias de agir. Embora um não caminhe sem o outro, creio ser possível

[40]Eliana Dutra fala na estruturação de um discurso por empresários, integralistas, parlamentares, intelectuais e religiosos em torno de temas e imagens que caminham "para o objetivo da preservação da ordem social, para o saneamento da sociedade, para reforçar os poderes da família, da igreja, do Estado, da polícia, dos empresários." Eliana Dutra, "O Fantasma do Outro – Espectros Totalitários na Cena Política Brasileira dos Anos 30", in: *Revista Brasileira de História* - Política & Cultura. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 12, nº 23/24, set. 91/ago. 92, pp. 125 – 141, p. 126. Ver também Romualdo Dias. *Imagens da ordem: a doutrina católica sobre a autoridade no Brasil (1922 – 1933)*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

[41]Refiro-me ao trabalho de Liane Maria Bertucci, que retrata o problema da saúde a partir do enfoque dos operários de São Paulo no final do XIX e começo do XX. A autora afirma que os operários, no desenrolar de sua luta contra a sociedade capitalista compartilharam, em certos momentos, de pontos de vista e enunciados manipulados pelo Estado, em relação aos saberes e práticas relacionados a saúde. A imprensa operária, ao abordar questões como a reprodução humana, o comportamento sexual, a saúde e a educação das crianças, terminaram por discutir e adotar algumas idéias como as eugenistas e, muitas vezes, buscaram mesmo reverter o processo utilizando essas questões contra a conduta da própria burguesia. Liane Maria Bertucci. *Saúde: arma revolucionária – São Paulo, 1891/1925.* Campinas: CMU/UNICAMP, 1997, pp. 151 a 154.

encontrar certas determinações que constituem um pensamento como pensamento autoritário."[42]

Para Chauí, a lógica do pensamento autoritário inclui uma necessidade de encontrar um "saber" já realizado em que possa se apoiar, e manipular fatos de forma que possam lhes servir de exemplo e, com isso, "evitar o risco da elaboração do conhecimento", função que é exercida pela debilidade teórica e pela importação de idéias "já consagradas alhures".[43] Chauí afirma ainda que o Integralismo se baseia nas idéias de indivíduo "integral" (isto é, espiritual, moral, político e econômico); de "sociabilidade natural e sagrada trazida pela família, de harmonia social trazida pela organização das classes sociais em corporações e das corporações em centros de colaboração interclasse (classe em sentido profissional)"; de hierarquia, apresentada como natural e moral, fundamentando a autoridade "de tal forma que o pai é a autoridade natural sobre a família, o Estado é a autoridade natural e moral sobre a sociedade e Deus é a autoridade necessária sobre tudo". A integração das partes, para Chauí, é tida como "necessária por natureza, funcional quanto à forma e estatal quanto ao conteúdo" para forjar a organicidade social e política.[44]

Um projeto de Nação, de Estado, de indivíduo e de raça nacional exigia, para esses grupos, um modelo de instituição familiar, que eles identificaram como a célula-mater da sociedade, debatendo sobre como seria possível fazê-la servir a seus projetos. O integralismo formulou, assim, um quadro em que a família constitui uma realidade biossocial e espiritual, o que a torna origem da nação e sustentáculo do Estado. A família, ao lado do espírito e da nação, como "pilares

---

[42]Marilena Chauí, "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira", *op. cit.*, p. 37. Chauí afirma ainda que "o pensamento europeu, reduzido a uma forma vazia, pode ser utilizado nacionalmente desde que seja preenchido com conteúdos locais", p. 36. Chauí discorda também de Hélgio Trindade, o qual identifica o anticomunismo integralista como mimetismo face aos movimentos fascistas europeus. Ver ainda Alcir Lenharo, *op. cit.*, p. 71.

[43]Marilena Chauí, *op. cit.*, pp. 38 -39.

[44]Marilena Chauí, "Notas sobre o pensamento conservador nos anos 30: Plínio Salgado", *op. cit.*, p. 40.

revolucionários" direcionados para a constituição do novo Estado, embasarão as linhas políticas traçadas pelo movimento integralista.[45]

Ao elaborar um estudo a respeito da participação feminina no movimento integralista intitulado *Feminism in Fascism: a study of Brazil's integralist movement*, Emma Grant segue o argumento de que a importância da família na doutrina integralista constitui um elemento do autoritarismo, que busca envolver todos os aspectos da vida humana, no intuito de submeter seus membros á intervenção e ao controle do Estado.[46]

A doutrina integralista, influenciada pelo catolicismo[47], procurou combater a conquista do espaço público pela mulher, defendendo sua restrição ao lar como esposa e mãe. No entanto, segundo Grant, o movimento de emancipação feminina, que, naquele momento, ganhava espaço em vários países, inclusive no Brasil[48], afetou duplamente o integralismo. Primeiro, a presença de manifestações e reivindicações femininas na sociedade teria forçado o integralismo a reconhecer a necessidade da inclusão da mulher em sua doutrina.[49] E, em segundo lugar, as lutas e conquistas feministas teriam influenciado as mulheres integralistas a

---

[45]Marilena Chauí, "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira", *op. cit.*, pp. 49 - 50.

[46]Emma Grant. *Feminism in Fascism: a study of integralist movement*. New London, Connecticut: 1996. Senior Honors Thesis submitted to the self designed independent major: Latin American Studies, p. 15.

[47]Sobre a influência do catolicismo na formação de Plínio Salgado ver Hélgio Trindade. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30. op. cit.*; Porto Alegre: Univ. Federal do Rio Grande do Sul, 1974, pp. 39 a 43. Sobre as relações entre o integralismo e o catolicismo ver Oscar de Figueiredo Lustosa. "A Igreja e o Integralismo no Brasil: 1932-1939" in: *Revista de História*. São Paulo: FFLCH/USP, 108: 503-532, out./dez. 1976.; João F. Bertonha, "Entre a Cruz e o Fascio Littorio: a Igreja Católica Brasileira, os missionários italianos e a questão do fascismo, 1922-1943", in: *História e Perspectiva*, nos 16/17, Uberlândia, jan./dez, 1992, pp. 29 a 45; e Margaret Todaro Williams, "Integralism and the Brazilian Catholic Church", in: *HAHR*, v. 4, n° 3, august 1974.

[48]Ainda que, como afirma Saffioti, não tenha ocorrido um aumento relativo substancial do emprego da força de trabalho feminina nas décadas de 1920 e 1930, a Dra. Bertha Lutz teria constituído a primeira pregadora da emancipação da mulher, assumindo a liderança do movimento feminista brasileiro desde 1919. Heleieth I. B. Saffioti. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.* Petrópolis: Vozes, 1976, pp. 240; 257 e 258. Ver o capítulo "Manifestações feministas", pp. 255 a 283.

[49]Emma Grant, *op. cit.*, p. 21. Sobre o assunto ver também Cleusa Gomes Silva. *"Modernizando o casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940).* Campinas: Unicamp, 2001. Dissertação de mestrado.

atuarem de forma a conquistar espaço autônomo e a defender a igualdade entre os gêneros no interior do movimento. Isto significaria que a existência de espaços estritamente femininos no movimento, como o Departamento Feminino[50] e sua atuação na área de alfabetização e serviço social, a participação efetiva de mulheres nas publicações integralistas, com artigos direcionados às mulheres e/ou produzidos por mulheres revelariam uma relativa independência destas em relação aos maridos e uma conquista de espaços em que podiam defender uma postura emancipacionista.

Assim, ainda que o Integralismo tenha procurado conter um movimento de busca feminina pela conquista do espaço público, do mercado de trabalho e de igualdade de direitos em relação aos homens, seus teóricos viram-se obrigados a incorporar parte das críticas femininas ao casamento para poder reafirmar a importância do vínculo conjugal, as diferenças de gênero, e a vinculação da mulher ao lar e à maternidade.[51]

É importante lembrar que os estudos que procuraram recuperar a história das mulheres sob regimes autoritários apresentam grande polêmica quanto ao caráter dos diversos tipos de envolvimento que estas desenvolveram com os regimes.[52] Alguns estudos sobre as políticas relacionadas à família no fascismo italiano e no nazismo alemão, afirmam que os mesmos desenvolveram políticas familiares geralmente de caráter conservador, principalmente em relação ao espaço ocupado pela mulher na família, na sociedade e no mercado de trabalho.[53]

---

[50]Cavalari afirma que a participação feminina no integralismo foi intensificada na campanha eleitoral de 1937. Rosa M. F. Cavalari, op. cit., p. 65.

[51]Sobre essa influência das reivindicações femininas no discurso de Plínio Salgado, assim como em outros discursos masculinos, especialmente no discurso médico do período, ver Cleusa Gomes Silva. *op. cit.*

[52]Os estudos que procuraram apreender a relação que o nazismo alemão desenvolveu com a instituição familiar, e com as mulheres em especial, são marcado por polêmicas como a que se refere à participação destas no regime. Diante da violência e dos crimes cometidos pelo nazismo, estudiosos dividiram-se entre identificar as mulheres como vítimas das políticas repressivas ou então como entusiastas e cúmplices do mesmo. Sobre o assunto ver: Atina Grossmann, "Feminist Debates about Women and National Socialism" in: *Gender & History*, vol. 3, n° 3, Autumn 1991.

[53]Lesley Caldwell. "Reproducers of the Nation: Women and the Family in Fascist Policy" in: David Forgacs (ed.). *Rethinking Italian Fascism*. London, Lawrence and Wishart, 1986; Tim Mason. "Women in Germany, 1925 – 1940: family, welfare and work (part I) in: *History Workshop*, issue, spring 1976, pp. 74 – 113; e part II in: *ibidem*, issue 2, autumn 1976, pp. 5 – 32.

Em relação à Itália, no entanto, Victoria de Grazia chama a atenção para o profundo conflito do Estado fascista, situado entre as demandas da modernidade e o desejo de reimpor a autoridade tradicional, especialmente em relação às mulheres. Apesar desse desejo, de Grazia questiona a real capacidade do Estado de realizá-lo.[54]

Problema semelhante parece ter vivido o integralismo. Assim, no discurso deste, as mulheres e as relações no interior do casamento parecem oscilar entre, de um lado, a reafirmação da maternidade, do pátrio poder e a condenação da presença feminina no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que, por outro lado, incorpora a imagem de uma mulher mais ativa, de uma relação conjugal mais equilibrada, firmada na noção de "companheirismo", de um comportamento masculino baseado na disciplina e no "controle dos instintos" (isto é, fidelidade conjugal) e a aceitação de trabalhos femininos, sob o pretexto de constituírem "extensões" de seu papel doméstico, em favor da A.I.B.

Esta questão persiste também no trabalho de Sueann Caulfield, que traça a relação entre as definições de honra das famílias aos debates sobre o futuro da nação brasileira, entre 1918 e 1940. Se, por um lado, a defesa da honra sexual aparece como componente fundamental para a missão "civilizadora" da recém-proclamada república, por outro, Caulfield conclui que o triunfo dos defensores do autoritarismo não foi absoluto, pois os estes não puderam evitar nem ignorar as profundas mudanças, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, surgidas das lutas e conflitos sociais e cotidianos.[55]

A família foi tomada como metáfora da ordem social[56] e do próprio Estado Integral. Com isso, os integralistas objetivavam uma "familiarização" do poder, associando a figura do Chefe Nacional à imagem de pai; a pátria ou o território nacional, ou ainda a nação, à imagem de mãe, e os brasileiros como seus filhos.

---

[54]Victoria de Grazia. *How fascism ruled woman: Italy, 1922 – 1945*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1992, p. 10.
[55]Sueann Caulfield. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp/CECULT, 2000, pp. 25 e 26; 41.
[56]Afirmação feita por Caulfield em relação ao governo Vargas. *Ibidem*, pp. 332 e 333.

Dos filhos, numa família "modelar", espera-se disciplina e obediência em relação à autoridade, submissão irrestrita em relação ao pai e devoção e adoração sagrada pela mãe.[57] Essa relação exclui, como se pode ver, a existência de conflitos, apresentando uma harmonização do Estado como corpo ou como família ou ainda como reunião de famílias.

Discutir as propostas eugênicas e o pensamento integralista no Brasil das décadas de 1920 e 1930 possui como pretensão avaliar em que sentido a preocupação de ambos com a instituição familiar se vinculava a um projeto autoritário de nação. A divisão dos capítulos deste trabalho procura, dessa forma, delimitar os papéis que o tema família ocupou nesse projeto.

O primeiro capítulo apresenta uma análise de publicações eugênicas e higiênicas, das décadas de 1920 e 1930, com uma descrição das polêmicas envolvendo as questões legais e as propostas educacionais que visavam implementar ou disseminar práticas vinculadas a um projeto autoritário de nação, pelo estímulo ao "casamento eugênico" ou a uma "seleção matrimonial", sob o pretexto da melhoria racial.

O segundo capítulo trata da utilização da família no discurso integralista como imagem associada ao poder do Estado autoritário. Procura-se mostrar como os integralistas se empenharam em reforçar a imagem de proximidade com o cristianismo e especialmente com a Igreja Católica (de onde buscaram basear o princípio da autoridade), mas expunham paralelamente noções de família, de comportamento e de relação conjugal muito próximas das veiculadas pelo discurso médico.

No terceiro capítulo, a questão principal é a investigação de periódicos e publicações integralistas que possibilitem averiguar a forma como a Ação Integralista Brasileira procurou envolver a instituição familiar, por meio do uso de símbolos, rituais, propaganda e da criação de departamentos específicos para mulheres e crianças. Com isso, o objetivo é demonstrar a reapropriação do saber

[57]Eliana Dutra. *O ardil totalitário, op. cit.*, parte 2: "Pátria Amada, Mãe Gentil – a fantasia da proteção onipotente"; Ver também Alcir Lenharo, *op. cit.*, pp. 46 a 50.

médico-eugenista, direcionado a um projeto de exploração da alegada capacidade que a instituição familiar teria não apenas de sustentar uma proposta racial, mas também reproduzir e promover relações, comportamentos e valores como a disciplina, a obediência e a hierarquia.

1

"QUEM PARIRÁ AS NOVAS GERAÇÕES?": FAMÍLIA E REGENERAÇÃO RACIAL

No Brasil do final do século XIX, a instituição familiar recebeu crescente destaque nos projetos de higienização.[1] No entanto, nas primeiras décadas do século XX, com a intensificação dos debates médicos influenciados pelo ideal eugênico, temas como a "seleção" matrimonial, as relações entre homens e mulheres no casamento (e fora dele) e a criação dos filhos conquistaram ainda maior evidência.

Os médicos defensores do ideal eugênico formaram associações como a *Sociedade Eugênica de São Paulo* e o *Instituto Brasileiro de Eugenia* — ambos em 1918 —, realizaram o *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*, em 1929, com mais de 140 profissionais e desenvolveram publicações como o *Boletim de Eugenia* e os *Annaes de Eugenia*. Em 1931, a fundação da *Comissão Central de Eugenia* intensificou a propaganda desenvolvida por estes profissionais.[2]

Concentra-se nas décadas de 1920 e 1930 grande parte das publicações que divulgavam os debates sobre eugenia em território nacional, sejam periódicos ou anais de congressos. Entre eles estão o *Boletim de Eugenia*, o *Boletim de Educação Sexual*, os *Arquivos de Higiene*, os *Annaes do Quinto Congresso Brasileiro de Hygiene* e o *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*. Também os *Archivos Paulistas de Hygiene Mental* podem ser citados, já que os psiquiatras

---

[1]Alguns estudos apontam a instituição familiar como um dos alvos da ação higienista como política de controle social no final do século XIX e início do XX, por vezes tendo como foco as família de elite ou as família da classe operária. Entre eles estão: Jurandir F. Costa, *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983; L. Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 e Ana M. M. Fonseca *Das Raças à Família: Um debate sobre a construção da nação*. Dissertação de mestrado, Campinas/Unicamp, 1992, especialmente o capítulo 4.

[2]Júnia Sales Pereira. A Escultura da Raça - Juventude e eugenia no Estado Novo. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999. Dissertação de mestrado, pp. 80 e 81 e Vera R. Beltrão Marques. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, pp. 52 a 60.

membros da *Liga Paulista de Higiene Mental*, fundada em 1926, mostraram-se, nesse período, receptivos às idéias eugenistas.[3]

Essas publicações veicularam idéias e propostas muitas vezes antagônicas, por parte de diversos profissionais da área médica, visando o aprimoramento "físico, biológico e intelectual" da população brasileira, que seria conquistado, principalmente, por meio do controle da hereditariedade.[4] A idéia de regeneração racial da população brasileira era, para os médicos que adotaram a doutrina eugenista, o melhor caminho para a constituição de uma nação por eles considerada ideal.

As diferentes tendências da eugenia brasileira estão relacionadas à rejeição ao modelo europeu que apontava a composição étnica e a miscigenação racial como fator de atraso para o país. Fazia-se necessário encontrar um caminho para conciliar a proposta de exclusão de caracteres "inferiores" com a então preponderância da mestiçagem, ou seja, articular o projeto de construção de uma nação una com o propósito de branqueamento étnico, baseado nas propostas eugênicas.[5]

No interior desse projeto, o casamento e as relações entre marido, esposa e filhos foram temas que se espalharam pelas páginas em que os debates eugênicos foram traçados. A regeneração da "raça" para a construção da Nação eugenizada levou à formulação de propostas de ação e à tentativa de estabelecer normas de conduta que permitissem a realização desse objetivo. Mais importante

---

[3]José R. F. Reis ressalta a importância do *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia,* de 1929, na linha seguida pelos psiquiatras da própria Liga Brasileira de Higiene Mental. Para Reis, este evento pode ter funcionado como uma espécie da aval da corporação médica, e da intelectualidade em geral, às teses eugênicas, e teria constituído assim, pelo menos um dos fatores que levou a uma radicalização eugênica desta liga e de profissionais da área em todo o território nacional. José Roberto Franco Reis, *Higiene Mental e Eugenia: o Projeto de "Regeneração Nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30).* Campinas: Unicamp, 1994. Dissertação de mestrado, p. 278. Ver também Vera R. B. Marques, *op. cit.*, p. 69.

[4]Entre essas polêmicas ocorreu, como afirma Júnia S. Pereira, a que envolvia a plasticidade das partículas hereditárias. De acordo com Pereira, enquanto um grupo propunha medidas com o objetivo de alterar o patrimônio hereditário do indivíduo para a transmissão à prole, outro apostava na impossibilidade da regeneração a partir de cada indivíduo, e sim a partir da raça. Júnia S. Pereira, *op. cit.*, capítulo 2. Ver ainda: Vera Marques, *op. cit.*, pp. 60 a 74; e Oswaldo Frota-Pessoa. "Raça e eugenia", in: Lilia Moritz Schwarcz e Renato da Silva Queiroz (orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996. p. 29-45.

[5]Vera R. B. Marques, *op. cit.*, p. 57.

que as condições sócio-econômicas para a constituição de uma nação forte, ou as "influências exercidas pelo meio sobre o indivíduo", a grande questão para boa parte dos médicos passa a ser sobre "quem parirá as novas gerações".[6]

As publicações médicas revelam, no entanto, as discordâncias no seio do grupo em relação ao método a ser adotado para a "regeneração" nacional. No *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*, que contou também com a participação de sociólogos e educadores, entre outros, boa parte dos conferencistas confiava ao controle da hereditariedade o aprimoramento da raça, posição do grande expoente da eugenia no Brasil, o médico Renato Ferraz Kehl.[7] Outros, entretanto, discordavam abertamente da procura de uma "purificação" da população mestiça, e acreditavam que eugenizar a população brasileira não constituía uma questão racial, mas sim de educação e de higiene.[8]

Essa divisão permeou freqüentemente os debates sobre a regeneração "racial" da população brasileira. Mas o que se quer salientar aqui, independente do fato de que muitas das idéias discutidas não passaram de propostas e projetos, é a noção presente nessas publicações de que a vida privada dos indivíduos e a instituição familiar foram crescentemente consideradas alvos necessários de intervenção de especialistas como médicos, sanitaristas, pedagogos, psiquiatras, entre outros. Importa ainda perceber que esses debates provavelmente promoveram argumentos e concepções sobre homens, mulheres e crianças no casamento que serão encontrados, na década de 30, em publicações

---

[6]"Hereditariedade e meio", in: *Boletim de Eugenia*, nº 17, 1930, p. 5. Segundo o artigo, nem mesmo a educação constitui um fator tão determinante na formação das novas gerações do que sua origem biológica.

[7]Ver texto da apresentação de André Dreyfus (assistente de histologia e embriologia da Faculdade de Medicina de São Paulo), "O Estado Actual do Problema da Hereditariedade", em que afirma que a educação, a boa alimentação, a higiene não influem no patrimônio hereditário e que, portanto, podem ser úteis para o indivíduo mas não podem modificar a "espécie". O controle da hereditariedade do gado e de cavalos constitui, para este médico, evidência da superioridade da raça pura. In: *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia: Actas e Trabalhos*, Rio de Janeiro, 1929, p 96. Ver também a fala de E. Roquette-Pinto.

[8]Ver o artigo de A. Fróes da Fonseca, "Os grandes problemas da anthropologia". Fonseca afirma que "a seleção que se impõe no movimento immigratório é a selecção do indivíduo e não da raça"; e o artigo de Levi Carneiro, "Educação e Eugenia", que defende a educação moral, a sanitária e a intelectual. *Ibidem*, pp. 76 a 79 e p. 111.

integralistas. Essas concepções se concentram na noção de que a vida privada deveria ser submetida ao interesse da coletividade, ou ao "bem" da nação.[9]

Durante o *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*, Renato Kehl afirma que, ainda que a educação seja extremamente importante para o progresso social, é necessário, "ter em conta também a alavanca mestra do progresso biologico, que é a apllicação das leis da hereditariedade, segundo os preceitos da eugenia".[10] No *Boletim de Eugenia*, no ano de 1930, o mesmo médico descreve, em artigo intitulado "Crescei e Multiplicai-vos", como o controle do casamento e da hereditariedade constituem os instrumentos para a formação e manutenção de uma ordem social livre daqueles que não se mostram "úteis" ou constituem uma "ameaça" para o funcionamento da Nação:

> "Não é por simples meios legaes e educativos e nem sempre por processos correctivos, que se obtêm typos fortes, bellos e moralizados de homem, - mas sim, pelos fructos de uniões matrimoniaes entre individuos sadios, portadores, portanto, de *sementes* eugenizadas e em seguida pela protecção pré-natal dos mesmos.
>
> *Nunca* serão resolvidos os problemas dos crimes, dos males sociaes, enquanto não fôr cuidado, em primeiro lugar, a questão da prophylaxia matrimonial.
>
> As prisões, as penitenciárias, os manicomios só serão despovoados, quando os homens e as mulheres comprehenderem a verdadeira significação do casamento, quando todos, enfim, comprehenderem a monstruosidade representada pela procriação de enfermiços, de imbecis, de alienados e de criminosos."[11]

Para Kehl, a hereditariedade é responsável pelos problemas sociais apontados, diante dos quais as leis e o que chama de "medidas paliativas" se apresentam impotentes. Torna-se uma necessidade nacional desenvolver um controle sobre a reprodução humana e sobre a vida privada dos indivíduos. Além disso, a associação entre criminalidade, loucura e degeneração racial, que Kehl

---

[9]Nancy Stepan. *The hour of Eugenics – Race, gender and nation in Latin American*. London: Cornell University Press, 1991.
[10]Renato Kehl, "A Eugenia no Brasil", in: *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, op. cit.*, p. 57.
[11]Renato Kehl. "Crescei e Multiplicai-vos", in: *Boletim de Eugenia*, n° 18, 1930, p. 1.

apresenta, encontrou eco na classe médica dedicada aos debates eugênicos e higiênicos.[12]

Já no *Quinto Congresso Brasileiro de Higiene*, em 1929, estava presente a associação entre elementos díspares, enquadrados como exemplos de "desvio" ou "distúrbio" mental:

> "Talvez não seja ousadia dizer que os acontecimentos bizarros e estranhos da vida de hoje, um pouco por toda parte, certas tendencias delirantes, mais ou menos pronunciadas, as contendas, as dissenções, as brigas, as disputas, os divorcios, os assassinios, os suicidios, certos aspectos das luctas politicas e partidarias, de qualquer natureza, fallando em termos geraes e á luz da neuro-psychiatria são obras dos anormaes, dos semi-loucos, são anomalias ou perturbações psychicas."[13]

Assim, o desejo, a relação sexual e o ato da reprodução passam a carregar a responsabilidade dos problemas sociais da Nação. Valorizando a reprodução no interior do casamento[14], e atrelando o controle do sexo a princípios e valores higiênicos e eugênicos, rumo à regeneração "racial" nacional, Kehl afirma no *Boletim de Eugenia*:

> "Não é exaggero dizer-se que nas mãos dos noivos se acham as luzes e as trevas da prole. São aqueles que, no consorcio de caracteres optimos, dão nascimento a filhos fortes e bellos, como os portadores de taras e degenerações dão nascimento a idiotas, a aleijões, a monstriparos de toda sorte."[15]

Além da questão da hereditariedade vinculada ao ambiente sacramentado pelo matrimônio, a instituição familiar ganha importância nesse projeto por ser considerada a fonte da primeira formação que a criança recebe, seu primeiro mundo e as primeiras relações que ela desenvolve. O ensino, a transmissão de uma moral sexual passa a fazer parte dos debates que envolveram a

[12]Renato Kehl, "Galton – sabio construtor". *Boletim de Eugenia*, nº 20, 1930, pp. 1 a 3.
[13]Abreu Fialho, "Organização hygienica do ensino, hygiene do trabalho mental, hygiene das férias". In: *Annaes do Quinto Congresso Brasileiro de Hygiene*, Recife, 17 a 22 de outubro de 1929. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Inspectoria de Demographia Sanitaria, 1929, vol. 1: pp. 55 a 68.
[14]Ver texto de Levi Carneiro, "Educação e Eugenia", que condena o divórcio pelos danos que causa à família, à criação e à educação da prole. In: *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia. op. cit.*, p. 111.
[15]Renato Kehl, in: *Boletim de Eugenia*, nº 25, 1931, p. 8.

hereditariedade. A despeito da postura que se tornará cada vez mais radical em Kehl, a questão da educação sexual tornou-se de grande interesse para médicos como José de Albuquerque, o qual dedicou seu trabalho a essa questão, não só nas obras de sua autoria, mas também na direção do *Boletim de Educação Sexual.*

O *Boletim*, publicado no Rio de Janeiro entre 1935 e 1939, atuou como porta-voz do *Círculo Brasileiro de Educação Sexual*, ambos dirigidos pelo Dr. José de Albuquerque.[16] O *Círculo* mantinha o "Museu de Educação Sexual", a "Pinacoteca de Educação Sexual", o "Posto gratuito para conselhos sexuais", o "Boletim de Educação Sexual" e uma rede de propaganda auxiliada, de acordo com o *Boletim*, por vários outros periódicos em âmbito nacional.[17] Promovia ainda o "Prêmio José de Albuquerque", estímulo para escritos sobre educação sexual, que publicava a obra vencedora e fornecia um prêmio em dinheiro.

As discussões sobre a educação sexual foram tão ou mais intensas do que as que visavam a aprovação de leis fundamentadas em princípios eugênicos. Os médicos possuíram por objetivo a valorização da educação que estava a *seu* serviço. Embora a educação fosse geralmente acusada pelos médicos mais radicais de ser incapaz de resolver os problemas sociais por não modificar o patrimônio hereditário do indivíduo e da espécie, esta foi, por outro lado, explorada como meio divulgador e formador de comportamentos higienizados e eugênicos. As práticas higiênicas eram consideradas capazes de evitar o comprometimento ou contaminação desse patrimônio hereditário com doenças ou condutas consideradas inadequadas. Por esta razão, alguns defensores da

[16]Constam entre as obras do médico José de Albuquerque, o *Jornal de Andrologia* e publicações sobre o tema, como as obras como "O sexo em face do individuo, da familia e da sociedade", "Educação Sexual pelo Rádio", "Moral Sexual", "Os falsos caminhos que o falso pudor conduz", "Introdução á Pathologia Sexual", "Para nossos filhos varões quando atingirem a puberdade", "Impotência Sexual do Homem", entre outros. Ver Diana Gonçalves Vidal, " Educação sexual: produção de identidades de gênero na década de 30", in: Cynthia Pereira Souza (org.). *História da Educação: processos, práticas e saberes.* São Paulo: Escritura, 1998.
[17]*Boletim de Educação Sexual*, n° 5, setembro de 1936, p. 6.

eugenia procuraram transformar a escola em um centro capaz de promover e divulgar de práticas higiênicas.[18]

A sexualidade, segundo José de Albuquerque, "é como o trem de ferro", e a educação sexual "como os trilhos, que se collocam nas estradas, para sobre elles aquelle deslisar". Albuquerque explora a idéia de que o controle é uma espécie de condução que, portanto, não deve ser encarado como algo que "contrarie" o indivíduo.[19]

Nesse sentido, a atenção que a mulher recebe nesse processo está diretamente voltada para a questão da maternidade. Falar de educação sexual feminina, nas publicações eugênicas e higiênicas, é falar da "nobreza da missão materna". A regeneração física nacional é apresentada como "missão" da mulher perante a nação, a partir da qual os sonhos e as necessidades femininas menos "nobres" são relegadas a segundo plano, ou então passam a ser "preenchidas" ou reformuladas com esses valores.[20] Esta postura aparece tanto no Boletim de Educação Sexual quanto no Boletim de Eugenia, como a seguir:

> "Da educação eugénica da mulher brasileira depende, essencialmente, a elevação física, psiquica e moral do nosso povo. Todas as brasileiras devem, pois, interessar-se pelos estudos eugenicos."[21]

É importante ressaltar que estas publicações médicas generalizavam ao falar em "a" família, "a" mulher brasileira, "o" homem – ou o comportamento masculino e feminino -, raras vezes deixando claro a que grupo, ou a que tipo de mulher, homem ou família estavam se referindo. Tratava-se, na maioria das vezes, de traçar um modelo de comportamento ou de instituição familiar a ser tomado como ideal, já que proposto por "especialistas".

---

[18]A discussões e ações desenvolvidas pelos eugenistas brasileiros com relação à infância e à educação sexual infantil na escola foram tratadas por Vera R. B. Marques, *op. cit.*, capítulo 3.
[19]José de Albuquerque. *O sexo em face do individuo, da familia e da sociedade*. Círculo Brasileiro de Educação Sexual, 1936, pp. 14 a 16.
[20]"Educação Physica Feminina", in: *Boletim de Eugenia*, nº 20, 1930, p. 6.
[21]*Boletim de Eugenia.*, 1931, no 31, p. 1. O *Boletim de Educação Sexual* também apresenta elementos nessa linha: "Dahi, a premencia utilitária da Educação Sexual, que as mães de família precisam disseminar nos lares, diversificando-a em principios outros que formem o carater do homem de amanhã.", Dra. Yolanda de Mendonça, "A Educação Sexual nos lares", in: *Boletim de Educação Sexual*, no 2, março de 1935, p. 7.

Assim, esses médicos não apenas valorizavam a mulher-mãe como procuraram reforçar, com o uso da idéia da maternidade como missão social, as diferenças entre os gêneros.[22] A valorização do casamento relaciona-se à preocupação com o nascimento legítimo e a perpetuação do nome e da propriedade familiar que se consideravam garantidos a partir da virgindade feminina.[23]

Na infância, as crianças deveriam ser iniciadas pelo pai ou pela mãe na educação sexual, com máximas como: "É preciso que, para sempre, fique gravada na alma das crianças (menina ou menino), antes do despertar de seus instinctos e dominando para elles a evocação do acto sexual, a idéa da maternidade, da sua belleza, suas responsabilidades, suas dores, suas alegrias".[24] No entanto, esses profissionais pregavam que, na adolescência, os pais deveriam ensinar os meninos, e as mães, as meninas. E o próprio conteúdo deveria ser diferenciado entre ambos. Renato Kehl é um dos defensores de que o pai é que deve "prevenir os filhos mais crescidos sobre os perigos resultantes das perversões sexuaes".[25]

Por meio da educação feminina, a medicina procurou atingir o aperfeiçoamento físico e moral da mulher, da mãe e das futuras gerações do país. A mulher é considerada um agente familiar da higiene social e responsável por garantir a moral da sociedade. O pensamento médico apontava para a presença feminina no mercado de trabalho como um terreno fértil para a manifestação do que entendiam por "fraqueza moral" da mulher, considerada endêmica à sua

---

[22]Sobre as representações de gênero no discurso médico-sanitarista e eugenistas em São Paulo ver artigo de Maria Izilda Santos Matos. "Em nome do engrandecimento da nação: representações de gênero no discurso médico – São Paulo 1890-1930" in: *Diálogos*, DH/UEM, v. 4, no 4: 77-92, 2000. Ver também o estudo de Cleusa Gomes Silva. *Modernizando o casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)*. Campinas: Unicamp, 2001. Dissertação de mestrado. Ver especialmente o capítulo 3: "A tematização do casamento no discurso masculino".

[23]Maria I. S. Matos. *op. cit.*, p. 85.

[24]Fausto Guerner. "Educação sexual e divorcio", in: *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, *op. cit.*, p. 83.

[25]"Inquérito sobre Educação Sexual", in: *Boletim de Eugenia*, nº 24, 1930, p. 3. Ver respostas ao inquérito nas pp. 1 a 8.

natureza.[26] Dessa forma, a medicina fazia uso de seu caráter científico para justificar as funções tradicionais atribuídas aos sexos.

José de Albuquerque, no entanto, demonstra preocupação com a situação da mulher no casamento, buscando identificar motivos que pudessem lhe trazer infelicidade conjugal:

> "O homem compreenderá que a mulher não é apenas a sua companheira, mas também a escrava de suas proprias glandulas, glandulas essas que nem sempre lhe permittam attender ás vontades do esposo, como este pretende."[27]

Nesta fala, apesar da noção da fragilidade feminina como conseqüência de sua formação biológica, vislumbra-se um esforço em propor uma relação mais compreensiva e menos autoritária sobre a mulher, de forma a atenuar os conflitos do casamento. O uso do termo "companheira" procura mostrar uma imagem diferente do que seria a esposa submissa ou oprimida.

A educação sexual é apresentada por Albuquerque como caminho para a conquista da "harmonia" conjugal e, por extensão, caminho para atenuar os conflitos sociais:

> "A educação sexual, além da tarefa que está affeita á hygiene sexual, isto é: fazer a prophylaxia das doenças venereas; indicar os cuidado que devem ser tomados afim de evitar disturbios para o lado da sexualidade; mostrar as precauções que devem ter os casaes para gerar proles sadias, etc., tem tambem a finalidade de ensinar que da vida sexual conscientemente conduzida, decorre o aperfeiçoamento moral do individuo, a harmonia conjugal, o maior respeito dos filhos para com seus paes, o equilibrio social, etc."[28]

José de Albuquerque integrou um grupo que se empenhou na luta para reformar o casamento, reconhecendo a insatisfação feminina quanto às relações desiguais e autoritárias entre homem e mulher e apontando para a necessidade urgente de estabelecer novos parâmetros mais eqüitativos nas relações

[26]Segundo Matos, através de programas como as campanhas pelo aleitamento materno, aliados à condenação ou fiscalização das amas-de-leite, "os médicos propagavam que qualquer outra atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa, realizada no aconchego do lar, passasse a ser entendida como subordinada, assessória e desviante". Maria I. S. Matos. *op. cit.*, pp. 80 a 84.
[27]José de Albuquerque. *O sexo em face do individuo, da familia e da sociedade*, *op. cit.*, pp 60-61.
[28]*Ibidem*, p. 98.

conjugais, dando uma aparência de igualdade e reciprocidade aos casais, como meio de moralizar e manter a estabilidade da instituição.[29]

Assim, mesmo o modelo de mulher moderna, livre, educada e consciente, poderia ser revertido em favor do casamento, deixando de ser uma ameaça. No entanto, isto não significa que Albuquerque conferia às mulheres um estatuto de igualdade em relação aos homens. Na visão deste médico, as mulheres eram iguais socialmente, mas diferentes biologicamente. Um sexo só se completava com o outro; logo, desfazer as hierarquias "naturais" colocaria em risco as relações conjugais.

Dessa forma, o código civil de 1916 sacramentava a dependência da mulher casada em relação ao marido. Ainda que tenha feito uma concessão formal às reivindicações das mulheres de maior autonomia e autoridade, pois a esposa passava a ser descrita legalmente como companheira, consorte, auxiliar nos encargos da família, o marido ocupava ainda a posição de chefe legal da família. O homem continuava responsável pela representação legal da família, pela administração dos bens comuns do casal e dos particulares da esposa segundo o regime matrimonial adotado e possuía o direito de fixar e mudar o local de domicílio da família. E mesmo o direito da mulher casada ao trabalho dependeria da autorização do marido ou, em alguns casos, do arbítrio do juiz.[30]

O projeto de educação sexual era direcionado a adultos e crianças e estava baseado na idéia do despreparo dos pais para a criação dos filhos. Aos

---

[29]Ao confrontar discursos femininos e masculinos sobre o casamento, nas décadas de 1920 e 1930, Silva chega à conclusão de que para os eugenistas, assim como outros intelectuais dos anos 30, o protótipo de mulher submissa não é bem visto. De acordo com a autora, "a atenção desses intelectuais concentrava-se sobretudo no fortalecimento das famílias de classe média, uma vez que os ataques ao casamento eram formulados em sua grande maioria pelas mulheres de classe média alta. Mas igualmente forte era sua preocupação com a preservação da família operária, já que se acreditava que famílias da classe operária, constituídas e estáveis, eram essenciais para pôr fim à militância operária, garantir a dominação masculina e assegurar o desenvolvimento físico e moral das crianças que iriam se tornar os futuros cidadãos da pátria". Cleusa Gomes Silva, *op. cit.*, pp. 84-88.

[30]*Ibidem*, pp. 91 a 94. Sueann Caulfield trata da família brasileira no direito civil republicano e das mudanças trazidas pelo código de 1916. Caulfield afirma que neste código as mulheres não gozavam dos mesmos direitos que os homens e nem eram iguais entre si. Elas eram "capazes ou incapazes, honestas ou desonestas, dependendo da posição de cada uma dentro ou fora da família." Sueann Caulfield. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp/CECULT, 2000, p. 65.

médicos caberia "educar" os pais para que estes se tornassem os primeiros a transmitir às crianças os preceitos higiênicos e eugênicos. Em idade escolar, a criança deveria também receber uma formação em educação sexual a partir de seus professores, mas, ainda nesse caso, a presença do médico não é descartada. Ele estará presente nos projetos de educação sexual para os "pais", para a criança e para o jovem. Assim, máximas como "A Educação Sexual deve ser iniciada pelos paes; continuada pelos mestres; e terminada pelos médicos",[31] situam a família como o primeiro momento da formação sexual infantil, mas insere a instituição médica e a escolar no processo de transmissão de valores e comportamentos associados à regeneração "racial". Embora não tenha, de forma alguma, constituído um consenso entre os médicos se a educação sexual infantil deveria ser iniciada pela família ou pela escola, grande parte dos que se manifestaram nas publicações abordadas defendeu a iniciação pela família.[32] Se a responsabilidade pela "qualidade" da geração e da formação da criança é cobrada dos pais, a responsabilidade de prepará-los para tal missão é atribuída ao poder público:

> "Muitas mães são autoras inconscientes do infortunio dos próprios filhos, porque desconhecem princípios de hygiene, que poriam em prática, de bom grado, se lhes tivessem sido ensinados. (...) Toda a censura dos filhos recáe sobre ella, quando deveria incidir sobre as autoridades responsáveis pela defesa sanitária do paiz, pelo descaso que votam a divulgação das noções tendentes a melhorar as condições biologicas da prole."[33]

---

[31] *Boletim de Educação Sexual*, nº 4, maio de 1935, p. 3.

[32] A defesa da educação sexual iniciada pela família pode ser encontrada também nas respostas que médicos e educadores ofereceram para o "inquérito promovido pelo 'Diario da Noite'" e que os *Archivos Paulistas de Hygiene Mental* publicaram com o título de "Educação sexual e divorcio". Dos dez profissionais que responderam a esta entrevista, entre eles um padre que se colocou totalmente contra a educação sexual, dois não abordaram a questão, dois defenderam que a educação sexual deveria ser iniciada na escola, e os outros 5 defenderam que fosse iniciada pelos pais. *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, orgam official da Liga Paulista de Hygiene Mental, São Paulo, nº 5, julho de 1930, pp. 63 a 85. E também "O lar e a educação sexual das creanças", in: *Boletim de Eugenia*, nº 22, 1930, pp. 1 a 3.

[33] José de Albuquerque. "Educação Sexual e maternidade", in: *Boletim de Educação Sexual*, nº 4, maio de 1935, p. 3.

As "mães" aqui são responsabilizadas pelos "malefícios" que a ausência de práticas higiênicas poderiam causar aos filhos. Culpadas pelo mal, elas deverão se transformar em portadoras do bem — desde que se proponham a aceitar dos médicos a receita sobre a "melhor maneira" de criar os filhos. A educação sexual vem, assim, "suprir" uma alegada carência da família. Os pais devem ser preparados para praticar e transmitir preceitos, práticas, comportamentos higiênicos e eugênicos para seus filhos, os quais continuarão a recebê-los na escola e no consultório médico. Para fazer com que as práticas de prevenção e as normas de comportamento fossem assimiladas, era preciso que o sexo fosse discutido e "esclarecido" para as novas gerações.

Apresentando uma sugestão de como os pais deveriam educar seus filhos, o *Boletim* defende que estes deveriam "responder veridicamente, à altura da mentalidade infantil, as perguntas que os filhos formularem sobre as cousas do sexo, eis em que consiste a educação sexual da criança pelos paes."[34]

Mas o que, enfim, significa responder "veridicamente" ou estar "à altura" da mentalidade infantil? Diante desse tipo de instrução, podemos imaginar que os pais sentir-se-iam provavelmente mais confusos do que orientados no sentido da melhor maneira de se lidar com a educação sexual infantil. Mais do que "orientar" os pais, discursos como este reforçavam o sentimento de necessidade de se recorrer ao conhecimento e à presença médica na formação das crianças e dos jovens:

> "[Os 'sexologistas'] Olham a criança como ella é: avaliam a sua idade nervosa e a sua evolução clinica. Sabem como nella se formam as ideias e os impulsos: possuem graphicos do trabalho cardiaco e da fibrillação muscular sexual. Vão ao sub-consciente. Socorrem-se da ethica e da moral natural ou scientifica. Respeitam os direitos dos pais: mas respeitam mais os direitos dos filhos. Sabem que a vida depende do valor da hygiene, physica e moral: que o homem vale pelos seus desejos e pela sua vontade."[35]

---

[34]*Boletim de Educação Sexual*, nº 4, abril de 1936, p. 3.
[35]Almerindo Lessa, "Como os sexologistas encaram o problema sexual", in: *Boletim de Educação Sexual*, nº 2, março de 1935, p. 8.

Recorrer à idéia de que representavam um conhecimento científico, ou seja, estudado, verificado e comprovado, era uma maneira de afirmar que cabia aos especialistas como os médicos estabelecer os critérios de educação da criança.[36]

O objetivo era não apenas preparar a criança para encarar sua sexualidade como uma questão de saúde nacional, mas, principalmente, para incorporar e reproduzir hábitos e comportamentos valorizados por este projeto. Em relação à educação sexual na escola, assim como na família, defendia-se a separação entre meninos e meninas, pois seria "contraproducente obrigar naturezas tão diferentes á aprendizagem, em commum, de um assumpto cuja repercussão no espirito, terá manifestações tão diversas", novamente reafirmando as diferenças de gênero.[37] A criança estaria, assim, preparada para realizar no futuro uma "seleção" matrimonial segundo os moldes eugênicos e "enxergar" a relação sexual fora do casamento como uma ameaça — especialmente pelo perigo de contágio das doenças venéreas — à sua saúde e à saúde daqueles que viriam a estar sob sua responsabilidade. Nesse campo de discussão, é importante lembrar que a prostituição vinha sendo combatida, desde os finais do século XIX, pelos profissionais que buscavam controlar a propagação das doencas venéreas. Por isso classificar como "ignorância", "superstição" e "mais baixas paixões humanas" tudo que escapasse ao que a "pratica sanitaria" eugênica pregava.[38]

O "descontrole" sexual, isto é, o que não se atém ao âmbito do casamento, é associado à idéia de "desvio" mental ou de caráter, como uma doença. A prática do sexo higiênico e eugênico, o "auto-controle", o controle do instinto sexual passa a caracterizar a imagem do indivíduo saudável. A

---

[36]Ao tratar da instituição familiar norte-americana, Christopher Lasch denuncia, em texto bastante polêmico, a capacidade de "profissionais" (sociólogos e "patologistas" sociais) dedicados a discutir e propor critérios que salvaguardassem a instituição familiar em torná-la, como conseqüência, cada vez mais despreparada e dependente de constantes "descobertas" e "novos métodos" sugeridos pelos mesmos desde as primeiras décadas do século XX. Christopher Lasch. *Refúgio num mundo sem coração – A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, 1ª ed.: 1977, p. 41.

[37] *Boletim de Eugenia*, nº 24, 1930, p. 8.

[38] Dr. Luiz Felicio Torres (Sub-Inspetor Sanitário). "Do exame prenupcial facultativo", in: *Archivos de Hygiene*, vol. 1, nº1, maio de 1923, pp. 187 a 191.

"A libidinagem seria o resultado do ar de mistério com que os pais tratam das questões sexuais diante dos filhos. O não dar informações, o tratar essas questões com pudor como se fossem imorais, faz com que as crianças formem essa imagem e descubram as questões sexuais de maneiras tortuosas."[39]

A "libidinagem" constitui, portanto, um dos fatores a serem condenados e evitados por meio da educação sexual, valorizando o casamento como principal instituição a salvaguardar a moral sexual e os cuidados com a prole. É a estabilidade da família que Albuquerque acredita poder alcançar pela educação sexual. O médico critica os casamentos realizados com objetivos de ascensão social, econômica ou política, pois a importância deste ato estaria no fato de que ele "joga com o destino não só das criaturas que se unem como da prole que vem a gerar".[40]

Portanto, é significativo perceber que, segundo Albuquerque, a campanha educativa não deve ensinar meios de se tratar doenças venéreas. E em relação a este assunto, o alvo constitui certamente o comportamento masculino, já que neste caso as relações sexuais fora do casamento eram mais aceitáveis do que em relação às mulheres. Esse comportamento passa a ser apontado como ameaça, pela possibilidade de contaminação no contato com a prostituição[41] e o conseqüente comprometimento da saúde no interior do casamento, podendo o homem transmitir a doença venérea para a esposa e comprometer a saúde da prole. Essa idéia é compartilhada nas páginas dos *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*:

"O instincto viril e as mil e uma excitações da vida exterior entram em lucta com os preconceitos de ordem moral e religiosa, com a noção precisa dos perigos a que fica exposta a saude dos que procuram satisfazer o instincto fóra da vida matrimonial."[42]

---

[39]"Educação Sexual e libidinagem", in: *Boletim de Educação Sexual*, nº 5, junho de 1935, p. 6.
[40]José de Albuquerque. *O sexo em face do indivíduo, da familia e da sociedade. op. cit.*, p. 46.
[41]Sobre a preocupação com a prostituição como propagadora de doenças venéreas ver Sérgio Carrara, *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40".* Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 1996, pp. 166 - 229.
[42]A. C. Pacheco e Silva, "Educação sexual e divorcio" in: *Archivos Paulistas de Hygiene Mental, op. cit.*, p. 73.

perigos a que fica exposta a saude dos que procuram satisfazer o instincto fóra da vida matrimonial."[42]

Por esse motivo, para o médico, deve-se ensinar como evitar as doenças e destacar o perigo que constituem para o indivíduo e para a prole. No caso de contaminação venérea, o indivíduo deve recorrer imediatamente à presença médica, porque apenas esta é capaz de tratar da doença. O comportamento sexual masculino acaba, assim, exposto à apreciação médica.

Há, portanto, uma clara intenção de definir a maneira como o sexo deve ser tratado, como as informações sobre ele devem ser transmitidas ou silenciadas no ambiente familiar. Por isso a necessidade de se falar em uma "nova moral sexual":

> "Outr'ora a moral sexual era inspirada nos codigos religiosos e nos usos e costumes da época. A moral sexual dos dias de hoje, differe da moral sexual d'antanho, por ser calcada exclusivamente nos postulados da Sciencia."[43]

Usando o recurso da "cientificidade", estes médicos se propõem a romper "tabus", "preconceitos" e "misticismos" sobre o sexo. Recorrem à "autoridade" conferida pela ciência para tentar traçar uma nova moral. Segundo artigos do *Boletim de Educação Sexual*, se o indivíduo desconhece a realidade do instinto sexual, não pode evitar a "corrente animalesca" da sexualidade. Ele necessita do controle da educação sexual. A partir dela é que se pode "compreender" que a sexualidade é uma obediência à Natureza. Essa opinião está presente ainda nos *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, em artigo que defende que os métodos devem ser baseados em "principios scientificos mais modernos, que permittam o amadurecimento correcto e harmonioso da funcção reproductora."[44]

O *Boletim de Educação Sexual* defende a idéia de que a vida sexual influi no comportamento social do indivíduo, isto é, que a sexualidade seria um fator determinante do "bom comportamento" do indivíduo em sociedade. O Dr. José de Albuquerque, diretor do *Boletim de Educação Sexual* traça o seguinte paralelo:

---

[42]A. C. Pacheco e Silva, "Educação sexual e divorcio" in: *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, *op. cit.*, p. 73.
[43]*Boletim de Educação Sexual*, nº 2, março de 1935, p. 3.
[44]"Educação Sexual e divorcio – Inquérito promovido pelo "Diário da Noite"", in: *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, *op. cit.*, p. 64. , pp. 63 a 85.

"Estudado no seu aspecto social, a educação sexual foi mostrada como fiel da balança social, della decorrendo, em grande parte, o equilibro da sociedade, em virtude de tão ligados se acharem os factos sociaes e os problemas sexuaes."[45]

Paralelamente à tentativa de implantação de propostas eugênicas por meios de sua propaganda e de sua difusão na família e na escola, os debates se debruçaram também sobre a possibilidade de sua ação de modo restritivo. Estava em discussão a atuação legal em relação aos elementos combatidos pela eugenia.

A proposta médica mais restritiva em relação à liberdade da própria formação do núcleo familiar era a do exame pré-nupcial. Esta proposta possuía como objetivo submeter os noivos a exames médicos, dos quais resultaria um parecer favorável ou não à realização do casamento. Esta apreciação teria o intuito de assegurar que a descendência da união conjugal seria saudável, "normal" ou, em outras palavras, eugênica. Alguns médicos eram mais radicais quanto ao fato de que não se tratasse apenas de um parecer favorável ou não, mas de uma permissão ou proibição.

O desenrolar dos debates e da aplicação de medidas eugênicas em outros países, em especial nos Estados Unidos e na Europa, estava presente nos periódicos eugenistas brasileiros. Em março de 1931, o *Boletim de Eugenia* critica a votação que a *Sociedade Francesa de Eugenia* teria realizado sobre o exame pré-nupcial, atribuindo a decisão final sobre o casamento somente aos noivos.[46] Este caso indica a presença de formas de resistência que essas propostas certamente encontravam. O Dr. Edgard Braga, da Clínica de Partos da Faculdade de Medicina de São Paulo, assim escreveu no *Boletim de Eugenia*:

"Sabemos todos que o exame medico pré-nupcial, posto em fórma, isto é, em lei, fatalmente provocaria revoltas populares, mesmo porque é do feitio do nosso povo a combatividade, mas, os seus benefícios seriam taes e tantos, que a questão acabaria escanifrada á mingua de sustento, em duas columnas

[45]José de Albuquerque, "O tríplice aspecto da educação sexual", e "Glandulas Sexuaes e conducta social" in: *Boletim de Educação Sexual*, nº 4, maio de 1935, p. 8.
[46]"O exame prenupcial e o voto da Sociedade Francesa de Eugenia", in: *Boletim de Eugenia*, nº 27, 1931, pp. 6 e 7.

esquecidas de jornal. A Italia, segundo informações recentes, instituiu multa para os solteirões, o que não deixa de ser um pouco forte, e no entanto, até agora, nenhuma rebeldia individual ou collectiva, ao que nos consta, ameaçou o alicerce das instituições."[47]

Ou seja, o primeiro passo seria tornar o exame obrigatório. O segundo, torná-lo decisivo para permitir ou impedir o casamento. O Dr. Braga faz então referência às sugestões apresentadas por Renato Kehl para serem acrescentadas ao Código Civil, em que este último afirma em um de seus itens:

> "Os nubentes devem, ainda, juntar aos papeis de casamento, um attestado medico, datado no maximo de um mez, com a declaração, sob responsabilidade do profissional attestante, de que os mesmos não apresentam, clinicamente, doenças ou taras que os incapacitem para a proliferação eugenica."[48]

O assunto também foi discutido nos *Archivos de Hygiene*, utilizando como referência os Estados Unidos, afirmando que em alguns Estados o casamento "de idiotas, debeis mentaes, imbecis e epilepticos" havia sido proibido. Além disso, cerca de 12 Estados estariam realizando "a esterilização de semelhantes individuos."[49]

O exame, segundo o autor desse artigo, buscaria combater a sífilis, a gonorréia, a tuberculose, a lepra e as "taras mentaes". No mínimo, de acordo com o artigo, o necessário seria negar o certificado a portadores de "doenças infectuosas" e nos casos de "taras mentaes" graves. Nos casos de "taras" menos graves, apenas o desaconselhamento do casamento parecia-lhe suficiente.

Também Renato Kehl, durante sua conferência no *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*, defendeu o exame facultativo. Mas facultativo, nas palavras de Kehl, para que funcionasse como "ponte de transição para uma futura lei que o tornasse taxativo".[50] Ainda assim, o exame pré-nupcial provocou um debate muito heterogêneo. Muitos alegavam que sua obrigatoriedade seria impraticável em

[47]Edgard Braga, "Fundamentos do exame medico pré-nupcial", in: *Boletim de Eugenia*, nº 28, 1931, p. 8.
[48]*Ibidem*.
[49]Dr. Luiz Felicio Torres (Sub-Inspetor Sanitário), "Do exame prenupcial facultativo", in: *Archivos de Hygiene*, v. 1, nº 1, maio de 1927, p. 187.
[50]Renato Kehl. "A Eugenia no Brasil". In: *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, op. cit.*, p. 57.

toda a extensão territorial brasileira, além de ser de difícil fiscalização. Uma campanha esclarecedora se apresentava para estes como mais importante do que uma lei que possivelmente não sairia do papel.

A polêmica também estava presente quando o assunto envolvia as doenças venéreas. No *Boletim de Eugenia* de outubro de 1930, um artigo refere-se à atuação de Oscar Fontenelle na Câmara dos Deputados, especialmente na sessão de 20 de agosto, em que este teria debatido os "problemas sanitários e de eugenia". Baseado na fala de Fontenelle, o *Boletim* afirma:

> "No que se refere ás doenças venereas não basta fazer propaganda sanitaria, é preciso intervir, também, por intermedio da lei penal, que consegue cohibir a pratica de actos, que muitas vezes os freios de ordem moral e as advertencias não evitam. Aliás, as leis penaes agem sobre a formação de habitos e noções, de maneira que o delicto de contagio concorrerá para que germine e floresça na consciencia publica a idéa de que a saude representa um bem individual e social inviolavel. Accresce que a evolução que passou o conceito em que era tida a doença, creando novos deveres para a sociedade e o individuo, *legitima a intervenção do Estado para determinar normas de conducta*."[51]

A intenção de estabelecer a criminalização do contágio como uma perspectiva jurídica aparece fundada na noção de "direito à saúde" e na noção de dano. As instituições sanitárias interviriam para evitar que um indivíduo causasse um dano a outro por meio do contágio.[52] Baseado nisso, o deputado teria então, segundo o Boletim, defendido o rápido andamento de projetos como os que se referem "á repressão do alcoolismo, ao exame pré-nupcial, ao ensino obrigatorio de hygiene, ao delicto de contagio".[53]

---

[51]*Boletim de Eugenia*, nº 22, 1930, pp. 3 e 4 (grifo meu). Em sua conferência no *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*, Renato Kehl defende ainda a rápida aprovação de dois projetos de lei apresentados à Câmara por Oscar Penna Fontenelle que, segundo Kehl, viria enfrentar as questões do delito do contágio, o ensino da higiene sexual nas escolas secundárias, normais e militares. In: *Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia*, *op. cit.*

[52]Vera B. Marques, *op. cit.*, p. 29. Sobre as intervenção propostas e realizadas na "luta antivenérea" no Brasil, ver o capítulo "A Luta Anitvenérea no Brasil" in: Sérgio Carrara, *op. cit.*

[53]*Boletim de Eugenia*, nº 22, 1930, pp. 3 e 4.

Ao lado de outras medidas que visavam a regeneração "racial" da população brasileira, a esterilização é discutida como um meio de controle, assim como a política imigratória. Ambas envolviam discussões que visavam a aprovação e legalização para a aplicação de suas idéias, necessitando, portanto, de um aparato jurídico:

> "No campo da eugenía como ciencia aplicada, ha dois processos, agora provados de valor pratico e que foram, a principio cuidadosamente investigados pelos eugenistas como ciência pura: em primeiro lugar o contrôle da imigração, tendo como motivo principal a conservação da raça e a melhoria do stock de familia. Em segundo lugar, a esterilização eugenica, baseada em lei, como meio pratico para diminuir a degeneração hereditaria."[54]

A "conservação da raça" em relação à imigração ganha maior dimensão ao se ter em vista as campanhas defensivas da imigração branca européia contra as que não se enquadravam nesse critério (como negros e asiáticos). Aumentando a população branca e estimulando sua miscigenação com a população brasileira, paralelamente à campanha pela "seleção matrimonial" e pela esterilização, a busca do aperfeiçoamento da "raça" brasileira através do embranquecimento ganhava espaço.[55]

Mas não foi apenas o caráter racial que forneceu critérios para a definição eugênica de quais grupos deveriam ser estimulados a se reproduzir, e quais deveriam ser contidos. Na edição do *Boletim* de junho de 1931, o Professor Octavio Domingues, da Comissão Central Brasileira de Eugenia, apresentou sua defesa do controle de natalidade e da esterilização como medidas necessárias para a "desanimalização do homem":

> "O 'birth-control' seria o regulamento dos nascimentos, de modo a evitar a formação desses fócos de infelizes, que são as famílias numerosas e sem recursos para sua subsistencia e sua educação. Evitar-se-ia, assim, talvez, o

[54]"Responsabilidade eugenica", in: *Boletim de Eugenia*, nº 31, 1931, p. 4. Ver ainda a preocupação de Miguel Couto, presidente da Academia Nacional de Medicina, com o perigo da "contaminação" da "raça" brasileira pela imigração, publicado nas atas do *Primeiro Congresso de Eugenia, op. cit.*, p. 7.

[55]José R. F. Reis, *op. cit.* Ver especialmente o capítulo 3: "Imigração Eugênica: a contribuição da Psiquiatria ao 'problema' racial brasileiro".

peso morto, ou peor, embaraçante para a sociedade que é o pauperismo – cuja origem unica é a multiplicação inconsciente da vasa humana social.

A esterilização obrigatoria para os delinquentes, tarados mentaes, com extensão aos portadores de males hereditarios, mas neste caso sem caracter compulsorio – é outra providencia de natureza defensiva para a sociedade que, por tal meio, veria diminuir a proliferação da casta dos criminosos natos, da casta dos tarados mentaes, da casta dos transmissores das más heranças e dos males fataes que o homem recebe do berço, e os dissemina por outros berços indefinidamente."[56]

A pena de morte é, para Domingues, a terceira medida necessária para a "conservação da sociedade". Pois esta é que garantiria a "exterminação imediata dos agentes de perturbação da vida social, e consequentemente a extincção de disseminadores desses desadaptados". Esclarece ainda o professor que entre os eugenistas apenas as duas primeiras propostas são defendidas, mas indigna-se com o fato de que a sociedade aceita melhor a defesa da pena de morte do que a esterilização e o controle de natalidade. Com essa argumentação, o autor associa pobreza, criminalidade, loucura e degeneração racial.[57]

Mas para fazer a associação de todos esses "desvios", todos como questões médicas, os eugenistas vão recorrer à teoria da "seleção natural" de Darwin e a uma intensa referência ao controle genético de plantas e animais. O controle de reprodução de plantas e animais constituiu um recurso usado pelo *Boletim de Educação Sexual.* Para José de Albuquerque, o controle da reprodução animal serve de exemplo de como a reprodução humana poderia ser conduzida:

"Zela mais a creatura humana a reprodução de seus animaes que a sua propria. Não permite, por exemplo, que seus cavalos ou seus cães se acasalem

[56]Octavio Domingues, "Birth-control, esterilização e pena de morte", in: *Boletim de Eugenia*, nº 30, 1931, p. 4.

[57]Sobre associação entre a loucura e a criminalidade no final do século XIX e começo do XX, ver Sérgio Carrara. *Crime e Loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século.* Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUSP, 1998, especialmente o capítulo 2: "Loucos & Criminosos".

com outros de raças ou de condições inferiores, no entanto, se casam com indivíduos de quem não exigem credenciais eugênicas."[58]

Este recurso aparece, ainda, nos debates a respeito da educação sexual em idade escolar, em especial sobre se haveria ou não a necessidade de criação de uma disciplina específica a ser inserida no currículo. Em geral, a opinião que se difundiu, tanto no *Boletim de Educação Sexual* quanto no *Boletim de Eugenia*, era contra uma disciplina específica.[59] O que se defendia era que a sexualidade fosse abordada nas aulas de história natural, quando o professor estivesse tratando da reprodução vegetal ou animal, associação esta muito útil para defender o controle da reprodução humana. A eugenia é apresentada no *Boletim de Eugenia* como uma prática já difundida e exemplar para os homens:

> "A Eugenia não é entretanto cousa nova. Ha seculos que o homem a pratica, com relação aos seus animaes domesticos e suas plantas industriaes, em particular. E, como nunca, criador e agricultor têm a preocupação da raça. (...) E elle não duvida da possibilidade de aperfeiçoar o homem propriamente tambem: não do ponto de vista da produção de leite, ou da engorda, mas do ponto de vista do vigor e da saude, assim como ainda do das qualidades intellectuaes."[60]

Percebemos, também, a preocupação deste autor em apresentar a Eugenia como um processo menos radical, menos "controlador" do que o executado com animais e plantas, pois sugere que deve haver um limite nesse tipo de comparação, indicando que a ação eugênica deveria se processar de uma maneira mais sutil, agindo principalmente sobre aquilo que não deveria permitir, do que compor casais à revelia dos próprios indivíduos envolvidos. Considera ele que assim não estaria impedindo a liberdade de escolha do indivíduo:

> "Nossos eugenistas não pretendem criar o super-homem por judiciosos regulamentos relativos ao casamento: contentam-se, para começar, em indicar quaes as sortes de uniões que devem ser evitadas, em razão dos males della

[58]José de Albuquerque, "A Educação Sexual e a defesa da prole – um apello aos escritores brasileiro", in: *Boletim de Educação Sexual*, nº 2, março de 1935, p. 2.
[59]*Boletim de Educação Sexual*, nº 4, maio de 1935, p. 3; "Inquérito sobre Educação Sexual", in: *Boletim de Eugenia*, nº 24, 1930.
[60]H. De Varigny (traduzido por Octavio Domingues), "Da Eugenia", in: *Boletim de Eugenia*, nº 25, 1931, p. 1.

decorrentes á communidade pelo numero de individuos inferiores que dariam origem. (...) Taes individuos seriam bois ou batatas que seriam eliminados simplesmente; em eugenia humana é necessario sómente uma opposição á sua procriação."[61]

Por outro lado, o autor toma essa cautela tendo em vista uma melhor aceitação de suas propostas, ou então, prevendo a resistência que essas idéias iriam encontrar, ao reconhecer que "os methodos da eugenia animal ou vegetal não são agradáveis à maioria". Essa comparação com o mundo animal e vegetal torna-se mais significativa quando nos deparamos com a utilização feita da teoria da "seleção natural". A idéia que aparece de forma mais radical em Kehl é de que não só o homem pode melhorar a raça de animais e plantas em proveito próprio, mas que, além disso, a própria natureza se ocupa em fazer sobreviver e perpetuar apenas os mais "aptos" ou mais "fortes" de cada espécie, o que coloca os eugenistas em conflito com os avanços da medicina e da higiene a respeito da "seleção natural" entre os seres humanos a partir do casamento. Assim, Kehl afirma:

"Para melhorar as propriedades genotipicas de uma coletividade só ha um caminho: o da seleção matrimonial. Tudo o mais, inclusive a educação, é mais ou menos aleatorio. Educando o povo, abre-se, naturalmente, necessaria passagem para a seleção matrimonial referida, mas a educação, tão somente, não basta. Concorre, mesmo, para que muitos individuos alcancem, sem merecer, maiores possibilidades de se reproduzirem. A educação com a higiene completam-se no esforço em pról da salvação dos debeis e dos desherdados; justo, pois, que a sociedade admitisse, como natural correctivo, a seleção procriadora, a qual aliada a ambas, consolidaria os esforços melhorista a bem da humanidade.

Enquanto não se estabelecer a proibição matrimonial para os inaptos para a procreação higida ou a sua esterilização, a educação e a higiene não conseguirão diminuir as anomalias, os vicios e os crimes, em suma, não levantarão o nivel médio da colectividade."[62]

---

[61] *Ibidem.*

[62] Renato Kehl, "Só ha um caminho...", *ibidem*, n° 31, 1931, p. 1.

Os eugenistas, por vezes, entram em conflito com os avanços da higiene e da medicina nas páginas do *Boletim de Eugenia*. A Eugenia parece se "confundir" com a Higiene quando esta se refere às medidas relacionadas ao cuidado da saúde da população "normal" ou "saudável", que possa vir a ser contaminada ou "degradada" por problemas evitáveis, como alcoolismo, doenças venéreas, entre outros. Em outros momentos, no entanto, os eugenistas atacam ferozmente a higiene e a medicina quando entendem que estes atuam contrariamente às "leis naturais" ou, mais especificamente, à seleção natural:

> "A tuberculose tem effeito *eugenico*, mas socialmente pernicioso, quando, abaixando a taxa da mortalidade de muitos asthenicos, faz que muitos deles se casem e transmittam a seus descendentes suas taras organicas. Não se deve esquecer quanto é dado á sensualidade o tuberculoso, mesmo em grau adeantado. (...)
>
> Com isso, não se entenda que se desapprova a diffusão das normas hygienicas aptas para limitar a extensão do flagello, mas que se conclue pela *necessidade urgente* de medidas que permittam, se não impedir (o que será bastante difficil), ao menos limitar a transmissão hereditaria da constituição asthenica, especialmente das suas variedades que constituem o terreno mais adaptado para a invasão da molestia.
>
> *Os doentes e os suspeitos de tuberculose não devem casar; se casam e um dos conjuges adoece, não devem procriar!*"[63]

Vale lembrar que no período da Corte Imperial os médicos higienistas não se empenharam contra a tuberculose, a qual atacava especialmente os negros no Rio de Janeiro, como fizeram em relação à febre amarela, que vitimava largamente os imigrantes europeus da lavoura cafeeira. Explicitava-se, assim, a intenção de promover o embranquecimento da sociedade brasileira, ao procurar tornar o ambiente urbano salubre para um determinado setor da população, composto pelos brancos, aliado à miscigenação alimentada pela imigração européia, e às moléstias graves entre os negros.[64]

---

[63]Prof. Dr. G. Giuliano Perondi (Docente de Eugenia da Universidade de Florença – texto traduzido), "O problema da tuberculose do ponto de vista da eugenia", in: *Boletim de Eugenia*, n° 28, 1931, p. 3.

Estas falas apresentam, na verdade, uma concepção de inferiores e superiores que deve ser destacada. Recai sobre os considerados inferiores a grande maioria das restrições à sua reprodução. Além dos "loucos" e dos "doentes", as classes economicamente excluídas, isto é, os trabalhadores e os pobres, são consideradas pela maioria destes médicos como "inferiores". Raramente, afirmavam eles, poderá ser encontrado um tipo "forte" ou eugênico, merecedor de estímulo ou apoio oficial para sua conservação e reprodução nas classes pobres.[65] Portanto, o alto índice de natalidade encontrado nessas classes é considerado alarmante e uma ameaça à Nação e à raça.[66]

Renato Kehl, por exemplo, condena a prática da filantropia, por ser uma iniciativa destinada ao amparo dos muito pobres. Ao afirmar que "a filantropia, mal orientada, é um fator de viciação, de indigencia, de degradação social", Kehl insiste que o resultado desta prática acabava sendo o incentivo de algo tão problemático quanto a degeneração racial: a reprodução desses "inferiores" estaria gerando um grande ônus para os homens "normais" e para a sociedade:

> "Póde-se calcular que cada homem valido arca com o peso morto de quatro indigentes, tal a sua contribuição pessoal, direta ou indireta, por meio de impostos e de outros recursos que sustentam esses elementos inuteis ou quasi inuteis."[67]

Para Renato Kehl, a filantropia deveria se dedicar aos filhos "sadios de paes empobrecidos, amparando-os, favorecendo-os na luta pela existencia, bem como aos jovens animosos, mas desamparados, que desejam estudar ou

---

[64]Sidney Chalhoub. Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, pp. 8 – 9.

[65]Sidney Chalhoub discute a associação entre "classes pobres" e "classes perigosas" nos debates parlamentares do final do século XIX no Brasil. De acordo com Chalhoub, a "virtude do bom cidadão" na ótica dos parlamentares, era o gosto pelo trabalho, "e este leva necessariamente ao hábito da poupança, que, por sua vez, se reverte em conforto para o cidadão." Desta maneira, o pobre é visto como aquele que não consegue acumular e, portanto, "suspeito de não ser um bom trabalhador." Se não é um bom trabalhador, está associado ao vício da ociosidade e, consequentemente a outros vícios. Segundo Chalhoub, "o resto se segue como que naturalmente: os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos." Sidney Chalhoub, op. cit, p. 22.

[66]Ver Vera R. B. Marques. *op. cit.*, pp. 74 a 85. A preocupação atingia também os psiquiatras da *Liga Brasileira de Higiene Mental*, ver José R. F. Reis. *op. cit.*, p. 61.

[67]*Boletim de Eugenia*, nº 32, 1931, p. 1.

aperfeiçoar-se numa profissão que lhes faculte constituir um lar prospero e feliz." Já que as classes "inferiores" possuíam alta natalidade, pois "os mediocres infelizmente são muito mais prolificos do que os normais superiores", Kehl defendia incentivos às famílias de classe média, as quais estariam adiando o casamento ou exercendo um controle sobre o número de filhos com o objetivo de manter o padrão de vida:

> "Impõe-se, pois, fazer todo o possivel para que os normais se casem mais cêdo do que geralmente acontece, para que as suas proles se tornem mais numerosas, restrigindo a grande desproporção existente entre a parte bôa e a parte residual da humanidade. Como medida fundamental – tornar a filantropia *seletiva* e não *contra-seletiva*, como óra se apresenta."[68]

O discurso que atribui aos trabalhadores o caráter de inferioridade associada à idéia de que possuíam também uma alta taxa de natalidade, indesejável portanto, possibilita a condenação de medidas destinadas a melhorar as condições de vida de tal classe.[69] Ou seja, manter os trabalhadores em condições precárias de vida toma ares de medida de controle de natalidade e, "conseqüentemente", controle do aumento da pobreza:

> "Tendem evidentemente para peorar a qualidade das gerações futuras todas as providencias, de indole hygienica ou social, que, attenuando ou corrigindo as enfermidades e deficiencias organicas, crescem as probabilidades de poder casar-se as pessoas que as possuem. O mesmo se póde dizer de todas as medidas de natureza caritativa, que aliviam as classes inferiores do encargo da prole, seja criando-a em instituições adequadas, seja fornecendo-lhes recursos e auxilios.
>
> Todas as providencias igualitarias que regulamentam as horas de trabalho ou o limite minimo de salario; que garantem a classe operaria com os seguros obrigatorios, as previdencias a favor das operarias gestantes e puerperas... vêm diminuir automaticamente dos individuos melhores a vantagem que lhes proporcionam, na luta pela existência, a maior laboriosidade, as

---

[68] *Ibidem.*

[69] "Diminuição dos nascimentos na Allemanha", *ibidem*, nº 34, 1930, p. 10; e H. De Varigny, "Da Eugenia", *op. cit.*

melhores attitudes, a maior previdencia e o maior tratamento individual proprio e de sua prole."[70]

A diferenciação social é apresentada, portanto, como um processo de seleção natural. Os que são considerados em condições econômicas melhores porque "trabalhariam mais", e que seriam capazes de produzir tipos saudáveis, "eugênicos", deveriam ser incentivados oficialmente, para que não enfrentassem dificuldades econômicas, possibilitando, assim, um aumento de prole saudável para o país.

Por outro lado, a caracterização da elite parte da idéia de que esta é constituída por elementos "eugênicos", isto é, "superiores". O *Boletim de Eugenia* cita dois textos de Oliveira Vianna, personagem de forte influência política na década de 30, os quais procuram reforçar esta idéia:

> "são as camadas superiores da sociedade – as que têm o encargo da direcção geral das actividades economicas, das actividades intellectuaes e das actividades politicas – o campo principal de concentração dos elementos eugenicos, gerados pelas matrizes ethnicas do povo."[71]

Reorganizar as diferenças sociais a partir de argumentos biológicos foi um processo paralelo à consolidação da medicina e da classe médica como autoridades aptas para tratar de questões morais e sociais. Os eugenistas, ao elaborar esses projetos e propostas, procuraram envolver a instituição familiar, tanto para efetuar suas propostas "biológicas", baseadas no controle da hereditariedade, quanto na propagação e perpetuação do caráter ideológico desse processo. A interiorização dos valores hierárquicos das relações sociais nas relações familiares foi engendrado como mais uma maneira de naturalizar relações de dominação, exploração e exclusão, as quais são, na verdade, historicamente construídas, seja do rico em relação ao pobre, do patrão em relação ao empregado, do homem em relação à mulher e à criança ou do branco em relação ao mestiço e ao não branco em geral.

---

[70]Dr. G. Giuliano Perondi, "O Problema da Tuberculose do Ponto de Vista da Eugenia", *op. cit.*, p. 3.

[71]Oliveira Vianna, "O eugenismo das elites", in: *Boletim de Eugenia*, nº 29, 1931, p. 2. Ver também Oliveira Vianna, "Os typos eugenicos" (citado do *Correio da Manhã),* in: *Boletim de Eugenia*, nº 19, 1930, pp. 3 e 4.

A preocupação desses grupos com temas como família, casamento e moral apontam para o objetivo da preservação da ordem social, para o saneamento da sociedade e depuração do homem e da nação brasileira. Torna-se claro que os argumentos referentes à proteção da família, ou simplesmente à regeneração "racial", estavam associados a um projeto de intervenção social, projeto de nação eugênica e de hierarquia social. Este estava baseado na concepção segundo a qual o direito e a liberdade individuais deveriam estar subordinados aos interesses nacionais, legitimando um Estado centralizado e interventor.[72] Na década de 30, a Ação Integralista Brasileira (A.I.B.), que compartilhou com outros grupos um projeto de Estado autoritário, beneficiou-se com este processo e compartilhou dessas concepções.

Isto não significa que os integralistas estivessem de acordo com a maioria das propostas que mesmo entre os médicos mantinham-se polêmicas. Certamente muitas opiniões médicas foram consideradas por demais "modernas" diante do aspecto mais conservador do movimento. Ainda nos anos 20, questões como a esterilização e a própria educação sexual causaram alvoroço entre grupos católicos e futuros integralistas. Antes mesmo da fundação da Ação Integralista Brasileira, Gustavo Barroso e outros personagens da reação católica reagiram negativamente ao projeto do deputado-médico Oscar Penna Fontenelle à Câmara dos Deputados, em 1928, que defendia o ensino obrigatório de educação sexual nas escolas públicas.[73]

Além disso, após o fechamento da A.I.B. em 1937, o médico José de Albuquerque divulgou no *Boletim de Educação Sexual* que, após ter sido convidado inúmeras vezes para integrar o movimento dos integralistas, estes passaram a dirigir-lhe sistemáticos ataques.[74]

[72]Intelectuais como Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Francisco Campos, associados ao governo Vargas e ao Estado Novo, desenvolveram essa discussão e forneceram a fundamentação que o projeto eugênico de Nação necessitava. Em troca, os debates eugênicos reforçam o projeto de Estado autoritário, alimentando os programas políticos e sociais de uma sociedade una, indivisa e homogênea. Ana M. M. Fonseca, *op. cit.*, capítulo 4; e Júnia Sales Pereira, *op. cit.*, pp. 92 a 97.

[73]Segundo Carrara, o artigo que contém a crítica de Gustavo Barroso foi publicado em *O Paiz*, antes fundação da A.I.B. Ver Sérgio Carrara. *Tributo a Vênus*. *op. cit.*, p. 245. Este documento não foi localizado em nossa pesquisa.

[74]*Boletim de Educação Sexual*, nº 43, 1938, p. 1. Apud Sérgio Carrara, *op. cit.*, pp. 269 – 270. Ainda neste momento, segundo Carrara, Albuquerque teria passado a apoiar ostensivamente o

Apesar dos conflitos, das diferenças e das possíveis associações entre as propostas de educação sexual e o comunismo[75], entre as críticas que esta sofria, o convite integralista a Albuquerque não é improvável, já que este explicitava, muitas vezes, a idéia de que a educação sexual combateria idéias subversivas que ameaçavam a família, além de combater os excessos e a imoralidade na conduta sexual – idéias que agradavam os grupos mais conservadores.

Desta forma, o exame pré-nupcial chegou a fazer parte do programa de certos grupos que passariam a integrar o movimento integralista[76], e a preocupação eugênica encontrava-se ainda nos programas da A.I.B. A *Resolução* de nº 39, publicada no *Monitor Integralista* em 1934, e que visava regulamentar a instrução doutrinária dos integralistas, incluía a preocupação com questões como educação sexual, prostituição e desvios sexuais no item denominado "eugenia e moral", o qual estava subdividido em "defesa da raça" e "problema sexual". E em maio de 1936, o mesmo periódico anuncia entre os objetivos "imediatos" da A.I.B. a "eugenia da raça, pela pratica methodizada do athletismo da gymnastica e dos sports", além de assistência social direcionada a mães e crianças.[77]

Isto evidencia a relação desenvolvida entres estes discursos médicos e integralistas. As polêmicas que estas questões suscitaram entre esses grupos não mudam o fato de eles terem compartilhado uma concepção da instituição familiar e de sua importância para a nação. A exposição que a medicina realizou da vida privada, a intenção de submetê-la ao interesse maior da nação, por meio da divulgação da noção de auto-controle e controle institucional, no integralismo foi radicalizado como disciplina e obediência ao Chefe Nacional.

Estado Novo, apesar de sua candidatura a deputado federal ter sido cassada com o golpe de 37.

[75]Sérgio Carrara, *op. cit.*, pp. 224 e 225.

[76]Carrara refere-se especialmente à Ação Social Brasileira (Partido Nacional Fascista). Sérgio Carrara, *op. cit.*, p. 255.

[77]*Monitor Integralista*, nº 7, 15/08/1934, pp. 3 e 4; e nº 14, 15/05/1936, p. 3.

2

A SAGRADA FAMÍLIA:
AS BASES DA CONCEPÇÃO INTEGRALISTA

A Ação Integralista Brasileira, a A.I.B, surgiu a partir de uma série de pequenos grupos e partidos que se aglutinaram em torno da liderança de Plínio Salgado e de questões como o processo de renovação católica e o crescente nacionalismo dos anos 20. De outubro de 1932, quando foi fundada, até o ano de 1937, quando Vargas exigiu seu fechamento, a A.I.B constituiu uma sólida organização política, que reuniu milhares de adeptos. Nas eleições de 1936, a A.I.B. elegeu quase 3 mil vereadores no país, 20 prefeitos e quatro deputados estaduais. Seu projeto político foi marcado pelo antiliberalismo, anticomunismo e por uma proposta corporativista de centralização do poder estatal,[1] além de um teor totalitário.[2]

A elaboração do sentido e do papel da família para o movimento integralista foi realizada pelos principais representantes — como Gustavo Barroso, Miguel Reale e o chefe único do movimento, Plínio Salgado — e, como parte da estratégia de doutrinação e propaganda do movimento, foi constantemente repetida nos periódicos integralistas e nos textos de seus teóricos.[3] Apesar do lema do "culto de Deus, da Pátria e da Família" ter sido incluído em seus estatutos apenas durante o *Segundo Congresso Integralista*, realizado em Petrópolis no ano de 1935, a organização familiar já era considerada a base da sociedade e um dos elementos fundamentais do projeto político

[1]Hélgio Trindade. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30.* São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Univ. Federal do Rio Grande do Sul, 1974, pp. 9 a 12 e 124 a 126; Jorge Zaverucha. "A questão do integralismo diante da herança fascista" in: *Ciência & Trópico.* Recife, 12 (2): 241-253, jul./dez., 1984.

[2]Sobre o totalitarismo em Plínio Salgado ver: Ricardo Benzaquen de Araújo. *Totalitarismo e Revolução – o integralismo de Plínio Salgado.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p.21. Sobre a presença de uma disposição totalitária nos anos 30, tanto na direita quanto na esquerda política brasileiras ver: Eliana Dutra. *O ardil totalitário: o imaginário político no Brasil dos anos 30.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997

[3]Sobre a importância do impresso – livro e jornal – como fator de divulgação e conquista de adeptos e responsável pela homogeneização do pensamento integralista de norte a sul do país, ver Rosa M. F. Cavalari, *Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 – 1937).* Bauru, SP: EDUSC, 1999, capítulo 2.

integralista, como podemos identificar no *Manifesto de Outubro*, publicado por ocasião da fundação da A.I.B., em outubro de 1932:

> "O Homem e a sua família precederam o Estado. O Estado deve ser forte para manter o Homem integro e a sua família. Pois a família é que crea as virtudes que consolidam o Estado. A liberdade moral da família é o sustentáculo da liberdade e da força do Estado. O Estado mesmo é uma grande família, um conjunto de famílias. Com esse caráter é que ele tem autoridade para traçar rumos á Nação."[4]

A imagem da família como metáfora do Estado autoritário, ou da ordem social, aparece também na revista *Anauê!*, publicada no Rio de Janeiro.[5] *Anauê!* define a nação como "uma grande sociedade de familias, vivendo em determinado territorio, sob o mesmo Governo, sob a impressão das mesmas tradições historicas e com as mesmas aspirações e finalidades".[6] Plínio Salgado utiliza a imagem da proteção da família na introdução de *O que é o integralismo*, obra esta destinada ao "brasileiro modesto", que deve se preocupar com o futuro de seus filhos, ameaçado pelo comunismo e pelo liberalismo. Este último é acusado de levar fatalmente à proletarização e à luta entre as classes e, conseqüentemente, ao comunismo e ao anarquismo.[7] Salgado traça a ameaça à família como ameaça à Pátria e, inversamente, a ameaça à Pátria como ameaça à família, uma vez que ambas são associadas, e que a nação (aqui como sinônimo de território nacional) aparece como o "lar" da família nacional:

> "Si a vida se torna mais difficil, - pobres creanças! - que será dellas? Si vamos para o comunismo e a anarchia - infeliz geração! - terá de submetter-se a uma ordem moral que não é a tua... Si continuamos a ser uma Patria dividida

---

[4]"A Família e a Nação" in: *Manifesto de Outubro*. Reproduzido no *Monitor Integralista*, nº 9, 03/03/35, pp. 9-10.

[5]Em relação ao Estado Novo, ver as relações que Caulfield apresenta entre as definições sobre a honra nas famílias e os debates sobre o futuro da nação, em que a família funcionaria como metáfora central da ordem social. Sueann Caulfield. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp/CECULT, 2000, p. 332 e 333.

[6]*Anauê!*, nº 4, outubro de 1935, p. 27.

[7]Uma discussão sobre como os teóricos que acabam por fundamentar o Estado Novo desenvolveram uma condenação da democracia liberal, chegando à proposta autoritária de governos é feita no artigo de Maria Stella M. Bresciani, "As voltas de um parafuso", in: *Cadernos de Pesquisa 2 – Tudo é História*, São Paulo: brasiliense, 197, pp. 8 a 20.

em Estados que luctam pelo Poder Federal, novas guerras civis chacinarão teus meninos, quando forem moços! Sei quanto te atormentas, patricio, nas horas em que as difficuldades da tua vida te dizem que alguma cousa está errada, no governo. Por isso é que te offereço este livro, para te dizer, na intimidade de teu lar, que eu tenho abandonado muitas vezes a minha casa, *para me pôr a trabalho pela tua familia*. Quero que leias com attenção estas paginas e venhas, em seguida, labutar neste serviço de Deus e da Nação, garantias da tua dignidade e do futuro de teu filho.(...) Será como si trabalhasses a erguer a casa onde deverão habitar teus filhos, *porque a Nação é a moradia perenne da nossa Raça*."[8]

Desta forma, Salgado traça uma imagem da nação como uma grande família, e do território nacional como sua "casa". Num momento em que a imagem de heterogeneidade e fragmentação social era vista por vários setores da sociedade como origem de conflitos e tensões, o apelo ao patriotismo e ao nacionalismo explora temores da divisão do social, enfatizando a imagem de segurança da família.[9] Essas associações são usadas constantemente, como por ocasião do lançamento do primeiro número de *Anauê!*, em que a revista é apresentada como a "netinha" do Chefe Nacional, e que todos os camisas-verdes são seus "padrinhos", com a obrigação de "amparar" a "afilhadinha", "vesti-la com as melhores photographias, alimentá-la com a vitamina duma collaboração substanciosa mas não indigesta e tudo fazer para que seja conhecida e amada em todos os lares brasileiros".[10] Ainda sobre o periódico, diz-se que seu "mundo" é o "lar das familias do Brasil" e que surgiu para "servir" ao Brasil "falando junto ás lareiras familiares a palavra da confiança no seu destino e da certeza na sua gloria".[11] Concebida para alcançar os "lares" brasileiros, *Anauê!* apresenta um

[8]Plínio Salgado. *O que é o integralismo*. Rio de Janeiro, 1933, pp. 7 e 8.
[9]Eliana Dutra, *op. cit.*, p. 150. Ver também o interessante trabalho de Sueann Caulfield, em que esta relaciona a questão da honra das famílias aos debates sobre o futuro da nação, a partir da evolução dos debates jurídicos nas primeiras décadas do século XX. Caulfield afirma que os debates sobre a definição de honra sexual se intensificaram junto com o aumento dos conflitos sociais nas décadas de 1920 e 1930. Sueann Caufield. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp/CECULT, 2000, p. 35.
[10]*Anauê!*, nº 1, janeiro de 1935, s. p.
[11]*Anauê!*, nº 13, 01/03/37, p. 15.

intenso investimento em assuntos relacionados à família, à conduta de seus membros, à ameaça comunista de destruição da família, e à importância de seus membros para o integralismo, que distingue este periódico daqueles que priorizaram outras questões.

Apesar da presença dos termos "liberdade" e "autonomia" da família — assim como de todas as áreas sociais —, estes são entendidos apenas como submetidos a um interesse maior, que é o do Estado Integral. Isto é visível na seguinte afirmação de Barroso sobre o que o integralismo entende por município:

> "O municipio é uma reunião de familias. A origem do municipio na familia torna-o sagrado, intangivel, em tudo o que disser respeito a seus interesses peculiares. Esses interesses, porém, como os individuais, não podem exorbitar ao ponto de a si proprios se ferirem. Assim, o Integralismo, mantendo a autoridade moral do municipio, subordina-os aos interesses da Região ou da Nação, em tudo o que se relacionar com os serviços de caráter geral e técnico."[12]

Portanto, a família não possui autonomia, já que seus interesses podem "exorbitar ao ponto de a si proprios se ferirem" ou, como afirma Plínio Salgado, que "sendo o Homem e a Família fracos para reagirem sózinhos contra tão grande perigo", como a considerada ameaça do marxismo, devem ser protegidos pelo Estado Integralista.[13] Tal autonomia é negada a toda a sociedade: "Quantas vezes, o Chefe Nacional não tem dado a lição de que devemos contrariar a multidão, quando errada, e de que o nosso destino é salvar o Brasil, mêsmo contra a sua vontade?"[14]

Na "Declaração de Princípios" da Carta Brasileira do Trabalho, elaborada por Gustavo Barroso, este diz que a família é permanente e invariável, constituindo o fundamento do Estado Integral. Desta forma, a família seria como uma:

> "Projeção do Homem no Tempo, ligando-o ao Passado e ao Futuro, e tambem no Espaço, sobre as Pessôas, alicerçada na Natureza Humana,

[12]Gustavo Barroso. *O que o integralista deve saber. op. cit.*, p. 53.
[13]Plínio Salgado. *O conceito cristão da democracia*. Coimbra: Edições Estudos, 1945, p. 83.
[14]Gustavo Barroso. *Integralismo e Catolicismo, op. cit.*, p. 102.

anterior e superior ao Estado, não póde ser alterada nem desvirtuada na sua base cristã, devendo ser provida de meios que lhe assegurem a Liberdade Moral e a Independencia Economica."[15]

Para assegurar tal "liberdade" e "integridade" definida pelo integralismo, a Família deveria ser "protegida" pelo Estado. Barroso afirma que "o Estado Integral mantém, ampara, defende e provê a existência da Família, que é a sua base"[16], apresentando o integralismo como o único capaz de "proteger" esta instituição. Entre as propostas apresentadas em 1934 no *Monitor Integralista*, a "proteção" da família está vinculada à "missão social" que esta deve desempenhar:

> "*Sustentar a Integridade da Familia,* mas lastreando a sua liberdade e a sua comunhão de affectos com bases econômicas solidas (e *NÃO* abandonar a Família a mingua de toda estabilidade e segurança e sem nenhuma possibilidade de cumprir a sua missão social de educação moral da creança e de seu encaminhamento na vida)."[17]

Para tanto, ainda segundo estas mesmas propostas, a garantia da propriedade privada era considerada essencial. Assim, defendia-se o "respeito" à propriedade privada "até o limite imposto pelo bem commum, estimulando mesmo as iniciativas individuaes (e NÃO negando ao homem o direito de constituir um patrimonio para si e para seus filhos)".[18]

Segundo Salgado, o integralismo possuía a responsabilidade de "proclamar contra os obcecados do *Individualismo* os deveres do Homem para com a Família, a Sociedade e a Pátria."[19] Barroso acusava o Estado Comunista de destruir a Família entregando a "prole" à tutela do Estado, e o Estado Liberal era acusado de abandonar a Família, ao deixá-la sem "estabilidade" e "segurança", as quais estariam garantidas pelo Estado Integralista. Apenas no Estado Integral, a Família poderia cumprir sua "missão social de educar os filhos e encaminhá-los na vida".[20]

---

[15]*Ibidem*, p. 282, artigo V.
[16]Gustavo Barroso. *O que o integralista deve saber. op. cit.*, pp. 59 e 60.
[17]"O que quer o Integralismo", in: *Monitor Integralista, op. cit.*
[18]*Ibidem.*
[19]Plínio Salgado. *O conceito cristão da democracia, op. cit.*, p. 130.
[20]Gustavo Barroso. *op. cit.*, pp. 59 e 60.

Reale afirma que o Estado integralista tem por objetivo combater todos os fatores que promoviam a desagregação familiar. E o faz assegurando as "condições materiais que garantem uma verdadeira communhão da affectos". O integralismo se propõe a defender, segundo o autor, a generalização do "bem de familia", o "salario familiar no plano econômico e o "voto familiar" no plano político. Suprimir os impostos que "pesam extraordinariamente sobre a economia familiar" também seria uma de suas ações, estimulando assim a geração de "muitos filhos e de filhos fortes" para a Pátria.[21] De acordo com essa visão, o Monitor Integralista divulga ser o papel do Estado Integral o de "supervisionador e orientador da Economia Nacional, objectivando a melhor distribuição da propriedade, como garantia material do instituto da Família".[22]

Miguel Reale define a família como "a célula ethica e biológica da Nação, a instituição fundamental da qual depende a grandeza da República, não só por ser a condição primeira da robustez physica dos homens, mas ainda porque é o repositorio de seus valores espirituaes mais sagrados".[23] Com isso, Reale reuniu os valores divulgados pelos debates dos médicos eugenistas, tanto os que atribuíam à família papel de destaque na definição da "raça" nacional como "raça forte", para a constituição de uma nação forte, quanto os valores que consideravam a família capaz de reproduzir uma ideologia, comportamentos, tradições e relações sociais. Estes valores percorrem as falas integralistas sobre o tema como um todo, mesmo quando a herança, anunciada é a cristã e católica.

Gustavo Barroso identificou a família como um elemento "moral" da nacionalidade, juntamente com a Religião, por envolverem estas as "tradições do Povo e o genio da Raça", e afirmou ser a família "uma projeção do próprio indivíduo", pois "é defendido pelos limites da Família, que o homem evita a sua queda no abismo coletivista. Enquanto existir a Família, o Indivíduo encontra a sua liberdade garantida contra os excessos do sentimento coletivista da

[21]Miguel Reale, *op. cit.* p. 110
[22]*Monitor Integralista*, 15/05/36, nº 14, p. 3.
[23]Miguel Reale. *Perspectivas Integralistas*. São Paulo: Ed. Odeon, 1935, p. 110.

existência".[24] A imagem que se apresenta é de que o Estado deve garantir a segurança da família, porque é ela que protege o indivíduo dos perigos da vida pública.

Os integralistas usaram o tema da família para definir sua oposição aos sistemas que condenavam, isto é, a democracia-liberal e especialmente o comunismo. E recorreram à doutrina católica para legitimar sua concepção de família. Ao determinar o liberalismo e o comunismo como os fatores responsáveis pelos conflitos e tensões vividos pela sociedade naquele momento, os integralistas definiram estes inimigos como externos à realidade brasileira. Por negarem a existência de conflitos internos, afirmam ser o liberalismo e o comunismo ameaças à ordem, à sociedade, à Nação, à família etc, como algo que vem de fora, isto é, modelos importados, que não servem para a realidade brasileira.

A geração que foi marcada pelo período de efervescência cultural e política dos anos 20 e pela profunda herança de autoritarismo, de influência positivista, que caracterizou a Primeira República, possuía em comum o nacionalismo. Essa vertente nacionalista viu surgir duas correntes: uma que apoiará o Estado Novo, e outra que estará vinculada ao movimento integralista.[25] Nesse sentido, é importante ressaltar os princípios defendidos por nomes associados à primeira corrente, como Oliveira Vianna[26], Azevedo Amaral e Francisco Campos. Estes travaram discussões em torno do amparo e proteção à família, da proibição de certas alianças matrimoniais, da obrigatoriedade de exames pré-nupciais, da regulamentação do trabalho feminino, partindo de uma nova concepção de direito: a subordinação dos interesses dos indivíduos ao

---

[24]Gustavo Barroso. *O que o integralista deve saber,* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937, 5ª edição, p. 45.

[25]Jorge Zaverucha. "A questão do integralismo diante da herança fascista" in: Ciência & Trópico. Recife, 12 (2): 241-243, jul./dez., 1984, p. 244.

[26]O anúncio da organização do Congresso Integralista de Vitória, aponta a participação de Oliveira Vianna, na Sub-Comissão da Campanha Cultural, Artística e Cívica, juntamente com Gustavo Barroso, Miguel Reale, entre outros), e indica ainda a presença de Vianna no Departamento de Estudos do núcleo da "Província" do Rio de Janeiro. Ver *Monitor Integralista,* nº 3, 1ª quinzena de janeiro de 1934, pp. 1 a 3; Ver ainda nº 7, 15/08/34; e nº 11, 25/08/35, p. 2.

interesse supremo da coletividade. Caminhos não muito distintos dos que percorreram os integralistas.

Em maio de 1935, o *Monitor Integralista* afirma que o movimento "promoverá a revisão da legislação vigente no sentido de garantir o predomínio do social sobre o individual" e que, no integralismo defende-se "o primado do espiritual sobre o moral, do moral sobre o social, do social sobre o nacional, do nacional sobre o individual".[27] De acordo com Gustavo Barroso, o integralismo "entende" o homem como um ser de "triplice aspiração": material, intelectual e moral, e que essas apirações devem ser satisfeitas "dentro dos limites impostos pelo imperativo da harmonia social".[28]

Ao abordar o tema da justiça entre as propostas do movimento integralista, a referência principal era o pensamento social de Oliveira Vianna:

> "Justiça Unificada e Barata, capaz de infundir confiança a todas as classes e crear o respeito a autoridade da Nação (nesse sentido, o nosso companheiro Oliveira Vianna, gloria da sociologia nacional, tem realizado notaveis estudos). A justiça deve ser nacional e não provincial; e, em relação aos interesses do Capital e do Trabalho, o integralismo pretende crear uma magistratura especial, capaz de evitar a luta de classe, que é o instrumento do communismo, (e NÃO mais, portanto, esse apparelhamento archaico, moroso, incoherente da justiça como tem sido no regimen liberal-democratico)."[29]

Para o nacionalismo que envolveu os intelectuais a partir dos anos 20, duas questões se mostraram essenciais. A primeira era considerada como o "desconhecimento da realidade brasileira pelos brasileiros" e a segunda a "necessidade de livrar-se de modelos políticos, teóricos e culturais importados".[30] Desta forma, no pensamento conservador e autoritário, "a série natural, real e nacional se opõe à série artificial, legal, importada, havendo uma sobreposição

---

[27] *Monitor Integralista*, nº 14, 15/05/36, pp. 3-4.
[28] Gustavo Barroso. *O que o Integralista deve saber. op. cit.*, pp. 43-44.
[29] "O que quer o Integralismo", in: *Monitor Integralista*, nº 5, 25/02/34, p. 6. Este texto corresponde ao capítulo V da obra de Gustavo Barroso. *O que o Integralista deve saber. op. cit.*
[30] Marilena Chauí. "Notas sobre o pensamento conservador nos anos 30: Plínio Salgado" in: Reginaldo Moraes, Ricardo Antunes e Vera B. Ferrante (orgs.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 27 a 42, e Maria Stella M. Bresciani, *op. cit.*, pp. 17 e 18.

dos termos que acabam por identificar-se"[31], e nesse sentido, a figura do inimigo estrangeiro nas manifestações nacionalistas, além de exercitar a fé patriótica do povo, atua na construção da identidade, na autodefinição do grupo social ou do grupo nacional.

Em relação à concepção de Direito, já o *Manifesto de Outubro* integralista afirmava, no item 5, o desejo de "crear um direito publico nosso, de acordo com as nossas realidades e aspirações, um governo que garanta a unidade de todas as Provincias".[32] A preocupação com o conhecimento dos problemas "reais" do Brasil encontra-se presente ainda no programa de estudos do Departamento de Doutrina. Entre os temas a serem investigados constavam, entre várias outras "questões nacionais", o item "Organização social", que se referia primeiro à organização da família (dividida nos sub-itens: "o casamento, o malthusianismo e o populismo") e depois à sua manutenção (dividida nos sub-itens "o divorcio, a successão e o patrimonio"). O item "Educação" visava a "educação moral", a "educação intelectual" e a "educação physica" e o item "Demogenia" envolvia o estudo do "saneamento" (a "educação sanitaria" e a "prophylaxia"), da "demographia sanitaria" (as "endemias" e a "salubridade"), e da "eugenia e moral" (a "defesa da raça" e o "problema sexual" – este subdividido em "educação sexual; prostituição; e desvios sexuaes").[33] Assim como as questões da imigração, da medicina social e da "defesa sanitaria", a assistência social e as questões de "direito substantivo privado" mostram-se presentes na estrutura da "Secretaria de Doutrina".[34]

Nesse sentido, os integralistas por vezes realizavam um esforço de negar a influência fascista européia sobre a Ação Integralista Brasileira[35], buscando apresentar o movimento como algo genuinamente brasileiro e coroado por uma

[31]Marilena Chauí, *ibidem*, p. 28. Ver ainda Eliana Dutra, *op. cit.* p. 152.
[32]*Manifesto de Outubro* de 1932, *op. cit.*, item 5°.
[33]De acordo com o *Monitor Integralista*, o Departamento de Estudos serviu-se do "plano geral de pesquisas, organizado pelo Centro de Estudos Juridicos e Sociaes, e publicado na 'Revista de Estudos Juridicos e Socieas' de maio de 1931", vol. II, n° 3, in: *Monitor Integralista*, n° 7, 15/08/34, pp. 1 e 2.
[34]"Regulamentação da 'Secretaria de Doutrina'", in: *Monitor Integralista*, n° 9, 03/03/35, p. 5.
[35]Jorge Zaverucha, "A questão do integralismo diante da herança fascista" in: *Ciência & Trópico*. Recife, 12 (2): 241-243, jul./dez., 1984, p. 250.

simbologia nacional. Outras vezes, contudo, a forte expansão fascista na Europa era também utilizada como forma de propaganda para o movimento. Salgado passa a afirmar, então, que os problemas, a "crise" que afetava o Brasil, teria muito em comum com o que se passava em outras nações, referindo-se às que estavam sob o fascismo:

> "Só então poderemos impôr unidade moral, unidade economica e unidade política, a esta triste sociedade do nosso paiz, que soffre os mesmos males das sociedades de todos os paizes fatigados de sciencia."[36]

Buscando fundamentar suas propostas nos caminhos percorridos pelo fascismo europeu, o integralismo apresentava-se como genuinamente nacional. O integralismo, como movimento nacional, seria a solução, portanto, contra o liberalismo, importado para responder aos "interesses da burguesia"[37], e contra o comunismo, importado pelas classes trabalhadoras.

Com relação à propalada ameaça à instituição familiar, o discurso integralista tomou para si a missão de protegê-la e ainda restaurar a moral pertencente às relações familiares contra a ameaça comunista. O tema da maternidade foi utilizado pelo integralismo para demonstrar o "ódio terrível" dos comunistas pela família, que resultava na busca pela sua destruição. Gustavo Barroso, em sua obra *Integralismo e Catolicismo*, apresenta a afirmação seguinte como realizada por uma representante do governo comunista soviético:

> "Para que a Revolução possa vencer, precisamos da mulher. Para obtê-la, temos de arrancá-la ao lar, destruindo nela o sentimento egoista e instintivo do amôr materno. A mulher que ama seus filhos não passa duma cadela, duma fêmea"[38]

Enfatizando a violência dos termos atribuídos ao discurso (feminino) comunista, Barroso pôde então defender os dois elementos fundamentais com os quais o integralismo caracterizou a maternidade. O primeiro refere-se à maternidade como o que a mulher tem de "mais sagrado": "A mulher que lêr isso e fôr comunista não é mulher, é uma degenerada incapaz da gloria da

[36]Plínio Salgado. *Psychologia da Revolução. op. cit.*, p. 186.
[37]*Ibidem*, p. 245.
[38]Gustavo Barroso, *Integralismo e Catolicismo*, *op. cit.*, p. 72.

maternidade." E o segundo se encontra no fato de que a fala da comunista afirma que o amor materno é um instinto que deve ser destruído em favor da Revolução. Para Barroso, negar o instinto é um crime contra a "natureza". Tanto quanto a maternidade, a família é apresentada como uma lei natural, pois, como afirma Barroso, ela corresponde à "primeira necessidade do homem e que um verdadeiro estado de promiscuidade nunca se observou de verdade entre povo algum".[39]

A instituição familiar aparece, portanto, profundamente ameaçada por uma "anarquia sexual"[40], compreendida como parte integrante do programa comunista e que ameaça e corrompe sobretudo a mulher, ou melhor dizendo, o matrimônio e a maternidade. *Anauê!* apresenta o que são denominados de "dez mandamentos comunistas". Entre eles encontram-se "Odiar o senhor, vosso Deus", "Desprezar pae e mãe", seguido da informação de que a aniquilação da família é necessária para a revolução. Outro mandamento seria a "Impureza", que é traduzida como uma iniciação das crianças na vida sexual, levando "meninas impuberes" à maternidade. "Desejar a mulher do próximo" e "nenhum casamento; amor livre" completam os mandamentos comunistas especialmente relacionados à sexualidade, ou à imagem de "anarquia sexual".[41]

Ao narrar uma excursão que realizara ao "alto sertão de Pernambuco", o integralista Eurípides Cardoso de Menezes, coordenador de *Anauê!,* afirma ter apresentado para o "audictorio sertanejo" o que era o Comunismo:

> "na Russia, onde o communismo venceu, não ha honra de familia: a moça pode casar-se 90 vezes por mez, se quizer, ou se tiver tempo... Que a mãe não tem o direito nem de amamentar o seu filhinho, porque até o leite materno é socializado, engarrafado e mandado para as creches..." [42]

---

[39] *Ibidem*, pp. 72-73.

[40] Reich apresentou elementos mostrando que o nacional-socialismo utilizou-se do medo e da ansiedade em relação à questão sexual e procurou apresentar a imagem do comunismo como defensor de uma "anarquia sexual": "O movimento anti-revolucionário originou-se nas crenças da reação, que são sustentadas pelo modo de existência da classe média baixa e pelo misticismo ideológico. O alvo principal da política cultural da reação política é a questão sexual". Wilhelm Reich, *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972, p. 106

[41] "Os Dez Mandamentos Communistas" apresentados pelo Cônego Mello Lula em *Anauê!*, nº 11, julho de 1936, p. 26.

[42] *Anauê!*, nº 6, 1ª quinzena de janeiro de 1936.

Ainda na mesma edição de 1936, *Anauê!* assim descreve os eventos ocorridos por ocasião da Intentona Comunista, em novembro de 1935:

> "Caminhões cheios de bandeiras vermelhas, gritos, ameaças, insultos! Prostitutas armadas e eloqüentes, distribuiam prospectos concitando as familias á adhesão. E gritavam que 'tudo era igual e que se acabara essa história de muié casada..."[43]

A integralista universitária Nair Nilza Perez escreve em *Anauê!*[44] condenando o que ela afirma ser a criação de um partido feminista em Minas Gerais. Segundo Perez, o partido possuía por finalidade a "conquista de todos os direitos publicos para a mulher, a igualdade dos sexos, a completa liberdade feminina", como princípios para a salvação do Brasil. Perez afirma que:

> "O Komintern ordenou aos seus sequazes que destruissem a familia para que o comunismo se implantasse no Brasil e esta destruição deveria ser feita pela creação de partidos feministas que luctariam pelo direito da mulher se libertar do lar e dos filhos, destruindo, assim, totalmente, o espirito familiar, reducto ultimo contra o qual se choca a onda dissolvente do materialismo bolchevista. (...) É absurdo e extravagante que no momento em que a humanidade procura defender o seu mais natural direito que é o de existencia, contra o qual os vandalos communistas attentam, as mulheres saiam pelas ruas defendendo os direitos femininos. Dividir um exercito, no momento decisivo da batalha, por preconceitos de raça, sexo ou casta é não desejar a victoria, não amar a sua bandeira. (...) Separar os brasileiros, já tão divididos pela politica, em sexos é entregar a Nação brasileira ao adversario do Espirito da Patria. As mulheres nacionalistas e christãs lançam o seu grito de combate á fundação desse partido porque não nos interessam, os nossos direitos femininos quando os direitos da Patria e da Christandade estão ameaçados. Luctemos pela libertação da Patria e pela resolução do Problema Brasileiro. Libertada aquella e

[43] *Ibidem.*

[44] Nair Nilza Perez coordenou a seção "Senhora!", na revista *Anauê!*, que contou, além de seus artigos, com receitas culinárias, modelos de roupas femininas e receitas de remédios caseiros. Perez é apresentada como universitária no *Monitor Integralista,* por ocasião da divulgação do nomes dos membros da Câmara dos 400 (orgão constituído por integralistas com "relevantes serviços prestados ao Movimento", sendo que cada Província deveria apresentar 10 membro, e os demais viriam da escolha do Chefe Nacional. Perez fez parte da Câmara, juntamente com mulheres como a viúva Caetano Spinelli, Ida Reale, Regina Reale, Maria Telles Ferreira, Marilia da Rocha Vaz Bernardelli e a professora Santa Guerra. In: *Monitor Integralista*, nº 20, 1937.

resolvido este, as mulheres brasileiras serão felizes e estarão tranquillas com os seus direitos, humanos e natuares, assegurados."[45]

Possivelmente pelas críticas ao tal partido feminista, *Anauê!* noticia que Perez tornou-se "alvo de brutaes ameaças de autoridades facciosas em Minas Geraes".[46] O comunismo torna-se um pretexto para a reafirmação da divisão entre os gêneros, assunto aprofundado no capítulo seguinte deste trabalho. Apesar de o movimento integralista possuir milícias femininas, o periódico *Anauê!* divulgou notícias da dissolução dos batalhões femininos soviéticos em razão de os comunistas terem percebido que as mulheres constituíam "elementos prejudiciais nos campos de batalha". A notícia conclui por esta maneira: "Até que enfim, a Russia Sovietica reconhece que a mulher não póde ter os mesmos deveres dos homens... e nem os mesmos direitos..."[47]

O discurso integralista, ao definir a "anarquia sexual" comunista, o "amor-livre", ou a "prostituição como regra geral" como as "terríveis" ameaças à instituição familiar, aproxima-se do modelo do matrimônio sacramentado na Igreja e que possui como pontos centrais a fidelidade e a submissão feminina para com o homem. Desta forma, qualquer comportamento ou relação que não siga este modelo pode aparecer como sinônimo de comportamento comunista. Mas é preciso lembrar que os discursos médicos também condenavam esses mesmos fatores associados à "anarquia sexual" como comportamentos não saudáveis, como sinônimos de descontrole sexual e ainda propagadores de doenças venéreas, que comprometiam a nação brasileira como um todo.

Nilza Perez afirmava, já em 1937, que a família, para desempenhar o seu papel de perpetuadora da especie e formadora de personalidades, necessitava estar apoiada em "bases sólidas", como a propriedade privada, a "segurança" dos vínculos matrimoniais e o direito de educar os filhos. Bases estas que estavam ameaçadas pelo comunismo, que, fazendo do Estado o "unico proprietario", "atira a familia as casa de comodo onde vivem milhares de pessôas na mais revoltante

[45]Nair Nilza Perez, sem título, in: *Anauê!*, nº 19, 01/09/37, p. 58.
[46]*Ibidem*, p. 8.
[47]*Anauê!*, nº 20, 01/11/37, p. 45.

e odiosa das promiscuidades". Assim, partindo dos mesmos termos utilizados por Gustavo Barroso, Perez diz que o "casamento passa a ser uma prostituição officializada e a mulher fica sem nenhuma garantia para a sua debilidade e fraqueza". O Estado Soviético, segundo Perez, "rouba aos paes o direito a educação dos filhos" e faz da "celula primeira da sociedade um aglomerado sem expressão e sem valor social".[48]

Afirmando realizar a defesa da "família cristã", Perez diz que é a parte "incontaminada" da "Nação" que deve reagir, lembrando a associação médica entre "desordem" social e doença. Perez tenta ainda explicar como o liberalismo e o comunismo possuíam o mesmo potencial destruidor da família:

> "Na classe rica a familia desvirtuou-se porque o excesso de riqueza corrompeu os costumes e fez com que a mulher se unisse ao homem, não por um sentimento superior, mas visando vida mais facil e mais livre. Os filhos são mandados desde a mais tenra idade para os 'jardins de infancia' e colegios porque os paes preocupados com os negocios, as diversões, os deveres sociaes não têm tempo disponivel para cuidar dos herdeiros de seu nome, de sua fortuna. Nesta sociedade corrompida ha aparencia de familia, mas no fundo, no amago o espirito familiar não tem mais acolhida nestes meios.
>
> A par desta destruição, vemos a familia do proletario se materializar, perdendo o sentido christão que a envolvia. Ahi, porque a falta de meios, o salario insuficiente, levou a mulher e as creanças para as fabricas e pôz no homem o horror pelo casamento devido á responsabilidade de chefe de um lar."[49]

Mas apesar da distinção entre os dois "tipos" considerados de organização familiar, é significativo que aqui Perez aponta soluções apenas para a família operária, como a "melhoria das condições econômicas", o "salario

---

[48]Nair Nilza Perez, seção *Senhora*, in: *Anauê!*, nº 21, 01/11/37, p. 49.

[49]*Ibidem*. A preocupação integralista com a classe operária fica evidente ainda na destinação de escolas integralistas para os trabalhadores. Ver o anúncio de escola integralista para operários no Rio de Janeiro, no núcleo distrital do "Fonseca", com ensino gratuito e a matrícula efetuada de 30 alunos, fundada logo no final do ano de 1933, in: "Inauguração de uma escola integralista para operarios", in: *Monitor Integralista*, nº 1, 1ª quinzena de dezembro de 1933, p. 1. Escolas integralistas gratuitas destinadas a operários e crianças no Ceará, na Bahia e no Rio de Janeiro, ver *Ibidem*, nº 4, 27/0134, p. 1.

familiar" e a "multiplicação da propriedade", demonstrando ser este grupo o que mais preocupava os integralistas.

Vale lembrar que a crítica à família de elite visava o comportamento feminino "mais livre".[50] A preocupação de Nilza Perez é provar que o comportamento feminino só é digno se fundado no sacrifício e quando faz do sacrifício uma missão nobre. As mulheres "mais livres", de comportamento "burguês", são para Perez:

> "as futeis, as despreocupadas, a quem só interessam os prazeres, as diversões, a vaidade, a vida material e sem encantos. (...) Só pedem liberdade bastante para se atirarem no torvelhinho da vida. Patria, familia, alma, são palavras que não entendem."[51]

No entanto, não é um tipo de mulher passiva ou submissa que ela está defendendo. Perez se considera uma mulher de "ação". As mulheres, para Perez, devem atuar no processo de construção do Estado Integral:

> "Mas para a gloria de uma época, existe a corrente daquelas que cristalizaram seus pensamentos e sentimentos em ação (...). Estas são as que sacudiram o torpor do comodismo e se levantaram. Estas, as que sofrem agora as dores de todos os dramas para que amanhã possam repousar tranquilas e felizes. (...) Estas as que romperam com uma sociedade futil e hipocrita para lutarem pelo seu Deus e pela sua Patria."[52]

A preocupação em associar integralismo e cristianismo ao abordar o comportamento ou o papel feminino na sociedade já fazia parte dos textos de *Anauê!*, em 1935, antes mesmo de Perez começar a apresentar seus artigos assinados. O comportamento da mulher aparecia nas falas integralistas como sendo "naturalmente" cristão e, especialmente, abnegado, marcado pelo sacrifício. Acompanhando uma foto do Departamento Feminino de Barra Mansa, o artigo "O verdadeiro feminismo, christão e brasileiro!" afirma o seguinte:

---

[50]*Ibidem*. Lenharo concorda com Chauí ao afirmar que, sob o pretexto do combate ao comunismo, a classe média que formava o integralismo, foi útil na repressão exercida contra o proletariado. Alcir Lenharo, *Sacralização da política*. Campinas – SP: Papirus, 1989, pp. 20 a 23; e Marilena Chauí, *op. cit.*, p. 108.

[51]Nair Nilza Perez, seção *Senhora*, in: *Anauê!*, nº 20, 01/10/37, p. 43.

[52]*Ibidem*.

"A mulher nas paginas sagradas; a mulher ao pé da cruz; a mulher lançada ás feras e vertendo o sangue em testemunho de sua fé no colyseu romano; a mulher nas longas vigilias ao lado do berço do filhinho enfermo; a mulher nos hospitaes; a mulher nas fileiras do Sigma com sua candura, sua fé e seu admiravel espirito de sacrificio!

É ella, a mulher brasileira, identificada com a doutrina e com o espirito do Integralismo, que plasmará o caracter da nova geração nascida sob a bandeira azul e branca e baptizada de camisa verde!"[53]

A condenação à expansão do feminismo na sociedade, associada à ameaça da "anarquia sexual" comunista, volta-se para a valorização da maternidade como missão cristã e patriótica, que será cantada também em versos como "É o Brasil da mulher – sentinella do lar, na sagrada missão de ser mãe e educar".[54] Neste sentido, a "Família brasileira" aparece no discurso dos principais teóricos integralistas como uma instituição "modelar" e cristã. O problema da família brasileira não está em seu interior. A ameaça, ou a "contaminação", vem "de fora": do comunismo e do liberalismo.[55]

Assim como Perez, Gustavo Barroso enfatiza a "anarquia sexual" do programa comunista de "destruição do Estado, destruição da familia e destruição da propriedade", afirmando:

"A familia, projeção do homem no tempo, desaparecerá diante do amor livre, da promiscuidade legalizada pela apresentação do casal a um registrador oficial. Dizem os comunistas que as vantagens dêsse método são múltiplas, sendo delas a maior o desaparecimento da prostituição. Em verdade, esta sómente desaparece por se tornar a regra geral..."[56]

---

[53]"O verdadeiro feminismo, christão e brasileiro", in: *Anauê!*, n° 4, outubro de 1935, p. 29.
[54]Texto de Jacintho de Figueiredo, in: *Anauê!*, n° 6, 1ª quinzena de janeiro de 1936, p. 15. Reich afirma que "numa sociedade em que as mulheres têm de estar dispostas a ter filhos, sem qualquer proteção social, sem garantias quanto à educação das crianças, sem mesmo poderem determinar o número de filhos que terão, mas em que mesmo assim têm de ter filhos sem se insurgirem contra isso, é realmente necessário que a maternidade seja idealizada, em oposição à função sexual da mulher." Desta forma, a principal característica da política sexual reacionária está em apresentar a sexualidade como moral apenas quando relacionada à reprodução. W. Reich, *op. cit.*, p. 101.
[55]Gustavo Barroso. *Integralismo e Catolicismo. op. cit.*, p. 11.
[56]*Ibidem*, p. 70.

Para Barroso, dos três setores citados — Estado, família e propriedade — o comunismo investe sobretudo na família, pois é nela que estão "as afeições" e o "coração do homem", onde ele encontra carinho, afeto e força para resistir às "seduções das sereias materialistas". É na família que o homem "sorve as energias morais necessarias a suportar as agruras e sacrificios da vida. Ela lhe dá a moral, a educação, o exemplo, tudo o de que carece para desafiar as durezas da sorte e repelir as escravidões que se disfarçam sob o manto lantejoulante de apregoadas liberdades." Por este motivo, "o comunismo assesta suas formidáveis baterias na imprensa, no livro, no cinema, no teatro" contra a família, num "metralhar continuo".[57]

É significativo que a avaliação da organização e expansão da A.I.B. pelo país, evidenciadas pelos estudos do movimento em determinadas regiões, apontem as relações da A.I.B. com a política regional e com o anticomunismo. Sobre a atuação integralista no Maranhão, João Caldeira destaca o papel de pelo menos parte do clero católico maranhense, que considerava o comunismo como inimigo perigoso, por pregar o ateísmo e a destruição da família. Desta forma, segundo o autor, essa parte do clero via na A.I.B. um possível aliado, "sobretudo por defender idéias espiritualistas em seu programa, com devoções a Deus e defesa da família".[58]

O anticomunismo aglutinou as questões morais envolvendo a família, o comportamento feminino e a conduta sexual, apresentando o comunismo como sinônimo de todo o perigo e ameaça que poderiam ser expressos de várias maneiras. Como afirma Lustosa, a campanha anticomunista da A.I.B. contou com a complacência oportunista do governo, sendo manobrada de acordo com os

---

[57] *Ibidem*, pp. 70 -71. Desta forma, encontram-se entre as propostas integralistas apresentadas no *Monitor*, a seguinte: "*Fiscalização Directa do Estado* sobre o cinema, o theatro, a imprensa, o radio, todos os vehiculos do pensamento que estão hoje attentando contra a liberdade, forçando o povo a submetter-se aos caprichos de capitalistas judeus, de burguezes sordidos, de espiritos anarchicos, de agentes de Moscou.(...); sanear a imprensa, elevando-a e libertando-a dos interesses particulares que a opprimem,(...)". In: "O que quer o Integralismo", *op. cit.*

[58] João R. De Castro Caldeira. *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão.* São Paulo: Annablume, 1999, p. 74. Ver especialmente o capítulo 2 sobre a expansão da A.I.B. no Estado. Sobre as relações entre a Igreja Católica e o Integralismo no Ceará, ver: Francisco Josênio C. Parente. *Anauê – Os camisas verdes no poder.* Fortaleza, Ed. UFC, 1986.

interesses deste. O Estado comunista aparece como um invasor também do espaço da privacidade. A devoção amorosa destinada à Pátria vem como desdobramento natural do sentimento familiar.[59]

Em 1935, o fechamento da Aliança Nacional Libertadora (A.N.L.) e o aumento da repressão ao comunismo torna-se condição favorável ao integralismo, que já vinha procurando atrair a atenção e a adesão, através de conferências e publicações, de pessoas de variadas origens sociais, mas especialmente dos católicos, enfatizando suas proximidades e sua distinção do comunismo, associada à ameaça ateísta. De acordo com Caldeira, após decretado o estado de sítio no Brasil, "os integralistas maranhenses, a despeito da repressão, dispõem de jornal próprio, mantêm suas atividades, divulgando-as também por meio da imprensa não-integralista da região" e, ao contrário do que aconteceu com os comunistas, os integralistas foram acolhidos na própria imprensa regional, em jornais controlados por adversários radicais do comunismo. Desta forma, a colaboração entre o governo estadual, a Igreja Católica, chefes políticos e setores da classe dominante e da classe média da região favoreceu a A.I.B. [60]

Assim, a noção de que a organização familiar constitui a *célula-mater* da sociedade, ou uma "lei natural" responsável pela reprodução e perpetuação da espécie humana, é apresentada como fundamentada pelo cristianismo. Não por acaso, Gustavo Barroso desenvolve a obra *Integralismo e Catolicismo*[61]. Apesar de o teor católico do integralismo ser mais freqüentemente associado à figura de Plínio Salgado[62], foi Barroso quem procurou demonstrar que o tema família

[59]Oscar de Figueiredo Lustosa. "A Igreja e o Integralismo no Brasil: 1932-1939" in: *Revista de História*. São Paulo: FFLCH/USP, 108: 503-532, out./dez, p. 531. Este recurso também foi utilizado pelo chefe da nação: Vargas afirma, em saudação à nação no início de 1936, que a estrutura da nacionalidade assenta sobre "a família e o sentimento de religião e de Pátria", ou ainda que "amigos serão todos os que pertencem à grande família cristã que o comunismo pretende destruir" Eliana Dutra, *op. cit.*, Parte I.

[60]João Caldeira, *op. cit.*, p. 66 a 75.

[61]Gustavo Barroso. *Integralismo e Catolicismo*. Editora ABC Limitada, 1937.

[62]Hélgio Trindade, *op. cit.*, pp. 41 a 43; Marilena Chauí. "Notas sobre o pensamento conservador nos anos 30: Plínio Salgado"in: Reginaldo Moraes, Ricardo Antunes e Vera B. Ferrante (orgs.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 27-42, pp. 37 e 42. Bertonha reafirma Trindade a respeito da influência do catolicismo reacionário na formação do líder integralista Plínio Salgado e de boa parte de seus seguidores. João F. Bertonha, "Entre a Cruz e o Fascio Littorio: a

constituía ponto de encontro entre ambas as doutrinas. Barroso evidencia o processo pelo qual o integralismo legitimou sua concepção de família na doutrina católica. Com isto, explora-se o aspecto moral e sagrado da instituição familiar para a religião.

O Integralismo é apresentado como um movimento político e social cristão, fundado nas "doutrinas sociais e politicas do cristianismo". Para Plínio Salgado, o Estado constituiria, em essência, o "Estado que vem de Cristo, inspira-se em Cristo, age por Cristo e vai para Cristo." E ainda acrescentava: "Por Cristo me levantei; por Cristo quero um grande Brasil; por Cristo ensino a doutrina da solidariedade humana e a da harmonia social; por Cristo luto; por Cristo vos conclamo; por Cristo vos conduzo; por Cristo batalharei."[63] Ainda que os integralistas procurassem afirmar que sua associação se dava com todas as religiões cristãs, é a Igreja Católica que termina ocupando um lugar de destaque. Na fala de Barroso isto fica bastante evidente:

> "dos tres ramos do Cristianismo só o Catolicismo se pronuncia em materia social e economica, expondo a verdade cristã sobre o assunto. Movimento cristão, o Integralismo não poderá contrariar os principios assentados pela Igreja e os Integralistas precisam conhecer a augusta palavra de Roma sobre a grave matéria."[64]

Na mesma obra de Barroso, *Integralismo e Catolicismo*, consta ainda uma entrevista dada pelo mesmo, publicada pelo órgão católico *A União* em 30 de dezembro de 1934, na qual Barroso afirma considerar como preciosa a colaboração dos católicos para a divulgação e implementação do integralismo. Barroso diz que "o Catolicismo é a religião da grande maioria, ou melhor, da quasi totalidade dos brasileiros", mas o que mais lhe parece importante é que esta seria a religião que, no seu entender, mais "interesse e responsabilidade" possui na "defesa das tradições de nossa civilização, tão ameaçadas hoje pela decadencia do liberalismo e pela pregação comunistas". Assim, conclui que os seus

Igreja Católica Brasileira, os missionários italianos e a questão do fascismo, 1922-1943", in: *História e Perspectiva*, nos 16/17, Uberlândia, jan./dez, 1992, pp. 29 a 45.

[63]Discurso de Plínio Salgado presente na apresentação da obra de Gustavo Barroso, *Integralismo e Catolicismo. op. cit.*

[64]Gustavo Barroso. *Integralismo e* Catolicismo, *op. cit.*, p. 8.

representantes devem "olhar para o Integralismo como um grande defensor dos principios sociais que formam a base da vida cristã".[65]

Apesar disso, a relação entre o Integralismo e o catolicismo foi marcada por questões polêmicas, como, por exemplo, o apoio de parte do clero católico ao movimento. O conteúdo tradicionalista da ideologia integralista possuía inspiração na doutrina social da Igreja e nos temas fundamentais da renovação das elites católicas. Mas é preciso ressaltar que, embora o integralismo tenha contado com a simpatia de intelectuais católicos, a maioria deles não se engajou pessoalmente no integralismo.[66] A existência de divergências de opinião e mesmo desconfianças por parte de membros da hierarquia católica resultaram na ausência de uma orientação oficial sobre a questão. A exigência do juramento de fidelidade dos integralistas ao Chefe Nacional constituiu um dos fatores que desagradavam à hierarquia eclesiástica.[67] Segundo Lustosa, o episcopado não considerou nem viável nem oportuno apresentar uma nota conjunta sobre o integralismo, "uma vez que os bispos não possuíam uma opinião definida e formada sobre o assunto e nem era unânime o seu modo de colocar o problema do valor religioso do movimento pliniano".[68] Ainda assim, em seus discursos a A.I.B. recorria freqüentemente a elementos do catolicismo e aos "valores espirituais", o que teria, no entender de Lustosa, possibilitado ao integralismo aproveitar o potencial dos sentimentos religiosos das massas populares.

Já na primeira edição de *Anauê!* afirma-se: "O Integralismo fundará toda a moral brasileira nos sentimentos religiosos, base da honestidade e da disciplina social".[69] E Barroso diz que "Nós, os católicos, confiantes na sua Divina Promessa, esperamos de pé ante o judaismo, o maçonismo e o comunismo, o Reinado de Jesus Cristo".[70]Ao afirmar ainda que nem todos os integralistas são católicos e nem o Integralismo constitui um movimento católico ou religioso, mas sim "moral, social e político", recomenda que o integralista "deve ler o Evangelho

[65]Entrevista intitulada "A atitude dos católicos em face do Integralismo". *Ibidem*, p. 113.
[66]Hélgio Trindade, *op. cit.* p. 10.
[67]Francisco J. C. Parente. *Anauê – Os camisas verdes no poder*. Fortaleza, Ed. UFC, 1986, p. 104.
[68]Oscar de Figueiredo Lustosa. *op. cit.*, p. 513.
[69]*Anauê!*, nº 1, janeiro de 1935, s. p.
[70]Gustavo Barroso. *Integralismo e Catolicismo, op. cit.*, p. 20.

e meditar sobre êle", onde encontrará a "esperança", o "amor" e a "virtude" necessários para suportar "os golpes da adversidade e para a "salvação da pátria". Para Barroso, cuja obra é profundamente marcada pelo anti-semitismo, os inimigos da pátria são o judaísmo e o comunismo, agentes externos que podem "tomar" a pátria "de surpresa".[71]

O judaísmo apresenta, segundo Barroso, duas etapas necessárias para o domínio do mundo: o "capitalismo-individualista e comunismo-marxista" e seu ponto principal é "acabar com Deus, com a Familia, com a Pátria e com a Propriedade. Reação contra êsse apocalipse, o Integralismo arvora o lema inverso: Deus, Patria e Familia." O capitalismo e o comunismo são, para Barroso, os dois "extremos" judaicos no mundo moderno.[72] Ao condenar essas ameaças "vindas de fora", Barroso lembra, no entanto, que certas "influências" européias são "indispensáveis", pois "negar os fundamentos ocidentais, europeus, de nossa cultura, é esquecer o Cristianismo – é ser anti-cristão."[73]

Barroso fundamenta, a partir da religião, a autoridade no Estado e na família: "Somente Deus pode dar um fundamento moral, duradouro, estável, á autoridade do Estado, á autoridade do chefe da familia e ao direito de possuir". E então refere-se à Carta Encíclica em que Pio XI declarava que à família, na ordem natural, "Deus comunica imediatamente a fecundidade, que é principio de Vida e, por isso, principio de educação para a vida, simultaneamente com a autoridade, que é principio da Ordem."[74] Barroso apresenta ainda, em *Integralismo e Catolicismo*, a encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, segundo a qual a família "é uma verdadeira sociedade regida por um poder que lhe é proprio, isto é: o

[71] *Ibidem*, pp. 31-32. Sobre o antisemitismo de Gustavo Barroso, ver os artigos de Marcos Chor Maio, "Marcas de uma Trajetória: a militância anti-semita de Gustavo Barroso" e Roney Cytrynowicz, "A América e o anti-semitismo na visão integralista de Gustavo Barroso e de Plínio Salgado", in: *Ibéria-Judaica: Roteiros da Memória*. Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão e Cultura/Edusp, 1996. E ainda Roney Cytrynowicz. *Integralismo e anti-semitismo nos textos de Gustavo Barroso na década de 30*. FFLCH-USP, 1992. Dissertação de mestrado.
[72] Gustavo Barroso. *Integralismo e Catolicismo*. *op. cit.*, p. 88.
[73] *Ibidem*, pp. 41.
[74] *Ibidem*, p. 79.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

pátrio poder."[75] Assim, valoriza-se a hierarquia nas relações de poder em todas as esferas da sociedade:

> "A ORDEM SOCIAL na NAÇÃO INTEGRAL é uma HIERARQUIA, fundada no respeito ás autonomias das PESSÔAS e das FUNÇÕES. Na ORDEM FAMILIAR, a autoridade paterna exercida na educação e direção da prole não cerceará os anseios dignos, nem esmagará tiranicamente as vontades. NA ORDEM ECONOMICA, a CORPORAÇÃO defenderá interesses legitimos, norteará atividades e traçará regras de ação, sem despersonalizar ou oprimir o SINDICATO, sem absorver o ARTEZANATO LIVRE e sem pear a iniciativa particular no campo da produção, mola real de progresso dêsde que não se oponha a outras iniciativas. Na ORDEM POLITICA, O ESTADO INTEGRAL conduzirá a NAÇÃO UNIDA e UNA, sem esmagar a PROVINCIA, sem desrespeitar a AUTONOMIA DO MUNICIPIO, mas sem consentir que a PROVINCIA ou o MUNICIPIO desrespeitem a NAÇÃO. Na ORDEM MORAL, o ESTADO INTEGRAL considerará inviolaveis e intangiveis a CONSCIÊNCIA e a DIGNIDADE das PESSÔAS. Em virtude de sua ORDEM SOCIAL HIERARQUIZADA, o ESTADO INTEGRAL não absorve autonomias nem destrói iniciativas: defende-as, regula-as, fiscaliza-as, impulsiona-as."[76]

As formas de autoridade aparecem sempre como similares, e todas integradas em relações de hierarquia. A disciplina e a obediência à autoridade tornam-se, assim, semelhantes em todos esses campos. Como a diluição ou a supressão dos conflitos é seu objetivo maior — resumido na noção de "nação unida e una" —, sua aplicação na "ordem familiar", ao dizer que a autoridade paterna não "esmagará tiranicamente as vontades", substitui as tensões das relações de poder pela imagem de uma relação mais "harmoniosa". A "harmonia" aqui significa que a hierarquia e a autoridade não serão contestadas porque, como nos outros campos envolvidos pelo projeto corporativista de Estado, cada um tem uma função a desempenhar. O exercício de associação de imagens, que descaracteriza conceitos, constituiu uma prática freqüente no integralismo.[77] A

[75] *Ibidem*, p. 129.

[76] "Carta Brasileira do Trabalho", *ibidem,* pp. 284-285, item XIII

[77] "O discurso integralista tem a peculiaridade de operar com imagens em lugar de trabalhar com conceitos. Essa operação dá aos textos, mesmo quando têm pretensões teóricas, um tom bombástico (..)". Chauí afirma ainda que a operação mais constante do discurso integralista é a

identificação entre Estado, nação, pátria e sociedade procura fazer com que essas idéias se confundam. Assim, Reale afirma que o "*Integralismo* é a realização da Democracia Social e Organica, pela identificação progressiva de Estado e Sociedade, Estado e Nação."[78]

Assim, a figura do Chefe Nacional pode ser comparada à imagem de pai, à pátria ou ao território nacional, ou ainda a nação à imagem de mãe[79], e os brasileiros como seus filhos.[80] O integralismo herdou do cristianismo, e especialmente do catolicismo, a prática do culto das imagens, dos símbolos e das comparações, exercida de longa data. Essa prática alimentava ainda o projeto corporativista que visava neutralizar os focos de conflitos sociais.[81]

Dos filhos, numa família "modelar", espera-se disciplina e obediência em relação à autoridade, submissão irrestrita em relação ao pai e devoção e adoração sagrada pela mãe.[82] Fazendo referência à herança católica, Barroso valoriza a autoridade do homem na família:

> "A familia, instituição diretamente emanada da natureza, tem por principio e fundamento o matrimonio, livremente consentido e indissoluvel, elevado por Jesus Cristo á dignidade de Sacramento.(...)

---

que reduz um conceito à condição de uma imagem. A operação com imagens, como maneira autoritária de pensar, exclui a reflexão e cria a ilusão de conhecimento, "graças ao seu aspecto ordenador". Marilena Chauí. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira", *op. cit.*, pp. 45 a 48.

[78]Miguel Reale. *op. cit.*, p. 134.

[79]A associação pátria/mãe ocupa um lugar de destaque no discurso autoritário. A vinculação pátria-nação/mãe-família no plano discursivo transformam as relações de cidadania em relações de filiação. Dutra afirma que "como no âmbito privado da família, a regra de comportamento a ser seguida no espaço público da Nação é informada pelos valores de respeito e obediência à autoridade e pelo valor de preservação de harmonia e da coesão".Eliana Dutra, *op. cit.*, p. 164.

[80]Partindo da análise de Wilhelm Reich sobre a relação entre a família e o autoritarismo fascista europeu dos anos 30, Lenharo afirma que o poder se faz presente na família através da figura paterna; o pai introduz na família a posição que assume em relação ao seu superior hierárquico na sociedade – uma posição passiva e servil à autoridade: "O chefe que conduz a multidão nada mais é do que o prolongamento da autoridade paterna e a família o primeiro grupo e o mais importante dessa cadeia que ata o indivíduo ao coletivo nacional". Alcir Lenharo, *op. cit.*, pp. 46 - 47.

[81]Alcir Lenharo, *op. cit.*, pp. 16 a 18.

[82]Para Chauí, a associação entre Deus, Pátria e Família ajudou a sustentar a atitude anticomunista. Chauí afirma que isto fazia sentido "na medida em que o marxismo, socialismo, bolchevismo e comunismo, sendo 'materialistas', são ateus, internacionalistas e destruidores do núcleo familiar." Marilena Chauí, *op. cit.*, p. 76.

O pai é o chefe natural da familia. A mãe acha-se associada a esta autoridade e é chamada a exercê-la, sem que a compartilhe com ninguem, na falta do pai.

A autoridade familiar, gerente do bem comum familiar, tem deveres e direitos anteriores e superiores a toda lei humana. Êsses direitos e deveres emanam do fim marcado pela natureza á sociedade familiar: unir os esposos e, em consequencia, transmitir, manter, desenvolver a vida até a perfeição moral, perpetuar a espécie humana."[83]

Apesar de apresentada como secundária, a mulher aparece como "associada" à autoridade masculina, com funções determinadas pela natureza. Barroso apresenta, em *Integralismo e Catolicismo*, encíclicas papais e outros textos de teor católico buscando enfatizar a base cristã do Integralismo. Apresenta, por exemplo, as "Bases de Organização e Programa Doutrinário e de Ação do Sindicalismo Operário Católico", que defendem a propriedade privada para dar firmeza e estabilidade à instituição familiar. As "Bases" realizam, também, a defesa da família "porque de sua vida depende a sociedade inteira", afirmando que "queremos, portanto, que seja repelido tudo quanto a relaxe ou corrompa, como o divorcio, o enfraquecimento da autoridade moral paterna, a supressão do direito de herança, etc".[84]

A família, relacionada à concepção cristã de matrimônio e ao anticomunismo, será compreendida pelo integralismo não apenas como instituição a ser protegida, mas como capaz de promover a divulgação e a construção do Estado Integral. As representações do pai como chefe da nação ou autoridade maior, da mãe como extensão da própria idéia de lar como pátria e

---

[83]"Esboço de sintese social católica feito em 1920 pela União Internacional de Estudos Sociais sob a presidência do Cardeal Mercier, de acôrdo com a verdadeira doutrina da Igreja", *ibidem*, pp. 231 a 272. Este texto defende proposta de "voto familiar" que será lembrada por Miguel Reale em que o pai, na vida política, poderia dispor, além de seu voto pessoal, de um número de votos "igual ou proporcional á importância do lar cuja guarda lhe está confiada.", *ibidem*, p. 238.

[84]"Bases de Organização e Programa Doutrinario e de Ação do Sindicalismo Operario Católico" ratificadas, segundo Barroso, no Congresso Operário Católico de dezembro de 1932. In:*Integralismo e catolicismo*, *op. cit.*, pp. 273 a 277. Sobre a preocupação da Igreja Católica com o operariado como terreno fértil para o desenvolvimento de idéias consideradas subversivas ver Romualdo Dias. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922 - 1933)*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

território nacional, e dos filhos como filhos da pátria, que devem obediência ao pai-chefe, puderam ser utilizadas tanto para transportar a idéia de chefe e de nação como imagens próximas, emotivas e familiares para os indivíduos quanto para validar dentro da instituição familiar relações de hierarquia, obediência e supressão de conflitos.

Em meio à defesa de uma moral sexual restrita ao casamento e associada à "natureza" feminina, masculina e da própria instituição familiar, nas páginas de *Anauê!* encontra-se um comentário condenando a esterilização preventiva (que seria praticada em alguns países), condenação esta baseada em relatório apresentado no Segundo Congresso dos Médicos Católicos, de 1936, em Viena.

> "Como catholico, lembra o conferencista que as vantagens, offerecidas pela esterilização, de modo nenhum compensariam o prejuizo causado pela extinção do sentimento de caridade e compaixão que as diferentes miserias humanas suscitam em cada um de nós; nem compensariam o prejuizo, causado por uma mentalidade que reconhece ao homem, como individuo e como nação, o direito de violar, para a sua commodidade, as leis da natureza. Não é por caminhos avessos á sciencia, á moral e á religião que se chega á felicidade dos povos, mas preservando da degenerescencia physica e psychica, da corrupção moral os que tenham a desgraça de nascer anormaes; pondo os incuraveis e incorrigiveis em condições que não se prejudiquem a si mesmos e aos outros; ensinando aos homens a sobriedade e pureza de constumes; avivando, sobretudo, o sentimento de dever social e o espirito de amor do proximo, segundo as leis eternas da doutrina evangelica. Os meios a empregar, para que os psychopatas, tarados, degenerados e criminosos não arruinem a nação por meio de reprodução devem ser os mesmos que a Igreja lembra, ha seculos, aos homens, quanto á assistencia e educação desses desgraçados.(...)"[85]

Assim, a importância atribuída à capacidade reprodutiva como uma "lei natural" e, nesse sentido, inviolável, é afirmada aqui mais uma vez. Nega-se, portanto, o "controle" sobre a reprodução dos "degenerados" por meio de processo médico. O "controle" deveria ser realizado impedindo a "corrupção

[85]"A Inadmissibilidade da Esterilização Preventiva" (citado de "S. Luc Medical, Bruxellas, n° 5, 1936, paginas 401-426"), in: *Anauê!*, n° 21, 01/11/37, p. 62.

moral" e a degenerescencia física, isto é, impedindo o próprio ato sexual, como uma prática que reforça a defesa da "pureza dos costumes".

A esterilização, como foi visto no capítulo anterior, constuiu alvo de intensos debates por parte dos médicos eugenistas, não apenas do Brasil dos anos 20, mas também de outros países. A ausência de consenso nesses debates permitiu que essa questão pudesse ser usada para apresentar e defender diversos argumentos. Neste caso, por exemplo, não há dúvidas para esses médicos católicos, que os considerados "anormaes" não devem reproduzir. Discute-se apenas se este controle deve ser feito pela via médica, isto é, a esterilização, ou pela via da moral religiosa, impedindo a realização do próprio ato sexual.

A condenação à esterilização pela A.I.B. constitui mais um exemplo das diferenças de opiniões quanto aos métodos a serem empregados. Esses temas, como vimos, promoveram divergências entre os próprios médicos. Apesar de condenar a esterilização, é ainda no discurso médico que os integralistas estão buscando seus argumentos, já que esta fala provém de um congresso de "médicos-católicos". Se os métodos são polêmicos, o princípio que afirma o comportamento "criminoso" ou "desviante" como "doença" e a necessidade de seu combate e controle em nome da manutenção da ordem social e da saúde nacional não é questionado.

Assim, ainda que o discurso integralista fundamente sua concepção de família por um lado na doutrina católica, como uma organização que emana da natureza, assim como as relações de poder entre o homem e a mulher no matrimônio, com a finalidade de reproduzir a espécie e os valores morais, por outro lado, algumas dessas mesmas noções que envolviam a discussão sobre família também foram divulgadas pelos debates médicos.

Em certos momentos, a fala integralista aproxima-se mais do pensamento médico do que da doutrina católica, como, por exemplo, sobre a valorização da "missão" feminina voltada para a ordem social:

"Pelas vossas mãos, mulher brasileira, construiremos uma grande Patria, tal como se fosse um unico lar feliz e puro. (...) Só vós, com o calor da vossa fé e o balsamo do vosso amor. Ides mostrar aos vossos filhos, a todas as crianças que vós embalaes a verdadeira finalidade da creatura humana. (...) Com o vosso exemplo indicareis a estrada do bem, com o vosso exemplo, ainda, ensinareis a necessidade do sacrificio. Sereis vós a formadora de uma mentalidade sã, consciente e digna. (...) Enaltecendo o respeito, creareis na criança o espirito da disciplina, enaltecendo o amor creareis nella a solidariedade humana."[86]

Os "Conselhos a uma jovem", publicados em *Anauê!*, repetem a idéia da valorização da mulher a partir da "maternidade patriótica", envolvendo seu papel na constituição da "raça" e da moralidade:

"Creio com a Igreja que todo o edificio da vida moral, nacional ou social está baseado na familia; creio que tudo que por ella fizermos augmenta a grandeza e a força das raças e das sociedades, (...). Mais tarde, quando, por tua vez, constituires uma, fará della o centro de influencia ardente e vivo e serás a consciencia daquelles que viveram em redor de ti. Serás para teu marido a amiga, a companheira: para teus filhos o guia e a imagem da força moral."[87]

Apesar da constante associação realizada, não é a inspiração católica que está expressa neste momento. A família é apresentada como o "edifício moral", mas também como responsável pela "força" da "raça". E não apenas em relação à imagem da constituição racial, mas também a imagem da mulher como "amiga e companheira" do homem e "guia" para os filhos reporta aos debates médicos.

A diferença é que se na fala médica isto poderia ser interpretado, dependendo da situação, como argumento em favor de uma certa igualdade entre homens e mulheres no casamento, para o integralismo, eles são

[86]Floriano Japetú Thompson Esteves. "Sublime Missão". In: *Anauê!*, nº 1, janeiro de 1935, s. p.
[87]Elizabeth Leseur. "Conselhos a uma jovem". In: *Anauê!*, nº 21, 01/11/37, p. 51.

igualados apenas pelo fato de que todos possuem como missão construir e se submeter ao Estado Integral.

3

A FAMÍLIA COMO SUB-NÚCLEO INTEGRALISTA: A INFLUÊNCIA DO SABER MÉDICO

> "Integralistas! Nossos companheiros F. e F. acabam de se unir perante a Bandeira da Pátria, assumindo em face da Nação Brasileira as responsabilidades que tornam o matrimonio, não um acto egoístico do interesse de cada um, mas um acto publico de interesse da Posteridade, da qual se tornaram perpétuos servidores. Pela felicidade do novo casal, ergamos a saudação ritual em nome do Chefe Nacional. Aos nossos companheiros F. e F., três Anauês!"[1]

De acordo com os *Protocollos e Rituaes*, documento elaborado pela Ação Integralista Brasileira para ordenar e regulamentar a utilização de seus símbolos e a prática de ritos pela militância, as palavras acima citadas deveriam ser proclamadas pela maior autoridade integralista da Província (como os integralistas denominavam os Estados da Federação), durante o encerramento da cerimônia civil de casamento entre membros do movimento. Em seguida, os integralistas presentes repetiam por três vezes o Anauê, completando o ritual, diante das bandeiras Nacional e do Sigma, as quais simbolizavam "o altar da Pátria". E, para garantir a "onipresença" do Chefe Nacional, Plínio Salgado, a maior autoridade presente, tanto no ato civil como no religioso, devia erguer o braço e dizer (em voz baixa)[2]: "O Chefe Nacional considera-se presente a esta cerimônia e deseja todas as felicidades ao novo casal".

Desta forma, o regulamento determinava o uso de uniformes e distintivos para a cerimônia de casamento. No ato civil, a noiva devia vestir a blusa verde e o noivo, camisa verde e calça branca (se de dia) ou calça preta (se à noite). No religioso, o noivo devia usar camisa verde e calça preta, a noiva, o tradicional

---

[1] *Protocollos e Rituaes*: Regulamento aprovado no I° Congresso Integralista, realizado em fevereiro e março de 1934 em Vitória, e publicado no *Monitor Integralista*, 03/03/34, n° 6.

[2] "Note-se que os ritos e as cerimônias integralistas eram minuciosamente planejados, nenhum detalhe era esquecido. Previa-se, inclusive, o momento em que a autoridade integralista deveria elevar ou baixar a voz." Rosa M. F. Cavalari, *Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 – 1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 170.

vestido branco com véu e grinalda, e o bolo de casamento poderia ser "decorado" com o Sigma[3]. O ato civil seria realizado na sede do Núcleo a que pertencesse um dos noivos. Todos os integralistas que se encontrassem presentes, seja no civil ou religioso, deviam trajar o uniforme integralista, com todas as insígnias a que tivessem direito. No interior da igreja, os lugares a serem ocupados por "camisas-verdes", "blusas-verdes", "plinianos" e pelos não integralistas eram cuidadosamente especificados. A publicação *Anauê!* divulgava imagens e descrições do uso dos uniformes e das bandeiras nas cerimônias de casamento dos militantes.[4] Assim como o casamento, o batismo e o sepultamento constituíram cerimônias cercadas pela simbologia integralista. Não por acaso, cerimônias que carregavam as marcas do universo cristão.[5]

As cerimônias acima citadas são apenas algumas, as mais importantes para este estudo, dentre os vários rituais e símbolos utilizados pelos Integralistas. Além destes, havia os uniformes, insígnias, gestual da saudação com o grito *Anauê,* desfiles, paradas militares, bandeiras e o discurso do líder. Possuíam como objetivo a socialização ideológica dos militantes, desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta, para criar o hábito de obediência aos chefes e da submissão às estruturas autoritárias.[6] A utilização da simbologia no Integralismo foi de grande importância para a mística do movimento, por simular uma participação em uma estrutura que não pretendia fazer uso de canais de expressão e participação política tradicionais. Com essa prática, o Integralismo

[3]"Bolo do Sigma", in: *Anauê!*, nº 21, 01/11/37, p. 47.
[4]Ver *Anauê!*, agosto de 1935, nº 3, pp. 42 a 44.
[5]"Tal processo de sacralização da política está presente na maioria dos componentes da maquinaria fascista." Ou seja, trata-se de uma reutilização de parte dos símbolos e imagens do universo cristão pela máquina política, em um processo que os atribui novos significados de forma que possam funcionar como instrumentos de dominação política. J. F. Bertonha, "A máquina simbólica do Integralismo", *op. cit.*, p. 96. Ver ainda Alcir Lenharo, *Sacralização da política.* Campinas – SP: Papirus, 1989.
[6]Hélgio Trindade, *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30.* São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Univ. Federal do Rio Grande do Sul, 1974, p. 196 e pp. 198 a 207. As avaliações de Trindade são reafirmadas pelos textos atuais sobre o tema. Sobre a utilização de símbolos e rituais pela A.I.B., ver também Rosa M. F. Cavalari, *op. cit.*, capítulo 3: "Os símbolos e ritos integralistas"; João Fábio Bertonha, "A máquina simbólica do Integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30", in: *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 7, jul./dez. 1992, pp. 87 a 110 e, do mesmo, "Integralismo: um movimento fascista? Uma perspectiva simbólica", in: *Boletim do Centro de Memória da Unicamp*, v. 5, nº 9, jan./jun. 1993.

era capaz de proporcionar uma impressão de unanimidade dos militantes em relação aos ideais e diretrizes integralistas, de forma que a sua manifestação não se dava de maneira livre, mas deveria seguir um roteiro pré-estabelecido e normas que expressavam sua submissão ao partido. Constituiu, ainda, uma estratégia para ocupar todos os espaços da vida do militante e suas ações, que eram assim vigiadas e regulamentadas.[7] A simbologia adotada pelo integralismo também mostrou sua eficácia como força externa, ou seja, também funcionou como estratégia de arregimentação de novos adeptos e na conquista de uma opinião pública favorável ao movimento.[8]

O envolvimento de cerimônias como o casamento e o batismo nos rituais integralistas constitui um indício da importância que estes e, de forma mais ampla, a organização familiar, receberam na doutrina, no discurso e na própria organização da Ação Integralista Brasileira. O projeto de Estado Integral herdou dos debates médico-eugenistas o pressuposto de que a nação poderia ser construída com base em um Estado forte e uma raça forte, superando assim o estigma da miscigenação como marca de inferioridade frente às nações européias.

A doutrina integralista incluía o ideal de uma raça forte, construída por meio da execução, por parte de um Estado centralizado e interventor, de medidas inspiradas nos debates médico-eugênicos. Essas medidas envolviam a educação, a saúde, o aprimoramento físico, o comportamento e valorizavam a imagem do mestiço como síntese das raças. A presença do negro na sociedade não poderia significar, de acordo com esse projeto, uma condenação racial da nação brasileira. Fazendo uso de um termo médico para caracterizar as tensões sociais do período, Salgado identifica uma crise, uma "enfermidade geral do paiz", contra a qual o integralismo se posicionará. Mas esta crise não pode estar associada à idéia de inferioridade racial causada pela miscigenação, pois isto constituiria praticamente uma condenação ao país. Por essa razão, Salgado afirma: "Não

[7]De acordo com Bertonha, a presença massiva de militantes em grandes solenidades e rituais podia funcionar como geradora de um sentimento ilusório de participação dentro da estrutura partidária. João Fábio Bertonha, "A máquina simbólica do Integralismo", *op. cit.*, p. 88.
[8]Rosa M. F. Cavalari, *op. cit.*, p. 195.

acreditamos em nossa inferioridade racial nem attribuimos a enfermindade geral do paiz a vicios de origem".[9] A miscigenação, da forma como estava sendo debatida nos meios médicos, poderia ser considerada como fator regenerador da "raça" brasileira, a qual, nas falas integralistas, confunde-se muitas vezes com idéia de "povo".[10] E a eugenia é então compreendida como conjunto de fatores que envolvem a saúde, a alimentação, o comportamento e a atividade física como "aprimoramento" da "raça". O Chefe do Estado Maior da Província do Distrito Federal afirmava em *Anauê!*:

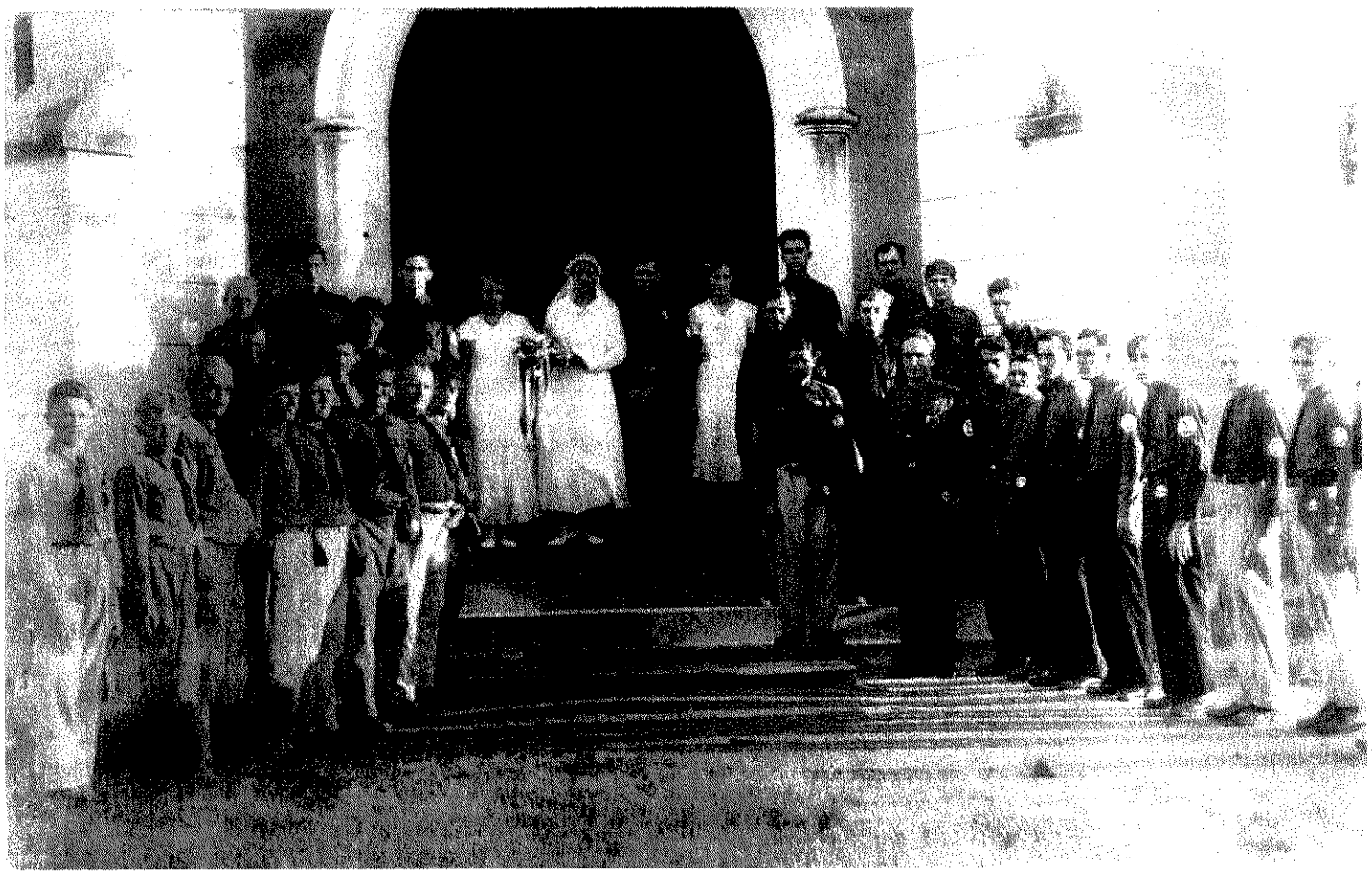
> "A Acção Integralista Brasileira, comprehendendo o alcance da educação physica na finalidade do seu grande movimento nacional, não descuida da sua propaganda e de sua applicação imediata. Dest'arte, trabalhamos pela eugenia do nosso povo, pela definição ethnica de nossa gente; e problema de alta responsabilidade, de tão complexa solução num paiz como o nosso, pobre, atrazado e, acima de tudo, entregue á displicência criminosa de pessimos dirigentes, só será resolvido pela organização e execução de um plano nacional de educação physica que se propague, se vulgarize e se identifique com o nosso povo em funcção da complexidade de nossas raças, de nossos climas e de nossas actividades.(...)"[11]

A busca pela "definição étnica" da população, isto é, de uma homogeneização que se creditava à miscigenação, cujo processo significaria também a solução para os problemas de "pobreza" e "atraso" da nação, não era o único objetivo vinculado ao que os integralistas apresentavam como suas medidas eugênicas. Assim, continua o autor: "Convem encarecer, insistir que a um movimento como o nosso, de coesão e disciplina, de selecção e congrassamento, presta a educação physica relevantes, inconfundiveis serviços, pelos elementos que ella possue, de disciplina, de correcção e de formação". Como se pode ver, a educação física, para o movimento, envolvia noções de saúde mas, especialmente, de disciplina e hierarquia. A disciplina era associada

---

[9]Plínio Salgado. *Psychologia da Revolução*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935 (2ª ed.), p. 176.
[10]Discurso de Plínio Salgado na apresentação da obra de Gustavo Barroso, *Integralismo e Catolicismo*. Editora ABC Limitada, 1937, p. 4.
[11]Tenente Hollanda Loyola (Chefe do Estado Maior da Província do Distrito Federal), " A Educação Physica no Integralismo". In: *Anauê!*, nº 1, janeiro de 1935, s. p.

Casamento integralista de Alzira N. Nagel e Carlos Otto Nagel.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.



Casamento integralista realizado em 27 de junho de 1935.

Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

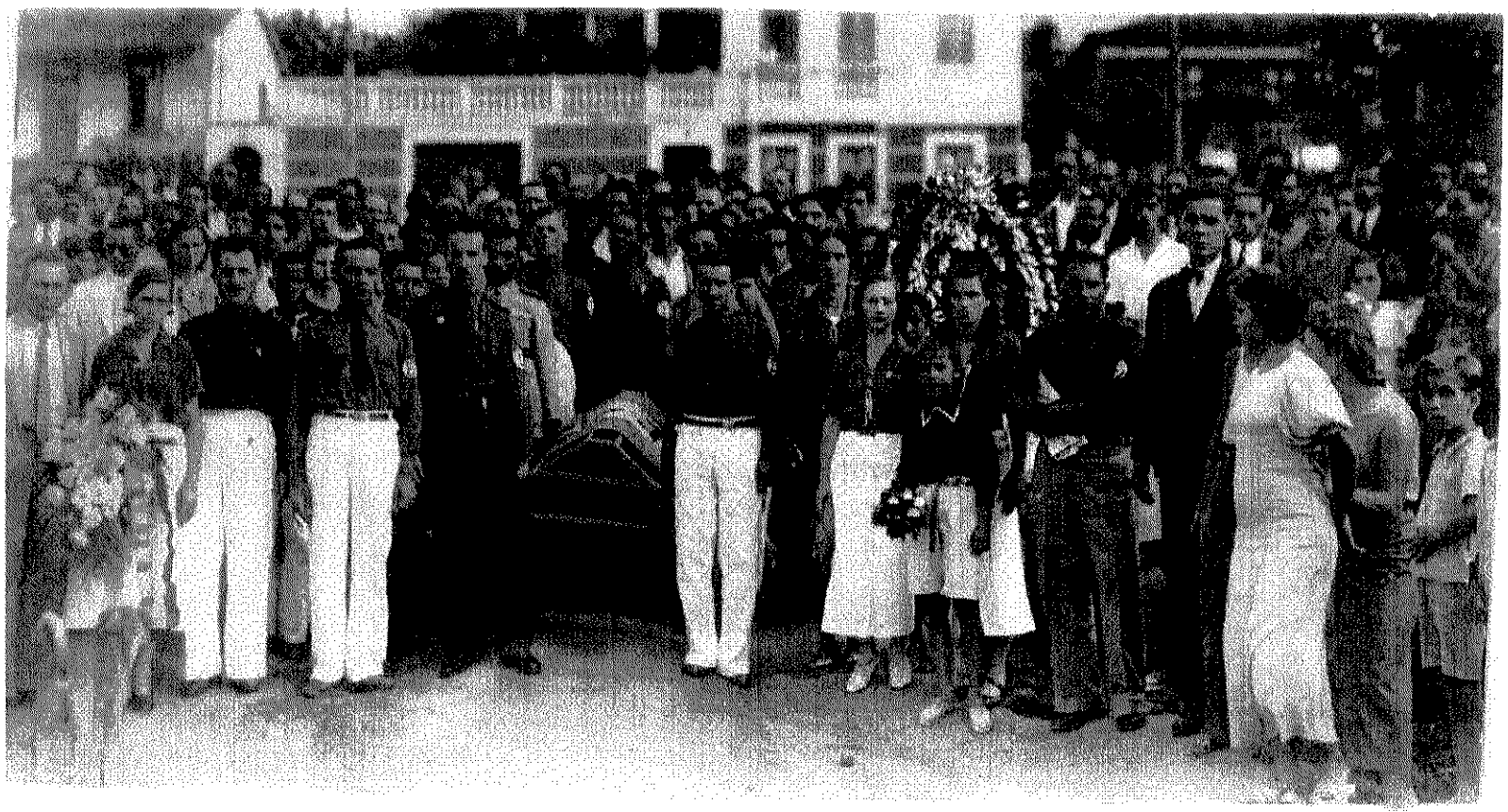
Casamento Integralista realizado em Curitiba-PR, no dia 20 de novembro de 1937.

Acervo Plínio Saldado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

Casamento integralista realizado em dezembro de 1937 em Irati-PR.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

Funeral integralista.

Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.



Funeral integralista do Núcleo do Meyer, Rio de Janeiro-RJ.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

também ao "auto-controle", ou seja, expressava a preocupação com o comportamento dito "moral" do militante e suas potenciais conseqüências para a saúde e, por extensão, para a nação:

> "Além do seu valor ethnico-social e politico, particular ao nosso movimento, representa a educação physica, para nós, o meio mais economico e mais pratico de diminuir o coeficiente dos males que affectam, infelicitam o nosso povo, como sejam a tuberculose, a syphilis, o amarellidão, etc,"[12]

A preocupação com doenças sexualmente transmissíveis unia integralistas e médicos na discussão e avaliação do comportamento sexual (especialmente o masculino, no caso da sífilis) e de sua importância para a nação. O princípio de que para alcançar uma constituição saudável ou "regenerada" da população brasileira fazia-se necessário o controle sobre o comportamento individual fundamentava os ideais de nação de ambos os grupos.

O *Monitor Integralista*, publicação oficial de divulgação das resoluções, estatutos e diretivas integralistas, reforça que um dos objetivos do movimento era trabalhar para a "eugenia da raça", a ser alcançada "pela pratica methodizada do athletismo da gymnastica e dos sports"[13].

Miguel Reale também apresenta a idéia de que a "Pátria" brasileira nasceu da "confraternização das raças, das grandes nupcias historicas que fundiram numa só aspiração e num só sentimento as tres humanidades", como originário do "temperamento" brasileiro, de uma especificidade nacional:

> "No Brasil, onde se reunem e se fundem todas as ethnias para dar ao mundo o homem cosmico da civilização americana tropical, a theoria das raças superiores revela-se em toda a sua fraqueza. Já tivemos e temos prova do poder creador do homem negro no campo da sciencia, da arte e da politica; e a participação na vida cultural do paiz de filhos de immigrantes antigos ou recentes, com o seu acendrado amor á terra nativa, mostra de sobejo a relatividade da tão decantada 'voz do sangue'".[14]

---

[12] *Ibidem.*

[13] *Monitor integralista*, nº 14, 15/05/36, p. 3.

[14] Miguel Reale. *Perspectivas Integralistas.* São Paulo: Odeon, 1935. Ver também: "A confraternização das 'raças'", in: Anauê!, nº 19, 01/09/37, p. 44.

Em *Anauê!*, divulga-se a crença na capacidade de formação de um tipo nacional "apesar" da miscigenação, a partir do momento em que seus membros se "libertaram" da mentalidade que via no negro um "motivo de vergonha nacional e repetia, como papagaio, a teoria da inferioridade da nossa raça elaborada pelos despeitados Gobineau de todos os quadrantes".[15]

No entanto, há também o seguinte trecho, em *Anauê!*, que mostra o integralismo como um movimento capaz de "embranquecer" a "alma" negra. Esta pequena história tem como personagem uma integralista de nome Idalina, "preta rustica e quasi analphabeta cuja alma, porém, já se infiltrara e embranquecera aos clarões auroraes da doutrina integralista". Apesar de ser uma empregada muito pobre e praticamente analfabeta, Idalina cumpre o prazo que prometeu para pagar uma dívida, afirmando que, por ser integralista, seria incapaz de mentir, tapear ou faltar à sua palavra. O comentário conclui afirmando que "essa historia que é bem authentica, marca o indice precursor da éra, que ahi vem, de renovação espiritual para todos os nossos irmãos, sem distinção de côr e de sexo; época de clareza e de verdade, em que se ha de plasmar a vida nova do Brasil, com a modificação radical dos seus costumes, dos seus systemas, e, sobretudo, do carater individual".[16] Desta forma, a educação física e a prática de esportes são utilizadas na própria propaganda integralista. Em *Anauê!,* fotos de militantes, de jovens, com o sigma nos uniformes esportivos e dizeres como

> "por toda a parte desfilam os athletas integralistas, numa demonstração gloriosa do que fazemos pelo fortalecimento da Raça! É desta forma que os 'camisas verdes' constroem uma Grande Nação!"[17],

enfatizam a defesa do desenvolvimento físico como melhoramento da raça, enquanto a educação "intelectual, moral e cívica" visa a "revolução espiritual" integralista. A educação física era, assim, especialmente valorizada quando se falava em "eugenia da raça", exatamente por se prestar a estas funções intensamente exploradas pelo movimento, como a formação e exposição

[15] *Anauê!*, nº 16, junho de 1937, p. 25.
[16] Joel Pinto. "A prestação da Idalina". In: *Anauê!*, nº 4, outubro de 1935, p. 46. Sobre como esse caminho foi traçado pelo regime varguista e como este promoveu a Educação Física como fator de controle do corpo e aprimoramento da "raça" ver Alcir Lenharo, *op. cit.*, pp. 78-79 e 120-124.
[17] "Sports", in: *Anauê!*, nº 9, abril de 1936, pp. 10-11.

das milícias, reforçando e explicitando a hierarquia e a disciplina do movimento, associadas também ao exercício do "auto-controle" e rigidez do comportamento do militante. Constam, por exemplo, no programa de "Instrução Doutrinária dos Integralistas" os estudos a respeito dos "problemas ethnicos", que envolviam a miscigenação, seguidos dos "problemas ethicos", que envolviam "o ambiente moral" e a "educação".[18] A higiene e a melhoria da saúde eram tratadas como melhoria da raça: "promovamos o aperfeiçoamento da raça, por meio da melhor alimentação dos brasileiros!".[19] Assim, Salgado apresenta em *Anauê!* elogios à campanha de reformas e saneamento, efetuada no Rio de Janeiro por Pereira Passos, e à campanha pela obrigatoriedade da vacina contra a varíola, com Oswaldo Cruz.[20]

Nesse sentido, diversas noções eugênicas foram incorporadas pelo movimento integralista ao exercício da disciplina, associadas à ação das milícias, e envolvendo atividades físicas; ao Departamento de Assistência Social, com a ação dos ambulatórios, lactários e a distribuição de alimentos à comunidade carente[21]; ao Departamento Feminino, nas atividades na área de educação e alfabetização ministradas pelas mulheres; à apresentação de modelos de comportamento para homens, mulheres e crianças. Tudo isso apresentado como a capacidade do movimento integralista de promover a eugenia da raça.

A instituição familiar, já portadora da missão da regeneração da raça no matrimônio, e reprodutora de hábitos higiênicos, será compreendida também pelos teóricos do integralismo como capaz de reproduzir relações sociais, comportamentos e valores. Ao envolver situações como o casamento, o batizado e o sepultamento de um indivíduo em símbolos e ritos, permitia-se que o público fosse facilmente atingido.

---

[18]"Resolução nº 39 – regulamenta a Instrução Doutrinaria dos Integralistas", in: Monitor Integralista, nº 7, 15/08/34, pp. 1 a 4.
[19]*Anauê!*, nº 19, 01/09/37, pp. 26-27.
[20]Plínio Salgado. "A Cidade Maravilhosa" (texto dirigido às crianças, os plinianos, na seção "Curupira"). *Ibidem*, pp. 42-43.
[21]*Anauê!*, nº 13, 01/03/37, p. 27 e nº16, junho de 1937, p. 52-53.

Levando em consideração essas questões, ganha maior sentido a distribuição de retratos de Plínio Salgado para serem colocados não apenas nas paredes das sedes, mas também dentro dos lares, como propôs a revista *Anauê!:*

> "O Integralismo é a Revolução da Familia. Por isso não deverá faltar nos lares brasileiros o retrato do CHEFE NACIONAL. Ahi o tem os leitores. Está feito de modo a ser facilmente destacado e collocado num quadro que deverá honrar a sala de visita de todo integralista. (...) Além disso, não é justo que só os nucleos possuam a photographia do Chefe; ás familias, como verdadeiros sub-nucleos, assiste igual direito.(...) Que cada chefe de familia convide seus amigos, vizinhos e parentes e, ao som do hymno da Patria, renove o juramento de fidelidade ao Chefe Nacional PLINIO SALGADO, diante da vida e diante da morte!"[22]

A comparação da família aos núcleos do movimento remete à associação da nação como uma "grande família". Se, por um lado, as relações de poder passaram a ser tratadas como relações de filiação — isto é, os "filhos" (cidadãos) que devem obediência ao "pai" (Chefe Nacional) e adoração pela "mãe" (Pátria) — por outro, a vida familiar pode ser exposta ao público como manifestação de militância. Assim como a pretensa "harmonia" das relações familiares e a divisão "natural" de funções entre seus membros, utilizada como parâmetro para as relações de poder na sociedade, o uso doméstico de retratos, sigmas, e objetos decorados com o sigma, como xícaras, bordados, toalhas de mesa, uniformes para crianças de colo etc., procuravam fazer do "lar" do integralista um verdadeiro sub-núcleo do movimento. Isto sem esquecer a intenção de envolver todos os membros da família na militância: os homens como "camisas verdes", as mulheres como "blusas verdes" e as crianças, "plinianos" e "plinianas". A exposição do "lar" e da vida familiar, também como expressões de militância, reforçava o caráter de modelo que estes deveriam expressar.[23] Em outro número de *Anauê!*, nota-se a

---

p. 9.

[23]Parte desses objetos eram produzidos pelas mulheres e seus "moldes", como no caso dos bordados e toalhas, eram publicados em *Anauê!*, na seção "Senhora".

Celisa Barreto, Walter Molina Barreto (filho) e José Constate Barreto em 1936.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

Plínio Salgado e sua segunda esposa, Carmela Patti Salgado, em 1937.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

preocupação em destacar a presença dos símbolos e uniformes na vida familiar dos integralistas:

> "Ha familias integralistas onde em cada sala da residencia tem um Sigma, e são Integralistas desde o Patrão, funccionario publico, até o Neco, um fedelho de 2 annos que já sabe dar o 'Anauê'!... Temos assistido a casamentos integralistas, onde os noivos, padrinhos e convidados estão de camisa verde e o Padre e o Juiz de Sigma ao peito."[24]

Anauê! publicou freqüentemente fotos que incluíam várias pessoas da mesma família uniformizadas. "O 'batalhão' do companheiro Angelo Maximo Gallinati", em cuja foto apareciam 13 pessoas da mesma família, e estando até mesmo o bebê de colo uniformizado, "devia até ser proclamado 'nucleo familiar'".[25]

Na grande maioria das descrições feitas em *Anauê!* dos conflitos entre integralistas e comunistas, ou mesmo entre integralistas e forças políticas locais, o ambiente familiar ou o contexto das relações familiares estão sempre presentes. Quando um conflito ocorre durante um desfile integralista, a descrição da morte do militante enfatiza que esta se deu nos braços da irmã. Quando não ocorre em desfiles, enfatiza-se sempre o "lar" frágil, atacado, invadido, que os integralistas defendem heroicamente. No caso descrito a seguir, a invasão se deu contra um núcleo integralista da cidade baiana de Maragogipe, que também era a casa do "Chefe Távora", em uma noite enquanto os militantes esperavam ouvir a transmissão pelo rádio da "Palavra de Ordem do Grande Chefe". Às 20 horas, segundo *Anauê!*, um delegado de polícia, acompanhado de seus "capangas" e "armados até os dentes", invadiram "vandalicamente a Séde Integralista e um lar brasileiro!". Segundo o periódico, "não contentes ainda com a destruição material da Séde, penetram ostensivamente no quarto do Chefe Távora, com fuzis ameaçadores, onde a mãe integralista aconchega ao seio quente o fruto do seu

---

[24]Orlando Ribeiro de Castro. "Um movimento que não morre". In: *Anauê!*, agosto de 1935, nº 3, p. 36 a 38. *Anauê!* divulga imagens e descrições do segundo casamento de Plínio Salgado casa-se, pela segunda vez, com Carmella Patti, chefe do Departamento Feminino de Taquaritinga, São Paulo, em 13 de abril de 1936. A filha do primeiro casamento de Salgado, Maria Amélia Salgado, casa-se com José Loureiro Jr., "um dos pioneiros do movimento". Ver *Anauê!*, abril de 1936, nº 9, p. 27.

[25]"Familia integralmente integralista", in: *Anauê!*, outubro de 1935, nº 4, p. 48.

amôr! Com a coragem que Deus sabe dar aos integralistas em todos os momentos, ela, qual heroina que passa sob o fogo da metralha nos campos de batalha para salvar uma criança, permanece serena e impassivel, fulminando com seu olhar de mulher ferida no seu orgulho materno, os homens sem coração que barbaramente violavam a santidade do seu lar!".

Ainda segundo a descrição, embora os integralistas não tivessem reagido, a polícia teria aberto fogo causando a morte de Fernando Andrade, "e assim, com o sangue de um seu filho, Maragogipe escreveu a primeira pagina gloriosa do capitulo que lhe está reservado na Historia do Brasil Integral!"[26] Com isto, as notícias tentam transformar a invasão de um núcleo do movimento num atentado à família brasileira, transformando em vítimas não seus militantes, mas uma "mãe integralista" e seu bebê.

O discurso integralista procurou mostrar a família como uma instituição frágil diante da ameaça comunista, e procurou também delinear o papel de seus membros em relação ao movimento. Assim, a preocupação com a definição de um modelo de comportamento feminino possibilitou que as mulheres ganhassem espaço no movimento a partir de seu papel como membro da instituição familiar. Como se tratava de apresentar um modelo nas publicações integralistas, estas freqüentemente falavam em "a mulher", ou ainda "as mulheres", raras vezes explicitando a mulheres de que grupo ou classe estavam se referindo. O movimento integralista definiu a participação feminina na sociedade a partir da questão da maternidade, exaltada como importante "missão nacional" e exposta como modelo de comportamento. Os seus "deveres" para com a pátria resumiam-se em desempenhar o papel de mãe, responsável pela geração e formação moral dos "filhos da pátria". "A mulher é a guardiã da Pátria no altar do berço", dizia Plínio Salgado.[27]

O Chefe do Departamento de Coordenação e Inspetoria da Secretaria Nacional de Orientação Política, Floriano Japetu Thompson Esteves, escreve na

---

[26]E. C. Junior. "Três de setembro em Maragogipe". In: *Anauê!*, 1° de setembro de 1937, n° 19, p. 20.
[27]Plínio Salgado. *Brasil Feminino*, nº 38, p. 48.

primeira edição de *Anauê!*, dirigindo-se "à mulher" e procurando definir seu papel no integralismo em artigo intitulado "Sublime Missão":

> "(...)Sois vós que ides crear o espirito de brasilidade na grande geração de amanhã. (...) Para thema das vossas canções de embalo escolhereis os gestos dos nossos heróes. (...) Serão destes e de tantos outros feitos organizadas todas as nossas historias infantis. (...) As vossas armas serão o som mavioso do vosso canto, o manto do vosso doce olhar! E, ao ver-vos em attitude contemplativa, admirando o fruto sagrado do vosso amor, lembrae-vos sempre, mulher do meu Brasil que: - 'A mão que embala o berço governa o mundo'".[28]

O *Monitor Integralista* divulga, em dezembro de 1933, a conferência "A mulher em face do communismo", de Gustavo Barroso, na sede provincial da Bahia, a qual teria sido, segundo o periódico, muito bem recebida pela platéia feminina local.[29] Posteriormente, os textos dirigidos às mulheres ficarão a cargo, boa parte das vezes, da integralista Nair Nilza Perez, que chegará a possuir uma seção própria, de nome "Senhora!", na revista *Anauê!*. Mesmo quando o discurso apresentava imagens femininas que não a de mãe, fica nítido que estas são definidas também pelo lugar que ocupam nas relações familiares, sempre denominadas como "filhas" ou "irmãs".

Anauê descreve a história de José, um garoto que seria porta-bandeira em uma concentração integralista. Essa história aparece como referência ao integralista morto durante um desfile, José Luis Schröeder[30], e apresenta a imagem de mulher e irmã exemplar, que cuida e ampara os homens e se conforma com o destino trágico dos que tombam na luta pelo ideal integralista. Em casa, o relacionamento familiar era marcado pelo amor, carinho e "cuidados" que a irmã, Nancy, dispensava ao irmão, como arrumar seu uniforme para o desfile. Nancy havia planejado aparecer de surpresa na concentração integralista para assistir o desfile do irmão. Mas tragicamente, no momento em que ela

[28]Floriano Japetu Thompson Esteves. "Sublime Missão". In: *Anauê!*, janeiro de 1935, nº 1, s. p.
[29]*Monitor Integralista*, 16/12/33, nº 2.
[30]Em conflito ocorrido em São Sebastião do Caí, no Rio Grande do Sul, morreram o integralista José Luis Schröeder, declarado mártir do movimento, e três policiais, já que o conflito se deu contra as forças políticas locais.

chega, "comunistas" atacam e "ferem mortalmente" José, que morre em seus braços:

> "Nancy, transfigurada, naquele instante tragico, não era simplesmente a irmã, mas representava a mulher brasileira plangente e conformada oferecendo aquele sacrifício em nome do lema que aquela mocidade defendera com o proprio sangue."[31]

No movimento, a mulher deveria continuar com o mesmo comportamento que lhe era exigido no ambiente familiar. No caso das esposas de integralistas, deveriam também ser trazidas para o movimento, mas ainda no seu papel de esposa. Em 1935, uma homenagem de *Anauê!* a Maria José Leite Pereira, esposa de Geraldo Leite, Secretário Nacional de Organização Política, falecida por volta de março de 1934, assim dizia:

> "E foi assim que Maria José transferiu para a casa dos camisas verdes, o convivio que uma vida conjugal exemplar consolidada no aconchego de um lar christão. (...) E fez esse milagre que só no christianismo terá sido similar: creou para Everaldo, dentro da séde, aquela mesma assistência affectiva que lhe instituiria no lar. (...)
>
> Foi a mais terna e extremosa das filhas; foi a esposa em toda a plenitude da sua sublime missão; foi a mãe exemplar aureolada pela afflicção das sagradas vigílias junto ao berço de seus filhinhos; e culminou a excellencia de sua alma vestindo a camisa verde e pondo todo esse acervo de virtudes ao serviço da Pátria, ao serviço do Brasil!"[32]

Maria J. L. Pereira atuou no Departamento Feminino do Rio de Janeiro como tesoureira, e seu esforço de "arregimentação de senhoras e senhoritas" foi ressaltado no *Monitor Integralista* de janeiro de 1934. O "Elogio" publicado em sua homenagem no *Monitor,* após a proclamação da "transferência por morte" de Pereira para a "Legião Integralista do Além"[33], afirma que "ella soube honrar a

---

[31] *Anauê!* R. J., nº 9, abril de 1936, pp. 16 a 18.
[32] *Anauê!* , nº 1, janeiro de 1935.
[33] "Já com relação aos falecimentos, é interessante destacar o caráter de perpetuidade e de imortalidade que se pretendia imprimir à militância e ao Movimento. Para tanto, veiculava-se a idéia de que o integralista era eterno. Isto é, o integralista não morria, era *transferido* para a *milícia do além*". R. M. F. Cavalari, *op. cit.*, p. 176.

camisa verde com as suas excelsas virtudes de mãe, de esposa, de filha e de intrepida companheira da Grande Revolução".[34]

Esta, como outras homenagens para integralistas mortas, traça um estereótipo feminino associado ao sagrado, à imagem de mártir e de perfeição como filha, esposa e mãe, a partir do qual desempenharia importante função na construção do Estado Integral. A respeito do falecimento de Virgínia de Sá Peixoto Dall'orto, esposa de outro membro do integralismo, o periódico afirma que esta foi responsável por "animar com os seus exemplos eloqüentes 3 gerações integralistas":

> "...a forma gloriosa do transpasse para o além, de uma companheira que soube ser na vida esposa amantissima, mãe extremosa e sobretudo, pela sua fé, patriotismo e disciplina, o padrão de mulher integralista. (...) soube realizar sobre a terra, tudo aquilo que existe de mais bello e magestoso, de incomparavel e de grande, dentro da missão altissima que o Creador destinou á mulher atravez da imponderabilidade vibrátil de sua alma."[35]

Se quem falecia era o homem integralista, constituía vantagem para a família que a morte se desse em combate ou em decorrência de ferimentos adquiridos em combate. Nestes casos, o integralista era automaticamente promovido ao posto imediatamente superior. As "vantagens" do novo posto favoreceriam a família, que seria amparada pela "caixa de socorros e pensões aos orphãos e viuvas integralistas."[36]

O desempenho da maternidade no integralismo estava atrelado ao modelo de mãe mártir, que oferece os filhos, como soldados, para morrer pela Pátria, especialmente no combate ao comunismo, em nome do ideal integralista. É preciso notar, no entanto, a capacidade desse discurso de exagerar a violência e o sacrifício associados aos conflitos nos quais os integralistas se envolveram. A

---

[34]*Monitor Integralista*, nº 3, 1ª quinzena de janeiro de 1934, p. 2. "Elogio" in: *Idem*, nº 6, 03/03/34, p. 10.
[35]*Anauê!*, nº 3,agosto de 1935, p. 52.
[36]*Monitor Integralista*, nº 8, 16/12/34, pp. 4 e 5. Se além de morrer em decorrência do combate, fosse creditado ao militante "atos dignos de nota", este podia ser promovido por dois postos superiores. Ver ainda a resolução nº 63, que regulamenta "a caixa de socorros e pensões aos orphãos e viuvas integralistas", p. 5.

seguinte história fictícia, publicada em *Anauê!*, narra o momento em que uma mãe vê seu filho "tombar na batalha":

> "E aquella mãe Integralista, cujos cabellos haviam embranquecido naquelle instante – o grande instante da Nacionalidade, porque a luta era contra o Communismo ao serviço de Moscou – não deixara cahir uma lagrima, não tremia a voz, não baixava o olhar.
>
> - Mataram-no? Queriam matar a Patria e elle morreu por ella. Queriam destruir a familia e elle morreu por ella. Queriam insultar Deus e elle morreu por Deus.
>
> - Sim, minha mãe.
>
> - Era mais velho que tu. Criei-o com o sangue dos meus seios – sangue brasileiro! Quando o Brasil foi ameaçado pelas hostes negras pagas com o dinheiro dos banqueiros de Londres e de Nova York, não precisou que eu dissesse 'vai'! Elle foi! (...)
>
> - Sim, minha mãe. E agora?
>
> - Tens medo?
>
> - Medo?! Sou teu filho. Herdei tua coragem.
>
> Falavam junto ao miliciano que parecia sorrir na sua morte gloriosa. Augmentava a fusilaria.
>
> - E agora, minha mãe?
>
> Ella não respondeu. Curvou-se, beijou a fronte do filho que morrera pelo Brasil e tomando a carabina do filho morto deu-a ao filho vivo. (...) O moço, sem esperar um conselho ou uma ordem, apertou com mão firme a carabina, saltou sobre a barricada e bradou forte:
>
> - Commandante Thompson: Anauê! e atirou-se contra os inimigos de Deus, da Patria e da Familia.
>
> E a mãe integralista, que dava o segundo filho pela causa da Patria, não poude conter mais as lagrimas e cahio de joelhos..."[37]

A "mãe mártir" reaparece em diversas situações, também para transformar em exemplo de morte gloriosa as ocasiões de mortes reais de militantes durante conflitos. Em 1936, *Anauê!* publica notícia sobre a morte de Alberto Sechin, "quasi menino", e afirma que sua mãe, durante o enterro, ergue o braço e diz: "Filho

[37]Carlos Cavaco, "Mãe integralista", in: *Anauê!*, nº 1, janeiro de 1935.

querido, pelo bem do Brasil, Anauê!". E depois, virando-se para os integralistas presentes acrescenta: "Digam ao Chefe Nacional que ainda tenho dois filhos para morrerem pela grandeza da Patria!"[38]

Em 1937, Carmela Salgado, esposa de Plínio Salgado, descreve em *Anauê!* a história de uma jovem que "heroicamente" impediu a polícia de entrar no enterro do irmão para tirar a camisa verde deste. O jovem havia morrido ao defender a casa de outro integralista, que viajara e cuja esposa "parturiente, se encontrava ainda no leito", do ataque de um grupo de "cangaceiros" chefiados por um delegado de polícia.[39] Os atos heróicos dos integralistas sempre são narrados envolvendo o ambiente ou relações familiares. Mas, apesar de considerar glorioso que a mãe oferecesse os filhos para morrer pelo integralismo, alertava-se para o perigo que os filhos corriam "fora" do movimento. Em 1937, *Anauê!* apresenta um roteiro para teatro intitulado "O Grevista", retratando o drama de um casal em que o marido era comunista e a esposa, integralista. O cenário era constituído por um quarto "immundo de habitação collectiva", com uma cama de casal, um berço com uma criança pequena, duas cadeiras e uma lâmpada pendente ao teto num longo fio. O bebê está, então, muito doente, mas o pai, um "proletário" de nome João, resolve ir à reunião do sindicato. Maria, a mãe, fica desesperada e implora ao marido que espere até a chegada do médico, pois o filho está muito mal. Durante a discussão ela defende "a Família" e a fé em "Deus e na Virgem Maria": "Pense um pouco na nossa Pátria e nas nossas familias", diz ela. João se irrita ao perceber, apenas por essas palavras, que a esposa é integralista, e quase a agride, terminando por sair de casa.

Mas o drama ainda estava por vir: o médico chega e começa a "abrir a ferida" do menino, e tranqüiliza a mãe dizendo que a criança ficará bem. No entanto, a luz se apaga e ambos se desesperam, e quando enfim ela acende uma vela, o filho já está morto. O médico parte e, quando João chega, está todo satisfeito por ter se "vingado" dos burgueses: "Maria, cortei o cabo de energia

[38] *Anauê!*, nº 10, maio de 1936.
[39] Carmela P. Salgado. "Heroismo de Mulher". In: *Anauê!*, nº 16, junho de 1937, pp. 2-3.

electrica da cidade. Deixei a cidade às escuras". E como desfecho, Maria responde: "E matou o nosso filho!".[40]

Esta história reforça a imagem da ameaça comunista à família, à ordem social e, porque não, à saúde das futuras gerações. Mas apresenta também uma imagem de mulher que será defendida pelas publicações integralistas. Esta mesma peça é comentada por Emma Grant em seu estudo sobre o Integralismo, associada ao trecho de um artigo da integralista Nilza Perez, também publicado em *Anauê!*. Segundo Grant, Perez demonstra neste artigo uma intenção de mostrar uma posição de igualdade entre homens e mulheres, contrariando a orientação integralista. O trecho em questão, associado ao roteiro teatral, é o que segue:

> "O Integralismo ve na mulher, pela voz de nosso chefe, coisa diferente do homem – nem superior, nem inferior porque não se podem comparar coisas heterogêneas. Somos diferentes, ocupamos dentro do movimento, um lugar diferente."[41]

Para Grant, a imagem "superior" da mulher na peça teatral e a negação, por parte de Nilza Perez, da existência de uma hierarquia entre homens e mulheres revelam uma atitude emancipacionista das mulheres integralistas. De fato, as mulheres ocuparam diversos espaços no movimento e por meio dele, como nas atividades educacionais e de assistência social, chegando mesmo a eleger a vereadora integralista Maria Bernardete Leme Bueno Romero, em Pedreira, São Paulo.[42]

No entanto, a avaliação dos discursos femininos e masculinos a respeito do casamento no decorrer desse período por Cleusa Silva sugere ainda outra conclusão. Silva evidencia o processo pelo qual a crítica elaborada por mulheres

---

[40]*Anauê!*, nº 13, 01/03/37, pp. 7 e 56. Segundo *Anauê!*, esta peça foi transmitida e reprisada pela rádio "Farroupilha". O periódico, então, noticia que abre mão dos direitos autorais sobre a história "em favor de todas as estações de radio, theatros, e outras applicações que possam ter." *Anauê!*, nº 15, maio de 1937, p. 50.

[41]Nair Nilza Perez, "A Civilização e a Mulher" *Anauê!*, nº 12, setembro de 1936, p. 32. Trecho citado por Emma Grant, em *Feminism in Fascism: a study of integralist movement*. New London – Connecticut: Senior Honors Thesis submitted to the self designed independent major: Latin American Studies, 1996, p. 38.

[42]*Anauê!*, nº 13, 01/03/37, p. 47 e *ibidem*, nº 19, 01/09/37, p. 36.

intelectuais contra o casamento e em defesa da igualdade de direitos entre homens e mulheres, especialmente nos anos 20, marcou e mesmo transformou o discurso masculino. Nos anos 30, tanto o discurso médico como o de Plínio Salgado buscarão, ao defender o casamento, redirecionar a mulher para o lar e reforçar a idéia de impossibilidade de igualdade entre ambos. Para Silva, o discurso masculino em defesa do casamento acabou incorporando algumas críticas e exigências femininas e procurou reelaborar o eixo dos vínculos conjugais sobre a idéia de amizade e companheirismo, condenando a imagem da mulher como submissa, porém reforçando a ideologia da domesticidade no processo de modernização das relações entre os sexos. A mulher recebe assim um lugar de destaque como companheira atuante, cuja importância também é ressaltada na criação dos filhos. Esta última função viabiliza a possibilidade de defesa do direito feminino à educação, destinada a preparar a mulher para a melhor formação dos filhos.[43]

Esta análise de Silva pode ser aliada à feita por Cavalari, para quem este recurso que apresenta os gêneros apenas como diferentes, sem que haja uma afirmação explícita de superioridade ou hierarquia nas falas de integralistas, visava definir as diferenças de "temperamento", de "natureza", ou então a "diversidade psicológica" entre homens e mulheres. A participação da mulher na sociedade se daria como colaboradora do homem. Com esse recurso, o discurso opera uma "naturalização" das diferenças de gênero, pois, partindo do pressuposto de que essas diferenças pertencem à "natureza" dos sexos feminino e masculino, a delimitação das capacidades e das possibilidades de cada um em esferas diferentes não pode ser ultrapassada. A "natureza" feminina será descrita como calcada na "fragilidade" e na "doçura", enquanto a "natureza" masculina será descrita como "moralmente" mais estável.[44]

[43]Assim, segundo Silva, as mulheres exerceram presença ativa no processo de reformulação do casamento na sociedade brasileira, entre 1900 e 1940, ainda que a variedade de discursos masculinos produzisse mecanismos de dominação e sujeição do gênero feminino, exibindo, segundo a autora, o caráter autoritário dessa visão sobre o vínculo amoroso ao reforçarem a idéia de constituição da identidade feminina a partir do vínculo conjugal, circunscrita à esfera doméstica. Cleusa Gomes Silva. *"Modernizando o casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940). op. cit.*, pp. 116 a 118.
[44]Rosa Cavalari, *op. cit.*, p.57 a 62.

Por essa razão, o Chefe Provincial do Acre escreveu, em homenagem ao Departamento Nacional Feminino, ressaltando como a capacidade de colaboração constituía uma característica feminina:

> "O Acre que durante as memoraveis e cruentas lutas revolucionarias, de 1899 a 1903, teve sempre o inestimavel concurso patriotico da alma feminina a confortar o 'seringueiro-soldado', e a incentivar os chefes na gloriosa senda em busca da Pátria Brasileira, sob cuja bandeira queria continuar a viver; (...) o Acre, pela palavra de seu chefe provincial, saúda, com entusiasmo, á Mulher Integralista Brasileira, na pessoa da Dra. Irene de Freitas Henriques e suas dedicadas companheiras do Departamento Nacional Feminino, que estão preciosamente ajudando a construir uma nova Pátria Brasileira."[45]

O teor dessa relação entre homens e mulheres aparece tanto nas falas masculinas quanto femininas nas páginas dos periódicos integralistas. A mulher alcança espaço e sua participação aparece como ativa e importante no movimento, mas esta ação é definida de forma a reafirmar as diferenças e condenar qualquer intenção de igualdade entre os gêneros.

Enquanto o estudo de Silva revela as transformações causadas pela ação e pelo discurso feminino no discurso masculino reacionário, que acabou definindo em outros termos as diferenças de gênero, Cavalari ressalta a importância da ação feminina integralista na expansão do próprio movimento, especialmente na área de alfabetização e de assistência social, e Grant busca demonstrar que, apesar do teor conservador e restritivo da doutrina e da propaganda integralista em relação à mulher, esta teve importante atuação no movimento, procurando até mesmo superar a desigualdade entre os gêneros. Este último ponto é certamente questionável, levando em conta que essa diferenciação caminhou, ainda que incorporando algumas reivindicações, tanto nas falas femininas quanto masculinas integralistas, no sentido de "naturalização", e não superação. De qualquer modo, tanto Cavalari quanto Grant tocam em uma questão que provoca

[45]Mario de Oliveira (Chefe Provincial do Acre), "A Provincia do Acre saúda a Mulher Integralista Brasileira" (escrito para o álbum especial de Irene de Freitas Henriques), in: *Anauê!*, nº 6, 1ª quinzena de janeiro de 1936, p. 20.

ainda polêmica nos estudos sobre mulheres em regimes como o nazismo alemão e o fascismo italiano.[46]

O comportamento da mulher foi sistematizado em mais de um periódico integralista, com o título de "Decálogo da Boa Esposa", como em *Anauê!*, ou "Breviário da Mulher Integralista", como em *Brasil Feminino* e em *A Ofensiva*. As "recomendações", aprovadas pelo Chefe Nacional, no caso dos dois últimos periódicos chegam a possuir dezessete itens. Servir e renunciar são atitudes recomendadas nos itens primeiro - "Crê, ardentemente, em Deus; ama, sinceramente, a tua Patria, e serve conscientemente, a tua Familia" - e no quinto - "Foge de todas as futilidades da ficticia vida social-materialista e decadente, porque a blusa verde que vestes exige de ti a renuncia intelligente de vaidades inuteis e amesquinhadas." A "dignidade" feminina é desenhada como comportamento moral irretocável "próprio" à maternidade: "Integral como o Sigma que a mão do Chefe traçou sobre o mapa do Brasil, tem de ser a tua dignidade de mulher; a tua Fé christã; a tua consciencia do dever cumprido e do teu amor a humanidade"; "Não fumes, não bebas alcool, não jogues nem te desnudes nas praias, lembrando-te de que uma integralista tem de estar muito acima dessas tristes illusões de elegancia", e ainda "Sê pura, por amor á pureza; estudiosa por necessidade de saber para ensinar; (...) crente, por sêde de perfeição moral; (...) disciplinada, por dever de exemplo". Está presente também a condenação da participação feminina no mercado de trabalho: "Não abandones o teu lar sob pretexto algum, pois a elle te prendem o respeito por ti mesma, o amor de teu marido e o berço do teu filho, e melhor servirás á Patria nesse teu posto de honra, do que no exercicio do mais alto cargo que te offereceram. Todo o tempo,

[46] A complexidade da análise do papel das mulheres e da construção cultural de gênero nos fascismos europeus, em relação à produção de mecanismos discursivos ou práticos, por meio de políticas estatais, de caráter autoritário ou totalitário, resultou em uma polêmica produção historiográfica que tem procurado superar a limitação de se considerar a presença feminina nos fascismos ou como vítimas do regime, ou como cúmplices do mesmo. Ver: Robin Pickering-Iazzi (ed.). *Mothers of Invention – women, Italian fascism, and culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995, especialmente o artigo de *Lucia* Re. "Fascist Theories of 'Woman' and the Construction of Gender", pp. 76 a 99. A respeito dessa discussão em relação ao nazismo alemão ver: Atina Grossmann. "Feminist Debates about Women and National Socialism" in: *Gender & History*, vol. 3, nº 3, Autumn 1991.

entretanto, que te sobrar de teus cuidados com a familia, divide-o em servir a Deus e ao Brasil".[47]

Entretanto, esse mesmo discurso incorpora a defesa da educação feminina associada à sua "missão" social e "patriótica" de "ensinar" (que aqui pode ser compreendido como direcionado aos próprios filhos, mas também às funções que as mulheres integralistas desempenharam como educadoras no movimento). Além disso, a crítica à participação feminina no mercado de trabalho também é confrontada pela participação e atuação feminina no próprio movimento, no papel de enfermeiras, assistentes sociais e, como já foi dito, educadoras.

A busca de uma relação de igualdade, apesar disso, era considerada um atentado contra a própria "natureza", que determinava a diferença biológica dos sexos. *Anauê!* chega a desenvolver, em maio de 1937, uma série de entrevistas com algumas "blusas verdes", como as "senhoras" Plínio Salgado, Barbosa Lima e Jamil Féres. As questões propostas referiam-se aos motivos que as tinham levado a ingressar nas "fileiras do Sigma". As perguntas propostas eram:

> "a. Por que motivo entrou para o Integralismo?
>
> b. Qual o aspecto do movimento integralista que lhe parece mais seductor?
>
> c. Qual é na sua opinião a missão principal da mulher dentro do movimento integralista?
>
> d. Em que sector prefere colaborar?"[48]

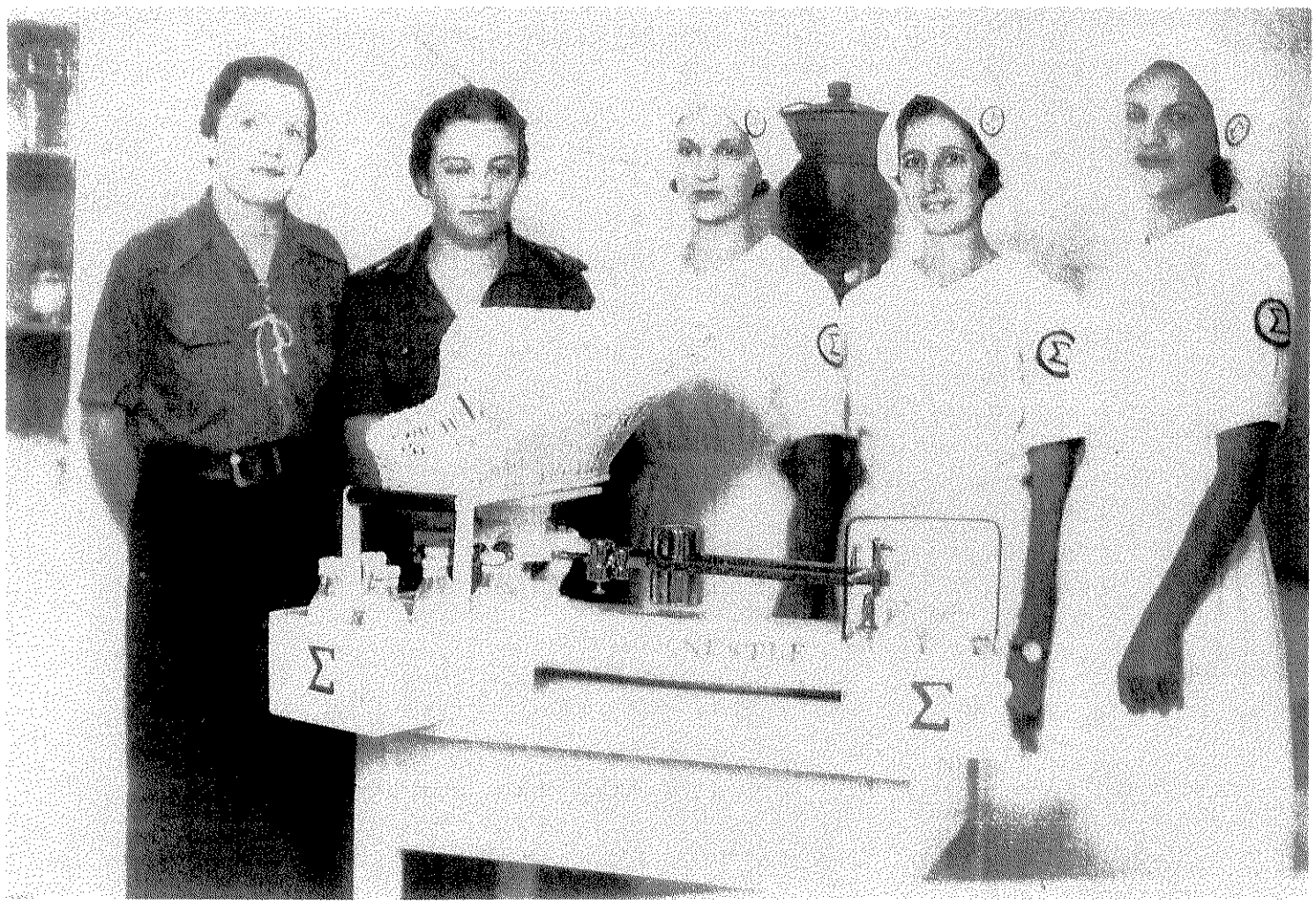
Em relação ao item *d*, por exemplo, que questiona o setor em que a integralista prefere exercer sua *colaboração*, Carmela Salgado responde: "no que presentemente me encontro: de esposa carinhosa, mãe desvelada e companheira inseparável em todas as emergências", enquanto a sra. Gustavo Barroso enfatiza a fundamentação cristã do movimento como o elemento de seu principal interesse, sendo os setores pelos quais se interessa os de assistência e

[47]Estas informações constam do "Breviário da Mulher Integralista", publicado em *A Ofensiva*, R.J., 05/01/37 e transcrito em *Brasil Feminino*, R. J., nº 38, nov./37, p. 33. O "Decalogo da Bôa Esposa" encontra-se em *Anauê!*, nº 3, agosto de 1935, p. 22. A publicação *Brasil Feminino* torna-se integralista por volta de maio de 1937, segundo anúncio de *Anauê!*, nº 15, maio de 1937, p. 65.
[48]*Anauê!*, nº 15, maio de 1937, p. 58.

Sra. Genoveva Ariani (centro), chefe da Secretaria de Arregimentação Feminina
e Plinianos do Núcleo Municipal de Botucatu-SP, entre outros membros da Secretaria.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

Professora Jacy Fazzio (centro) e alunos da Escola de
Alfabetização Caetano Spinelli, do Núcleo Municipal de Botucatu-SP, em 1937.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

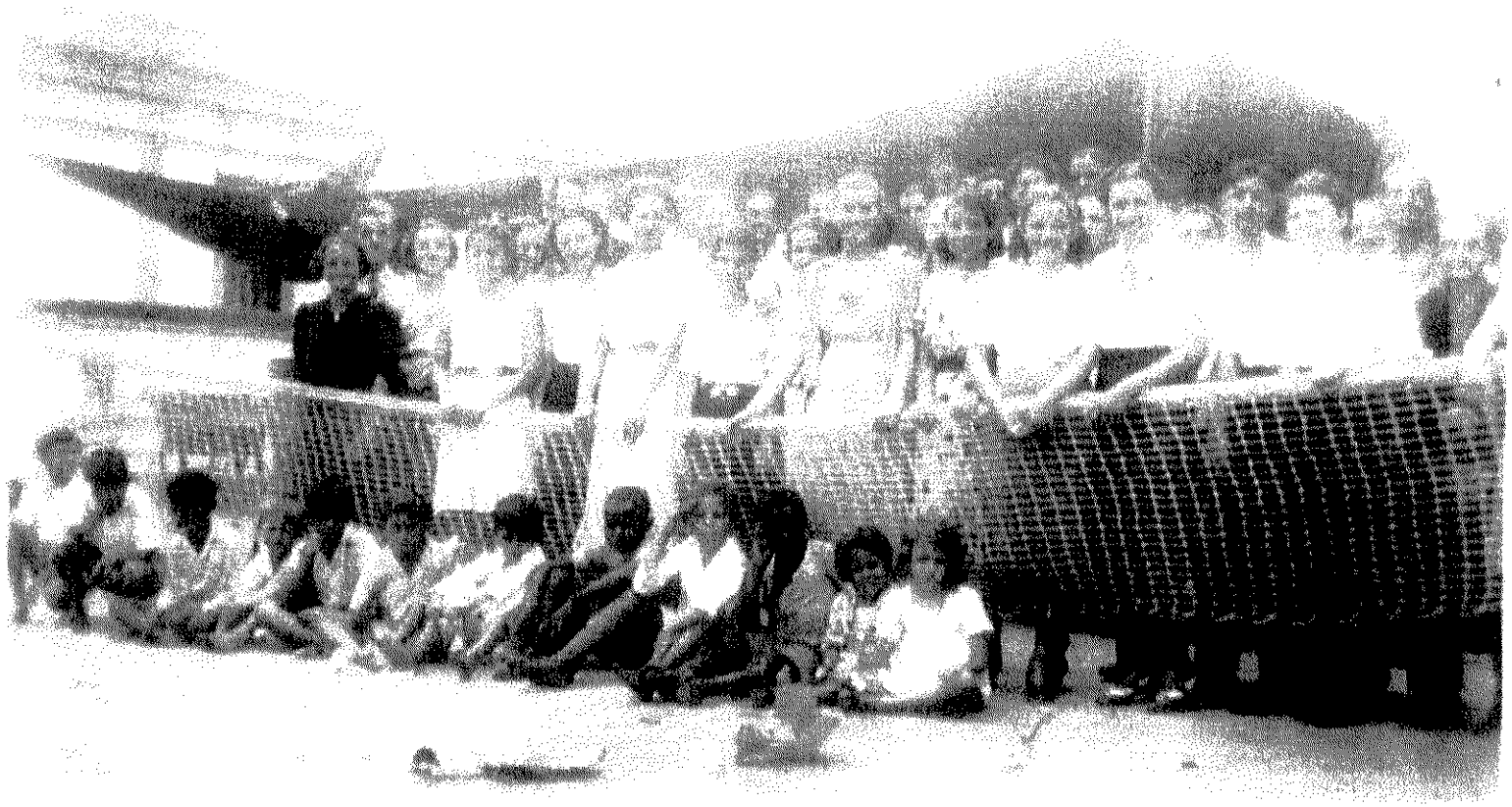
Visita da Secretária Provincial de Arregimentação Feminina e Plinianos, Adelina S. Prado, durante inauguração do Lactário Anna Francisca, no Núcleo Municipal de Botucatu-SP, em 1937. *Acervo Plínio Salgado.* Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.



Crianças atendidas pelo Lactário Anna Francisca do Núcleo Municipal de Botucatu-SP, em 1937.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

Professores e alunas da Escola Integralista de Enfermagem do Núcleo do Meyer, Rio de Janeiro-RJ.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.

Distribuição de alimentos e brinquedos por ocasião do Natal de 1937, promovida pelo Núcleo Municipal do Engenho Novo.
Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro. Rio Claro-SP.



educação. A educação foi também o setor de interesse da sra. Barbosa Lima. O papel de companheira e colaboradora é enfatizado pela sra. Barbosa Lima, que o sintetiza com clareza: "auxiliar os integralistas em todos os sectores da sua obra gigantesca principalmente no da Assistencia Social e estimulá-los sempre para que jamais percam ou diminuam a sua fé na victoria do Movimento do Sigma e nos destinos do Brasil". É ela também que responde ao item *d* da seguinte maneira: "como integralista cumpro ordem, sempre prompta a actuar onde for determinado pelos meus chefes".

A srta. Maria Antonia Avellar, em outra edição[49], respondendo ao mesmo questionário, afirma que "á mulher no Integralismo cabe a mais nobre e a mais difficil tarefa; como mãe, esposa, filha, irmã, ella deve ser irradiadora da bondade, da fé, do amor ao proximo para assim poder despertar os sentimentos de patriotismo nos corações tenros de seus filhos".

Mas é a sra. Maria Ribeiro dos Santos Féres, que se dedica à enfermagem, que parece sintetizar a definição de "missão" feminina integralista. Féres afirma:

> "o papel da mulher, a meu ver, é fundamental mas não ostensivo. Ella é como as raizes obscuras que, ignoradas, penetram a profundeza do solo para dar vida á arvore magnifica. A ella cabe, na qualidade de esposa, irmã, mãe e educadora, encorajar, incentivar, plasmar caracteres, construir enfim, orientada pela doutrina o esplendor da nova Civilização".

Ainda assim, é preciso lembrar que as mulheres eram responsáveis pela doutrinação de mulheres, crianças e jovens, enquanto a doutrinação dos adultos ficava sob responsabilidade dos homens.[50] Mas é nas palavras de Plínio Salgado, em relação a uma militante que abandonou o movimento para agradar ao noivo não integralista, que obtemos uma idéia mais intrigante a respeito da imagem, do modelo que o integralismo buscou trabalhar sobre a conduta feminina e da diferença entre homens e mulheres, com o título de "Esposas e Noivas em face do Integralismo". O importante, na seguinte fala de Salgado parece ser que a mulher

[49] *Anauê!*, nº 16, junho de 1937, p. 10.
[50] Rosa Cavalari, *op. cit.*, p. 66.

siga a opção do homem ao qual está "subordinada", no caso o futuro marido, ainda que essa obediência volte-se contra o integralismo:

> "Na proposta regulamentar de exclusão encaminhada pelo Chefe Provincial Fluminense, de uma 'blusa verde', que allegou não poder continuar a ser integralista porque seu noivo era adversário do Sigma, o Chefe Nacional deu o seguinte despacho: 'Cancele-se apenas o nome da peticionaria, sem nota de exclusão, porque o seu acto, deixando as actividades integralistas em consideração ao noivo, é digno de ser imitado por todas as noivas e esposas de integralistas que ainda não vestiram a gloriosa blusa-verde, prestigiando, dessa forma, a attitude de seus noivos e maridos, que se empenham numa aspera lucta pela sustentação da familia e do lar, da tradição e da dignidade da Patria."[51]

Embora a intenção clara de Salgado seja a de reverter a decisão de seguir a opção política e ideológica do noivo em favor do movimento, estimulando as noivas e esposas de integralistas a seguirem seus passos, a tolerância para com a atitude da jovem em questão, reforçando a imagem da conduta feminina baseada na submissão para com o homem, não condiz com grande parte das falas sobre as militantes. Tal posição contraria a peça teatral em que, apesar do marido ser comunista, a esposa revela-se integralista e, como tal, moralmente superior a ele ao demonstrar preocupação com a saúde do filho. E contraria, ainda, este comentário feito em *Anauê!*, que procura descrever o envolvimento familiar dos integralistas:

> "Em Minas, uma moça noiva, desmanchou o seu casamento porque o noivo se negou a inscrever-se entre os camisas verdes. E ella disse a um nosso companheiro:
>
> — Um homem que não tem patriotismo, nem espirito de sacrificio, jamais será um bom marido."[52]

Mas, são nos artigos escritos por Nair Nilza Perez em *Anauê!* que a questão feminina ganha ainda mais espaço. É intrigante também que este lugar

---

[51] *Monitor Integralista*, n° 19, 12/05/37, p. 4.
[52] Orlando Ribeiro de Castro. "Um movimento que não morre". In: *Anauê!*, n° 19, agosto de 1935, pp. 36 a 38.

ocupado por Perez não seja dividido com praticamente nenhuma outra integralista. Pode-se imaginar que, sendo as publicações integralistas uniformizadas e fiscalizadas, de forma a impedir discrepância de idéias, a presença que Perez conquistou em *Anauê!*, revista de divulgação nacional[53], indique que seu discurso foi tomado como estando dentro das expectativas da direção da A.I.B.

Esse espaço não constituiu exatamente uma novidade. A mulher já estava presente no discurso integralista, já era chamada a participar do movimento, já possuía uma missão, enquanto mãe e enquanto colaboradora, para o Integralismo. Mas que essa questão passasse a ser tratada por uma mulher pode indicar novas possibilidades.

Os artigos de Nilza Perez começaram a ser publicados em *Anauê!* em julho de 1936. Em seu primeiro texto, Perez se propõe a esclarecer as mulheres em relação a falsas informações sobre o papel da mulher no integralismo e procura definir a posição feminina no movimento em oposição às ameaças externas ou importadas, como o feminismo norte-americano e o comunismo. Sobre o Integralismo, Perez diz:

> "Nós nos batemos pela familia, celula mater da organização social. Nós queremos a familia brasileira bem brasileira, conservando as tradições suaves e magnificas de nossa terra, não invejando nem procurando imitar as idéas materialistas que Hollywood lança no cinema, como a maçã do Paraiso para que as Evas ingenuas e curiosas continuem a cair, a pecar...
>
> Nós queremos os sentimentos cristãos dominando, novamente, na alma de nossas patricias, fazendo-as embalar os filhinhos ao som dos canticos embaladores das mães-pretas e não ao som dos foxes norte-americanos.
>
> Queremos a mulher superior, cursando as Faculdades, ilustrando o espirito, lutando na vida pratica ao lado dos homens com estimulo e alegria, e não se esquecendo nunca de sua condição de mãe, esposa, filha.

[53]De acordo com a publicação, *Anauê!* possuía, em outubro de 1935, e tiragem de 15.000 exemplares e em março de 1937 afirmava possuir 832 representantes e agentes "em todo o território nacional" como cerca de 120.000 leitores mensais (cifra provavelmente exagerada). *Anuê!,* nº 4, outubro de 1935, p. 57; e nº 13, 01/03/37, p. 22.

Nós queremos a mulher feminil, tendo sempre um carinho para o velho pae, um sorriso incentivante para o esposo, um afago para o filhinho."[54]

Por um lado, o artigo aproxima-se da anedota presente na mesma edição da revista, em que um jovem militar pede ajuda a sua mãe para encontrar uma noiva e afirma: "Antes de tudo quero uma moça que não vá a bailes". Sua mãe então lhe pergunta se ele mesmo não freqüenta bailes, ao que ele responde: "Vou, mamãe, mas é justamente por isto".[55] Por outro lado, defende a presença feminina nas "faculdades", como era o caso da própria Perez, e "lutando na vida pratica ao lado dos homens". Perez tenta conciliar uma posição feminina mais ativa e participativa com a ênfase e a valorização do casamento e da vida familiar. E apresenta esta, por fim, como uma solução nacional, em oposição ao que era apontado como estrangeiro.

A definição da condição da mulher na sociedade é uma preocupação de Perez, e novamente as referências ao cristianismo se fazem presentes. No artigo "A civilização e a mulher"[56], por exemplo, ela procura demonstrar que, se a condição feminina é diferente em diversos momentos da história ou entre povos diferentes, foi apenas a partir do cristianismo que esta condição tornou-se digna. Essa intenção leva Perez a afirmar que as mulheres eram tratadas como seres inferiores desde a "idade da pedra lascada"; "o Egito escraviza-a. A Grecia encurrala-a. Roma vê nela uma propriedade discricionaria". Apenas o cristianismo pôde apreender o que havia de grandioso na alma feminina:

> "Quando a idéa luminosa do Cristianismo empolgou esses cerebros e corações, pensadores e filosofos, ignorantes e sabios que foram então obrigados a se curvarem perante a mulher, a quem o grande Revolucionario dera uma alma, um espirito sinão igual ao do homem, superior.
>
> Vimos o mundo todo levado nesta eclosão magnifica de espiritualismo reconhecer e admirar a profundeza do sentimento feminino, a fortaleza de seu carater, o sentir heroico de seu cerebro. A mulher atingiu o mais alto ponto de sua gloria. Foi mulher-mãe, mulher-santa, mulher-heroina, mulher-educadora."

---

[54]Nair Nilza Perez, "O Integralismo e a Mulher", in: *Anauê!*, n° 11, julho de 1936, p. 8.
[55]*Ibidem*, p. 4
[56]Nair Nilza Perez, "A civilização e a mulher" in: *Anauê!*, n° 12, setembro de 1936, pp. 31-32.

A evolução da condição da mulher na sociedade, para Perez, não resulta das lutas femininas por seus direitos, mas da "revolução espiritual" realizada pelo cristianismo. Perez afirma que, a partir de então, o desenvolvimento da civilização – cristã – libertou a mulher dos preconceitos, colocando-a no mesmo plano intelectual dos homens e "fazendo" dela deputada, jurista, escritora e médica. E então, a mulher "na sua ânsia de liberdade fez reivindicações no terreno do Direito Público e Privado e saiu vitoriosa". Mas o problema, segundo Perez, é que a mulher "não soube aproveitar-se destas vitórias e afastou-se do seu verdadeiro papel na sociedade", e deixou-se levar pela "onda materialista": "Hoje os tempos pagãos são voltados, os trogloditas encasalados do século do avião e do rádio concedem As mulheres, na sua importância intelectual e espiritual todos os direitos, mas negam-lhe espírito e alma". Com isto, Perez quer demonstrar que o comunismo considera a mulher, em suas palavras, "apenas como objeto de prazer ou animal reprodutor", enquanto os liberais vêem na mulher um "bibelot de enfeite". Desta forma, Perez poderá comparar o Integralismo ao cristianismo, como um movimento de revolução espiritual e que resgata o "verdadeiro" valor da mulher:

> "Graças, entretanto, à periodicidade das ondas materialistas e espiritualistas, já surgiu um movimento análogo ao Cristianismo, na sua força espiritual, que está revolucionando o nosso país e que revolucionará toda a humanidade.
>
> O Integralismo, movimento profundamente cristão, vem recolocar a mulher no seu devido lugar, roubando-a ao masculinismo 'yankee', arrancando-a da posição subalterna de objeto de enfeite ou de prazer para torna-la a viga mestra da sociedade, para faze-la a revolucionaria de corações e idéas."[57]

A maternidade tem a função também de estimular os filhos a tornarem-se integralistas. A mãe, nos versos de um cônego, possui uma missão sagrada e uma missão patriótica, como se fosse enviada pelo próprio Deus:

> "Mãe brasileira, mãe que de ternuras
> Tens um thesouro n'alma, escuta, agora

[57] *Ibidem.*

voltada para o ceo, á luz da aurora,
A voz de Deus falando das alturas:
'Mães do Brasil em cujas almas puras
A minha benção vive e de hora em hora
Potente se revela, como outrora
Nas memoraveis mães das Escrituras.
O inferno trama contra os meus altares
E jura desfazer os vossos lares,
Todo o respeito, o amor, que merecerdes.
Fazei bater os corações mais fortes;
Intrepidas fazei no Sul, no Norte
Dos filhos que vos dei 'camisas verdes'."[58]

O Integralismo valorizava a doutrinação de crianças e jovens, futuros cidadãos, uma doutrinação a ser efetuada (assim como as discussões médicas a respeito da educação sexual) tanto no ambiente familiar quanto nas escolas. Iniciava-se com o batismo, e ainda o seu lazer era pensado de forma a realçar a ideologia do Estado Integral. Às crianças era reservado o dever de obedecer e respeitar as autoridades materna e paterna e, posteriormente, na organização do movimento, as autoridades integralistas e ao Chefe Nacional acima de todos. Busca-se o domínio desses processos como maneira de assegurar a formação do Homem brasileiro dentro de seus padrões "biológicos" e ideológicos.

Assim como a revista *Anauê!* publica uma seção dedicada a assuntos "femininos", incrementada com conselhos de roupas e receitas culinárias, também as crianças "plinianas" recebem, no ano de 1937, uma seção específica para sua expressão: "Curupira", criada para ser "a officina em que o aprendiz ensaia os primeiros passos, os primeiros vôos para poder logo tornar-se habil operario das letras nacionaes".[59] A Seção Pliniana de *Anauê!* anuncia os "Deveres do Pliniano", em 1935:

"O Pliniano sabe obedecer. Comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral. (...) Em consequencia, o pliniano dirá: Eu, que

[58]Cônego J. Thomaz de A. Menezes. "A voz de Deus". In: *Anauê!*, nº 8, março de 1936, p. 20.
[59]*Anauê!*, nº 13, 01/03/37, p. 50.

desejo que o Brasil seja grande e forte, o que só acontecerá se todos nós formos disciplinados e obedientes, hei de:

Obedecer em tudo a meus paes, meus mestres e meus chefes; (...)Obedecerei ás leis da minha Patria, ás da sociedade que frequentar, e me submetterei, sem discutir, ás regras dos jogos em que me empenhar.

(...) Serei sempre fiel á minha Patria, á minha familia e aos meus companheiros. (...)"[60]

Enquanto o exercício da hierarquia e disciplina era associado à formação dos meninos "plinianos", a história da pequena Dione, integralista de sete anos, é contada de modo que as idéias de "sacrifício" e "privação dos prazeres" aparecem também associadas ao sexo feminino. Percebendo que Dione não estava se preparando para ir ao cinema com as outras crianças, sua mãe lhe perguntou:

"-Então, Dione, você não vae ao cinema?

-(...) Eu hoje não quero ir ao cinema; quero fazer mortificação pela victoria do Integralismo!

Privar-se dum prazer, fazer um sacrificio pelo bem do Brasil! E isso espontaneamente! Uma menina de sete annos!

Ó inimigos do Sigma! Disisti do vosso intento porque nenhuma força humana deterá mais a marcha gloriosa dos 'camisas-verdes'!".[61]

Até mesmo o Departamento Nacional dos Plinianos foi desmembrado, para dar lugar ao Departamento Nacional das Plinianas.[62] Desde cedo, o integralista deveria ser preparado, na família e no movimento, para o Estado Integral. As diretivas da AIB para o Departamento da Juventude Integralista, parte da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos (S.N.A.F.P.), datado de 1936, estabelece como seu objetivo "reunir, disciplinar e educar, através da escola activa, todos os brasileiros, de ambos os sexos, até 15 anos de edade, de modo a realisar o seu aperfeiçoamento moral, civico, intellectual e

[60]Capitão Maurício Braz de Araújo (Chefe do Departamento da Juventude da Secretaria Nacional de Organização Política). "Deveres do Pliniano" in: *Anauê!*, nº 1, janeiro de 1935, s. p. (grifo original). Ver ainda "Cartilha do Pliniano" (da Seção da Juventude Integralista - Secretaria Nacional de Doutrina), in: *Monitor Integralista*, nº 14, 15/05/36, p. 6.
[61]"Mortificação". In: *Anauê!*, nº 19, 01/09/37, p. 45.
[62]*Monitor Integralista*, nº 19, 12/05/37, p. 6.

physico."[63] Plínio Salgado, em *Anauê!*, exige que a "mocidade" não se "entregue aos prazeres", mas dignifique a sua Pátria "no trabalho, no estudo, no aperfeiçoamento moral, intelectual e physico".[64]

A publicação do artigo "O sentido da formação pliniana", escrito por um padre, procura esclarecer a respeito da preocupação integralista com a formação infantil:

> "Si o homem é o que a creança foi – é preciso na creança preparar o homem. O sentido dessa preparação está subordinado, não a valores relativos e transitorios, mas a um ideal absoluto."[65]

Esclarecida a preocupação em transmitir o "ideal absoluto" que se esperará do adulto, o artigo acusa o liberalismo de ser irresponsável ou incapaz de fornecer essa educação à criança, pois "finge dar-lhe uma educação que apregoa se destinar a democracia, mas o que lhe dá é uma educação perigosa, pois, sendo ella de finalidade neutra acarreta resultados destructivos". A educação considerada "neutra" por ter como finalidade a democracia é apresentada como perigosa, pois não assegura que a criança se torne subordinada ao "ideal absoluto": "A formação pliniana colima esse fim: educar a creança absolutamente integrada na plenitude dos Ideaes do Sigma", e dessa forma "liberta o homem, pela disciplina espiritual e physica, da tyrania dos instinctos". Novamente, a preocupação com o controle dos "instintos" ou de como a falta deste controle compromete a condição "espiritual e física", unindo a preocupação religiosa com a preocupação médica em relação ao comportamento e à constituição física dos indivíduos. Trata-se, claramente, da preocupação com o instinto sexual. E a busca de controle ou "equilíbrio" por meio de exercícios remete à tão polemizada pelos médicos, a educação sexual. De acordo com o texto, a formação pliniana visa "orientar e disciplinar a liberdade": "Eu vejo nesses pequeninos soldados do Sigma a grande Legião invencivel de amanhã. Elles

---

[63]*Diretiva da AIB para o Departamento da Juventude*, 10/08/1936. Documento assinado por Irene de Freitas Henriques.
[64]*Anauê!*, nº 10, maio de 1936, p. 19.
[65]Padre Leopoldo Aires. "O sentido da formação pliniana". In: *Anauê!*, nº 16, junho de 1937, pp. 42-43.

serão os dominadores e os trinunphadores, não com as armas da bruteza, porque já não precisa della que argamassou com sacrificios o seu prestigio moral, mas com as da individualidade que vem da educação, de uma educação integra, perfeita".

Por sua vez, Barroso afirma ser dever do Estado Integral interferir na Educação:

> "É seu dever fundamental, no interesse de sua própria perpetuidade; mas essa interferência não deve ir ao ponto de aniquilar o Individuo e a Familia, cujas esferas de atividade devem ser garantidas para a própria justificação do conceito do Estado Integral. Os elementos morais da Nação, vindo colaborar com o Estado, concorrem para identificar melhor esse com aquela."[66]

A presença, portanto, de escolas integralistas para crianças constituiu um investimento, que foi aliado à ação de envolvê-las nas milícias e prepará-las para o integralismo. De acordo com *Anauê!,* "milhares de crianças, em todas as Provincias, aprendem diariamente, nas escolas integralistas, as virtudes christãs e civicas que farão do Brasil de amanhã uma Patria forte e feliz, respeitada no continente e no mundo." E em junho de 1937, o mesmo divulgava que a "Província Fluminense" possuía cem escolas integralistas de alfabetização.[67] A vida do pequeno integralista, como já foi dito, começava a ser envolvida pelo movimento já no batismo e depois na convivência familiar. A iniciação no movimento era realizado dos 4 aos 15 anos e, nessa época, o ingresso na milícia passava a ser definitivo. O processo tinha continuidade ainda na educação escolar e nas horas de lazer, as quais deveriam ser preenchidas com as atividades físicas e esportivas da milícia pliniana. Assim, desenvolvia-se a socialização político-ideológica dos militantes e a formação intelectual, moral, cívica e física dos futuros cidadãos do Estado Integralista.[68]

A A.I.B. apresentou, assim, programas específicos para doutrinar e preparar seus membros para a formação do Estado Integral. Essa preparação

[66]Gustavo Barroso. *O que o integralista deve saber.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937, p. 47.
[67]*Anauê!*, abril de 1936, nº 9, p. 28. Divulgação de outras escolas integralistas em *Anauê!*, nº 12, setembro de 1936, p. 14 e nº 16, de junho de 1937, p. 5.
[68]Ver Hélgio Trindade, op. cit, p. 196.

ambicionava a hierarquia, a disciplina e a obediência (milícias), estabelecendo funções específicas para cada grupo trazido para as fileiras do movimento.

O comportamento masculino também foi tratado pelas publicações integralistas, associado às relações rígidas de hierarquia. No movimento, também os homens devem sempre obedecer aos seus superiores e, em última instância, de modo fiel e sem questionamentos, ao Chefe Nacional. Hierarquia esta que também deveriam exercer sobre os membros da família: o pátrio poder. Em certos momentos a exigência do movimento em relação à conduta masculina reforça o caráter de pai, de responsável pela família e da necessidade de uma conduta moral e sexual "irrepreensível". O *Monitor Integralista*, ao apresentar as Diretivas da Chefia Nacional com regulamentos para a Conduta de Prefeitos, presidentes de Câmaras e Vereadores integralistas, exige:

> "pela simples posse dos cargos para que foram eleitos, o alto compromisso moral de pautarem suas vidas privadas de modo que a sua autoridade seja cada vez maior e mais respeitada. Que jamais haja um Prefeito, um Presidente de Camara, um Vereador, do qual se possa dizer que frequenta casas de jogo ou de tolerancia; que se embriaga ou tem qualquer vicio; que, sendo casado, deixe de cumprir os deveres de esposo e de pae; que seja um ridiculo conquistador ou um condescendente para com incorreções familiares; que se immiscúa em desordens, que compareça a rodinhas de politiqueiros ou ande em companhias reprovaveis; que seja incorreto em seus negócios particulares ou commerciaes. Os Chefes Municipaes deverão immediatamente communicar á Chefia Provincial a incapacidade moral dos que, eleitos ou no exercicio do cargo, transgridam estas normas, afim de que sejam elles punidos immediatamente."[69]

Desta forma, o comportamento público e privado do militante torna-se indissociável, enquadrando causadores de "desordem" social e maridos infiéis, ou então os possuidores de "vícios" e criminosos ou "desvirtuados ("incorretos em seus negócios").[70] O comportamento do homem integralista, como pai, deveria

[69]*Monitor Integralista*, nº 14, 15/05/36, p. 2.

[70]Deutsch reconhece a participação feminina no movimento como ambígua e estratégica, especialmente em termos eleitorais, mas aponta elementos que enfatizam o integralismo como um movimento com forte apelo à masculinidade. Sandra McGee Deutsch. *Las Derechas*: *The*

evidenciar o exemplo ainda de entrega à luta integralista, o combate, de vida ou morte, contra os inimigos do integralismo, isto é, os inimigos de "Deus", da "Pátria" e da "Família". Os trechos a seguir fazem parte do poema "A Canção do Segundo Tamoyo", em que um pai que se entrega ao combate, sem saber se sobreviverá, deseja deixar esse exemplo ao filho:

"Teu pae vae pelo campo e na cidade
Bater ás portas do brio nacional!
Ha abutres voejando nas alturas
Ha extrangeiros sem patria e sem familia
Ha homens sem Deus, almas impuras
Causando aos olhos meus dura vigilia...
É preciso que eu vá gritando forte
Que é preciso luctar e ser viril
Que é hora de morrer sorrindo á Morte
Pela grandeza suprema do Brasil!
Se eu não voltar, meu filho, escuta attento
Longe de ti – espirito e pensamento -
Animarei teus passos nas estradas
E tú que és a alma de minh'alma
Has de sentir na mente a doce calma
De quem prossegue na mais santa das jornadas!
Lucta! Conduz avante o lábaro azul e branco[71]
Faze da tua vida toda uma epopéa
Não te apavore na estado o solavanco
Que 'a lucta é a atmosphera da Idéa'...
Quando eu voltar, agora ou noutra vida
Hei de chamar-te, meu amado filho,
Has de achar nos meus olhos, novo brilho,
Na minha voz uma alma agradecida.(...)"[72]

---

extreme right in Argentina, Brasil, and Chile, 1890 – 1939. Stanford, California: Stanford University Press, 1999, p. 4 e pp. 282 a 289.

[71]Cores da bandeira integralista.

[72]Pessoa de Lima, "A Canção do Segundo Tamoyo", (Recife, 24/07/1935). In: *Anauê!*, n° 4, outubro de 1935, p. 20.

Os versos foram utilizados, portanto, para retratar um exemplo de comportamento dos pais na formação dos pequenos integralistas, no combate ao comunismo e na proteção à família e à pátria. Os homens eram responsáveis pela proteção da família, explicitada na fragilidade infantil e feminina, como pode-se notar nos seguintes versos:

> "(...)Tua mãe, tua irmã, noiva, filha ou esposa
> Já tremem de pavor do Monstro, que tudo ousa... [o comunismo]
> Cumpre, pois, teu dever, soldado integralista',
> Paladino do Bem, grande obreiro idealista!(...)"[73]

Como grande parte da militância integralista era composta por jovens, *Anauê!* procura também apresentar imagens de jovens que, ao ingressarem no movimento, tornaram-se exemplos de conduta "moral" ou motivo de orgulho para os próprios pais. Na mesma edição de "A Canção do Segundo Tamoyo", é descrita a ida de um "velhinho" ao núcleo integralista de Caruaru, para visitar e conhecer a sede. Ele se interessa em ler os dizeres nas paredes e chora ao encontrar o retrato de Plínio Salgado, explicando ao chefe do núcleo, Genesio Rosas, que seu filho, que perdia tudo que ganhava no "jogo" e na "orgia" — novamente a idéia de que o integralista possuía uma conduta sexual controlada ou "irrepreensível" —, "vestiu a camisa verde e nunca mais faltou pão lá em casa!" Diz então o velho homem: "Eu não queria morrer, 'seu' Genesio, sem vir aqui para ver pelo menos o retrato do Chefe Nacional".[74]

A instrução e a formação dos homens integralistas também priorizavam a valorização do respeito à hierarquia e diferenciava-se entre os que seriam formados para compor uma elite de comando e os que seriam formados para obedecer. A instrução doutrinária dos integralistas foi regulamentada, inicialmente, em 3 graus distintos: doutrinação, estudos integralistas e altos estudos integralistas. O primeiro era destinado a integralistas ou interessados, com o objetivo de "esclarecer a consciencia publica sobre os problemas sociaes e politicos encarados pela A.I.B"; o objetivo do segundo era a formação de técnicos

[73]Mario de Oliveira (Chefe Provincial do Acre), "Integralista", in: *Anauê!*, nº 12, setembro de 1936, p. 8.
[74]*Ibidem*, p. 25.

para os departamentos e de doutrinadores para a propaganda nacional; e o terceiro, enfim, visava "apenas a cultura superior das elites integralistas ou a habilitação para funcções que o Chefe Nacional lhes reservar."[75]

A organização da A.I.B. revela também algumas concepções do movimento sobre essas questões. A A.I.B. era estruturada a partir de Secretarias, Departamentos e vários órgãos com destinações específicas e submetidos à rígida hierarquia responsável por desenvolver e manter a homogeneidade no pensamento e prática do movimento.[76] Inicialmente, a ação feminina era organizada pela *Secção Feminina*, pertencente ao *Departamento Nacional de Organização Política.*[77] Em dezembro, o Monitor Integralista divulga a organização da Secretaria de Organização Política, e as Seções tornam-se departamentos, fazendo parte dessa secretaria os Departamentos Feminino e da Juventude, além do de Assistência Social, entre outros.[78]

Com a reformulação nos estatutos em 1936, criou-se a *Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos*, sendo esta responsável pela educação e alfabetização no Movimento. A criação desta secretaria em 36 atendia ainda aos propósitos da alfabetização voltada para a campanha eleitoral para Presidência da República de 1937.[79] Em *Anauê!*, palavras como "Mãe brasileira! O communismo será a desgraça de teus filhos. Alista-te hoje mesmo e Vota em Plínio Salgado"[80], convocavam as mulheres para aumentarem o número do eleitorado integralista.

De acordo com o *Monitor Integralista*, "Qualificação eleitoral, fundação de escolas e Taxa do Sigma" estavam entre as "palavras de ordem" do Chefe

---

[75]"Resolução nº 39 – regulamenta a instrução doutrinaria dos integralistas", in: Monitor Integralista, nº 7, 15/08/34, pp. 1 a 4; e "Milicia de São Paulo", in: Monitor Integralista, nº 1, 1ª quinzena de dezembro de 1933, p. 4. Ver ainda *A Offensiva*, nº 14, 19/07/34, e sobre a "elite" integralista ver texto de Barroso em *idem*, nº 21, 13/09/34.

[76]Trindade afirma que a organização da A. I. B. "é não somente um meio eficaz voltado para a ação política, mas um instrumento de elaboração e experimentação, em escala reduzida, do Estado Integralista." Essa estrutura do movimento, segundo Trindade, era responsável por formar uma organização burocrática e totalitária, que envolvia desde o Chefe Nacional até os militantes de base.Helgio Trindade, *op. cit.*, p. 169.

[77]*Monitor Integralista*, nº 6, 03/03/34, p. 4.

[78]*Ibidem*, nº 8, 16/12/34, p. 6.

[79]Rosa Cavalari, *op. cit.*, pp. 62 e 63.

[80]*Anauê!*, nº 19, 01/09/37, p. 58.

Nacional, em fevereiro de 1937. Em 1935, para as eleições municipais, a Secretaria Nacional de Organização Política pregava a qualificação eleitoral para os "integralista, seus paes, mulher, filhos e amigos" e para o financiamento da qualificação, da propaganda, transporte e alojamento de eleitores, despejas judiciais, etc, "cada Núcleo constituirá uma caixa especial por subscripção dos companheiros". Além disso, se o chefe municipal fosse elegível, deveria concorrer a prefeito.[81] Na Divisão de Educação, as atividades femininas eram orientadas nos seguintes setores: alfabetização, enfermagem, puericultura, datilografia, culinária, corte e costura, boas-maneiras, contabilidade caseira e economia doméstica.[82] A Divisão de Estudos promoveria cursos de Sociologia, Filosofia e Pedagogia, além de conferências sobre economia social, geografia humana, literatura e arte, formação moral e cívica. De acordo com a Divisão de Ação Social, as integralistas deveriam contribuir para o "melhoramento material e moral das condições de vida da família brasileira", divididas em três setores: "Lactários; Bandeirantes e Dispensários", destinados a prestar assistência médica gratuita, "educação sanitária" e atendimento a crianças carentes.[83]

Assim como o registro feito em *Anauê!* pela Chefe da Divisão Nacional de Assistência Social do Departamento Feminino, Irene de Freitas Henriques, narrando a distribuição de roupas e alimentos aos pobres, ocorrida no Natal de 1934, outros ainda referem-se a esta prática promovida pelo movimento.[84] Isto leva *Anauê!* a afirmar que "o Integralismo é o unico partido politico que funda escolas; que publica livros, que mantêm ambulatorios e colloca acima de tudo a grandeza e a felicidade da Patria".[85]

---

[81]"Convocação aos integralistas para eleições – circular da Secretaria Nacional de Organização Política", in: *Monitor Integralista*, nº 11, 25/08/ 35, p. 1.
[82]Informações sobre "Escola Domestica" fundada em Florianópolis para a formação de mulheres em *Anauê!*, nº 13, 01/03/37, p. 27.
[83]Ver *Anauê!*, nº 13, 01/03/37, p. 27; *idem*, nº 16, junho de 1937, pp. 52 e 53; e ainda edição nº 20, 01/10/37, p. 22. Informações sobre o atendimento de crianças carentes no lactário do núcleo de Botucatu - SP, ver: *Idem*, nº 20, 01/10/37, p. 22.
[84]Irene de Freitas Henriques. "Natal". In: *Anauê!*, nº 1, janeiro de 1935, s.p. Ver *Anauê!*, nº 13, 01/03/37, p. 21, e sobre a distribuição no Natal de 1936 ver edição nº 15, maio de 1937, p. 20. Registro de reuniões do Departamento Feminino, ver em *A Offensiva*, nº 28, 22/11/34, p. 3.
[85]*Anauê!*, 1 de julho de 1937, nº 17, p. 18. Ver ainda estímulo à criação de escolas de alfabetização nas sedes dos núcleos municipais e distritais, in: Monitor Integralista, 25/08/35, nº 11, p. 2.

Vale lembrar ainda que o Monitor Integralista, responsável por divulgar as regulamentações e diretivas integralistas, publicou no parágrafo 1 do Artigo 10° da Secretaria Nacional de Educação:

> "A Secretaria de Educação de Educação Moral, Civica e Fisica, tem como finalidade uma ação eminentemente nacional, totalitaria. Ela visa estabelecer uma uniformidade de pensamento; tem por fito determinar uma maneira de agir e necessita estabelecer um trabalho fisico que desenvolva a raça fixando-a n'um tipo forte."[86]

O projeto de Estado Integral apresentava plano educacional que também visava, para todos os níveis de ensino, a fundamentação nos princípios integralistas. A "educação moral do povo brasileiro" seria alcançada por meio da "cooperação entre a Familia e o Estado na obra de formação espiritual da juventude".[87] A propaganda a respeito das atividades de assistência social desenvolvidas pela A.I.B. buscava demonstrar que sua ação se espalhava por todo o país, com a participação de homens e mulheres, contribuindo para o aprimoramento da "raça". Os integralistas, dessa forma, não deixam de interagir com profissionais e problemas da área médica como parte de seu programa de ação:

> "Onde se inaugura um nucleo do Sigma, installa-se logo um consultorio medico com os mais modernos apparelhamentos, completo ambulatorio, sala de cirurgia e muitas vezes gabinete dentario para o socorro gratuito dos necessitados, independente de seu credo politico ou religioso. Uma pleiade brilhante de medicos, dentistas, pharmaceuticos e enfermeiras sacrifica diariamente as horas de repouso para attender aos que procuram a Assistencia do Sigma; e outra remuneração não têm além da alegria de contribuir para o fortalecimento da Raça que, sob a égide do Sigma, construirá, amanhã, o Grande Imperio Christão da America."[88]

---

[86]Capítulo II, in: *Monitor Integralista*, 03/10/35, n° 12, p. 3.
[87]"O que quer o Integralismo", in: *Monitor Integralista*, 25/02/34, n° 5, p. 6.
[88]"Assistencia Social", in: *Anauê!*, 1° de setembro de 1937, n° 19, p. 10. Sobre a "Policlínica Olívia Guedes Penteado", em São Paulo, ver *Anauê!*, n° 13, 01/03/37, p. 27. Notícias e imagens de ambulatórios e lactários da Secretaria de Assistência Social em Alagoas e na "Província de Guanabara", ver Anauê!, n°16, junho de 1937, p. 52-53.

As mulheres e as crianças eram também organizadas em milícias, que participavam em desfiles integralistas. *Anauê!* comentava a participação das "blusas-verdes" em desfiles como uma "afirmação magnifica de esperança e fé nos destinos da Raça".[89]

As ações são sempre no caminho de estabelecer separações entre os sexos e destacar as diferenças entre eles: existe um Departamento especificamente feminino e realizam-se congressos femininos[90]. Difícil saber com maior precisão a proporção de mulheres e crianças em relação aos homens filiados ao Movimento. Grant, salientando a capacidade dos integralistas em exagerar seus próprios números sugere que, se estes afirmam haver entre 100.000 e 200.000 "blusas verdes", talvez o mais ponderado fosse considerarmos números entre 80.000 e 160.000. Relembrando ainda a porcentagem de mulheres alfabetizadas, ainda que usando dados da década de 20, Grant sugere que a audiência feminina para as publicações do movimento dirigidas especialmente às mulheres pode ter atingindo, em números bastante otimistas, cerca de 60.000 mulheres.[91] No primeiro Congresso Nacional Feminino, realizado no Rio de Janeiro nos dias 16, 17 e 18 de outubro de 1936, fala-se na presença de cerca de cem "blusas-verdes".[92] O uso dos uniformes estava direcionado também a realçar essas diferenças e, por fim, os distintivos também exerciam esse papel:

> "Pelo Departamento Nacional Feminino foi creado com approvação do Chefe Nacional, o distinctivo para uso de todas as brasileiras integralistas. O distinctivo que acaba de ser adoptado é de formato delicado e elegante. (...) Seu

[89]Orlando Ribeiro de Castro (Chefe do Departamento Nacional Eleitoral e Sindical). "A grande demonstração integralista em Curityba". In: *Anauê!*, janeiro de 1935, nº 1, s. p.; Fotos com a participação feminina em desfile de Joinville in: *Anauê!*, outubro de 1935, nº 4, p. 49. Ver também *Monitor Integralista*, 1ª quinzena de dezembro de 1933, nº 1, p. 2.

[90]*Monitor Integralista*, 05 de dezembro de 1936, nº 16, p. 4. Notícia sobre o Congresso Provincial Feminino de Pernambuco em *Anauê!*, setembro de 1936, nº 12, p. 13.

[91]Um dos exemplos presentes nas publicações integralistas afirma que o Núcleo Municipal de Itabuna contava, com um ano de funcionamento, com 4035 integralistas fichados, dos quais 673, pertencentes ao Departamento Feminino e 561 ao Departamento de Juventude. Os números apresentados pela cidade foi considerado tão elevado que lhe foi concedia o título de "Cidade Integralista" em 10 de março de 1936. *Monitor Integralista*, 15/05/36, nº 14, p. 7. Emma Grant afirma que, embora ser esposa de um integralista não implique necessariamente que a mulher também o seja, considerando o caráter do movimento em relação à família, na maioria dos casos pode se supor que foi que o que ocorreu.

[92]*Monitor Integralista*, 05/12/37, nº 16, p. 4.

uso fica sendo obrigatorio desde já, não podendo mais ser levado outro qualquer sobre a blusa verde."[93]

O uniforme feminino possuía ainda o objetivo de reforçar a idéia de sacrifício e dedicação da mulher. A "simplicidade" da vestimenta, como símbolo de humildade e dedicação a uma causa nobre, é relembrado no próprio "Breviário da Mulher Integralista", que recomenda que a mulher deve honrar e dignificar a blusa verde "nas horas de combates moraes pela victoria do Integralismo", com o mesmo ardor e o mesmo entusiasmo com que os soldados "honram e dignificam a farda nos rudes combates em defesa da Patria".[94] O uniforme feminino também foi tema de poesia:

"Troca os faustos, o luxo de outra veste,
pela graça mais simples e atraente
desta camisa-verde que sómente
de uma sóbria elegancia se reveste(...)
Si outro vestido mais encanto empresta
e tua feminil vaidade exalça,
á tua formosura, que realça,
essa camisa, aqui, verde e modesta,
é o verso inicial de uma epopéia,
— não veste o corpo só, veste uma idéa"[95]

Não foi por acaso que, ao procurar definir a conduta de seus membros, a mulher tenha se tornado o principal alvo dos teóricos e da propaganda integralista. O homem mostra-se mais presente quando se trata de definir o "pátrio poder", que rege a família, que se constitui em autoridade inabalável e inquestionável e que é associada à imagem do Chefe Nacional. A conduta masculina será então trabalhada a partir dos quesitos hierarquia, disciplina e obediência nas inúmeras divisões da A.I.B. Mas é o papel da mulher na sociedade que precisa ser definido em contraste com o que o integralismo apontará como comportamento perigoso e desagregador da instituição familiar, do casamento e que será intensamente

[93]*Ibidem*, 15/05/36, nº 14, p. 6. E ainda no nº 18, de 10/04/37, p. 3.
[94]"Breviario da Mulher Integralista", *op. cit.*
[95]Colbert Crelier. "Á Mulher Brasileira". In: *Anauê!* Março de 1936, nº 8, p. 3.

considerado como comportamento comunista. Em primeiro lugar, tratava-se de redefinir o papel e a conduta sexual da mulher em um contexto de reivindicações femininas. Em segundo, de reverter essa nova definição de um papel mais ativo e participante da mulher, para direcionar sua ação à divulgação e expansão do próprio integralismo. Se Nilza Perez afirma, portanto, que o Integralismo retirou a mulher da posição de subalterna, é porque este, por um lado, naturalizou e sacralizou relações de poder, ainda que tenha tido, por outro lado, que incorporar importantes mudanças a respeito do papel e do comportamento feminino. A posição da mulher na sociedade não é "inferior" porque não se pode comparar "coisas diferentes", isto é, de naturezas diferentes. Mas essas diferenças foram reconstruídas em termos talvez menos ostensivos. A posição da mulher e do homem é dada pelas condições e limitações biológicas e naturais. A mulher ganha "espírito e alma" no Integralismo, porque a maternidade torna-se uma missão divina, a condição de mãe é gloriosa, e este papel é o que atribui dignidade à mulher; mas esta também acabou conquistando uma posição que evidencia a incorporação de mudanças sociais não tão agradáveis de serem reconhecidas nas falas mais conservadoras e mais próximas da doutrina cristã.

CONCLUSÃO

A recusa aos alegados convites que o médico José de Albuquerque teria recebido para integrar as fileiras do sigma, seguida das críticas contra o mesmo e outras polêmicas a respeito da educação sexual (algumas ocorridas antes mesmo da fundação da A.I.B., por parte de futuros militantes)[1], evidenciam a preocupação compartilhada sobre o significado desta na sociedade brasileira e para a instituição familiar em especial.

A atenção que integralistas e eugenistas atribuíram à instituição familiar e ao temor quanto à existência de fatores que promovessem sua desagregação, aponta para uma concepção na qual a vida privada deveria ser submetida ao projeto de um Estado autoritário, centralizado e intervencionista e o direito coletivo deveria estar acima de qualquer forma de direito particular. Ambos acreditaram que a instituição familiar constituía peça fundamental na reprodução de características "desejáveis" de uma "raça" forte e de valores e comportamentos essenciais para uma nação livre de "atrasos", de "divisões" e de conflitos, fossem "raciais", sociais ou políticos.

A família, para integralistas e eugenistas, poderia e deveria funcionar como modelo de uma ordem social "harmoniosa", por isso a existência de conflitos no interior dessa instituição passou a ser tratada como conseqüência de "desvios" ou "contaminações" externas, fossem essas promovidas por doenças, práticas insalubres ou por ideologias "subversivas". Neste sentido, a idéia de família afasta-se definitivamente das várias possibilidades de organizações, relações ou vínculos afetivos, de parentesco ou de convívio, aparecendo nas publicações médicas e integralistas como um modelo que representa a *célula-mater* da sociedade e que, como tal, deve ser "defendido" das ameaças de desestruturação, associadas ao liberalismo e ao comunismo. Por essa razão, generalizaram o objeto de sua fala como "a" família brasileira.

---

[1]Sérgio Carrara. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífilis no Brasil, da passagem do século aos anos 40".* Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996, pp. 269 – 270.

Assim, ainda que por vezes tenham criticado determinadas propostas médicas, como as relacionadas à educação sexual e à esterilização, os integralistas incluíram em seus programas, em sua doutrina e na organização de seus departamentos e secretarias em âmbito nacional, a preocupação com a eugenia da "raça" e com a conduta sexual de homens e mulheres. A presença de secretarias e departamentos de assistência social, de ambulatórios e lactários trouxe, pela obra de homens e mulheres, até mesmo a atuação médica para o interior da A.I.B..

Dos debates médicos, os integralistas apropriaram ainda uma série de elementos, como o que condenava a miscigenação como fator de atraso frente às nações européias, e alardearam que seu programa de educação física promovia o "aperfeiçoamento" físico, intelectual e moral de seus militantes, ao mesmo tempo em que a utilizavam como instrumento de militarização, promovendo a disciplina e a hierarquia.

A compreensão integralista de "família" foi elaborada sobre bases cristãs e médicas, ainda que tenha buscado ressaltar especialmente o caráter "espiritualista" do movimento como um todo. Enfatizar a herança cristã, e principalmente a católica, sobre a concepção de família na A.I.B., possuía ainda a vantagem de tratar de um conjunto de noções coerentes, já que fundadas em normas e doutrinas da Igreja. Esta herança forneceu ao movimento integralista legitimação ao princípio da autoridade paterna e da sacralização da maternidade, além de compartilhar a postura radicalmente anticomunista. Recorrer aos fundamentos da Igreja Católica possibilitou também que o integralismo pudesse desejar ou planejar contar com o apoio ou com a receptividade ao seu projeto de governo por parte de membros da hierarquia da Igreja, dos intelectuais católicos e da população católica ou cristã, tenha essa receptividade ou apoio ocorrido ou não. A A.I.B. procurou, assim, envolver cerimônias tradicionalmente cristãs direcionadas à família

como o batismo, o casamento e o funeral, com a simbologia e rituais inspirados nos fascismos europeus, de forma a integrar todo o ciclo de vida do militante.

O saber médico, por outro lado, não constituía um corpo doutrinário; pelo contrário, expressava-se por meio de debates e polêmicas a respeito do que a miscigenação, o controle da hereditariedade e da conduta higiênica e sexual dos indivíduos eram capazes de fazer pela constituição "racial" da população, e ainda a respeito dos métodos a serem empregados em nome da regeneração "racial". Baseado no princípio, divulgado pelas publicações médicas, que tomava a instituição familiar um instrumento da execução de um projeto de nação e, conseqüentemente, um alvo de intervenção e controle, o integralismo pôde desenvolver o projeto de fazer da instituição um sub-núcleo do movimento.

Este saber médico veiculou uma imagem de organização familiar mais harmoniosa do que a presente na doutrina cristã. Nas publicações médicas e integralistas, não há disputa de poder e conflitos no interior da instituição familiar, pelo fato de que homens e mulheres possuem naturezas distintas e, portanto, seus papéis não podem ser comparados. Se possuem funções "biologicamente" diferentes, não há razão para igualdade de direitos ou deveres. A noção de que homens e mulheres possuem naturezas distintas e complementares é que dita a harmonia da relação conjugal. Cada um deve cumprir com sua parte para que o todo funcione com perfeição. O princípio orgânico da sociedade aplica-se, assim, à organização familiar.

A A.I.B. pôde, também, desenvolver um aproveitamento da participação feminina que chamou a atenção de Sandra M. Deutsch. Comparando movimentos de direita no Brasil, Argentina e Chile nas primeiras décadas do século XX, Deutsch apontou para a marcante presença feminina na A.I.B. como uma diferença em relação aos movimentos de direita dos outros dois países. Isto chamou atenção de Deutsch especialmente pelo fato de que esses

movimentos primavam, sobretudo, pela autoridade masculina, exaltando a virilidade e relegando o papel feminino a um segundo plano.[2]

Assim, foi possível, entre integralistas e eugenistas, a defesa de uma educação feminina em nome de uma melhor criação dos filhos, e de uma relação conjugal mais satisfatória e menos opressiva em relação à mulher, com o objetivo de evitar o surgimento de distúrbios, atritos e doenças. Estes grupos não puderam deixar de incorporar certas críticas femininas quanto à vida em família e quanto a um papel mais ativo na sociedade.[3] A intenção clara deste processo era, no entanto, revalorizar o casamento, a presença feminina na esfera doméstica e ainda reafirmar as diferenças de gênero. A atuação integralista teria, então, procurado e talvez conseguido exercer algum efeito na contenção desse processo de reivindicações e transformações em relação à questão da moral da família e da mulher.[4]

Por esta razão, no discurso integralista, as mulheres e as relações no interior do casamento parecem oscilar entre, de um lado, reafirmar a maternidade, o pátrio poder, a condenação da presença feminina no mercado de trabalho e a naturalização das diferenças de gênero e, de outro, incorporar a imagem de uma mulher mais ativa, de uma relação conjugal mais equilibrada, firmada na noção de "companheirismo", de um comportamento masculino baseado na disciplina, no "controle dos instintos" (ou seja, fidelidade conjugal) e na aceitação de trabalhos femininos em favor da A.I.B., sob o pretexto de constituírem "extensões" de seu papel doméstico.

Como o presente estudo limita-se à avaliação das falas de médicos eugenistas e de integralistas, não é possível afirmar que tipo de recepção ou

[2]Sandra MacGee Deutsch. *Las Derechas*: *The extreme right in Argentina, Brazil, and Chile, 1890 – 1939*. Stanford, California: Stanford University Press, 1999, pp. 282 a 289.
[3]Caulfield aponta para este conflito entre os conservadores dos anos 30 no Brasil e Victoria de Grazia afirma semelhante situação no Estado fascista italiano. Sueann Caulfield. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Ed. Unicamp/CECULT, 2000, p. 339; Victoria de Grazia. *How fascism ruled woman: Italy, 1922 – 1945*. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1992, p. 10.
[4]Cleusa Gomes Silva. *Modernizando o casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)*. Campinas: Unicamp, 2001. Dissertação de mestrado, p. 118.

de repercussão estas falas encontraram em outros grupos sociais. Ou quanto poderia o autoritarismo que se desenvolvia no período e culminaria no Estado Novo ter se beneficiado dos caminhos trilhados por estes grupos em relação a esta discussão. Mas intriga a afirmação de Caulfield, por exemplo, de que o regime Vargas inspirou-se na prática da Itália fascista de empregar a "retórica dos valores da família na tentativa de legitimar as relações clientelistas e personalistas e a hierarquia social".[5] Mesmo levando em consideração a influência fascista italiana, parece haver uma ausência de reflexões quanto ao que foi realizado pelos integralistas, nos anos 30, sobre a questão. Recordando a afirmação de Marilena Chauí sobre o quanto o integralismo foi instrumental na contenção da mobilização operária, e que "sob a bandeira do combate ao comunismo, a classe média desse período serve de ponta de lança para a repressão exercida contra o proletariado"[6], é possível afirmar que o discurso médico e integralista sobre família reforçaram também este processo.

A reconstrução da fala sobre casamento e relações familiares, desde a valorização da miscigenação, da constituição de uma "raça" forte, a preocupação com o comportamento sexual masculino (como nas referências sobre a sífilis, o afastamento dos militantes das "orgias", a condenação da conduta de maridos infiéis e a defesa do controle dos "instintos"), o comportamento feminino (valorização e glorificação da maternidade, valorização da mulher como participativa, como companheira no "lar" e na A.I.B., o aproveitamento da conquista feminina do direito ao voto, o pretexto da criação dos filhos como defesa da educação feminina e "permissão" de trabalhos femininos considerados como "extensões" das atividades domésticas, como nas áreas de educação e assistência social), a condenação de comportamentos e movimentos "subversivos" associados à desagregação

[5]Sueann Caulfield. *op. cit.*, p. 335.
[6]Marilena Chauí, "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira" in: Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho Franco. *Ideologia e Mobilização Popular.* Rio de Janeiro: Paz e Terra; Centro de Estudos da Cultura Contemporânea, 1978, p. 108. Ver também Alcir Lenharo, *Sacralização da política.* Campinas – SP: Papirus, 1989, pp. 20 a 23.

familiar, enfim, todas estas questões estiveram envolvidas nos programas eugenistas e integralistas de organização familiar como parte de um projeto de nação brasileira.

BIBLIOGRAFIA

Arquivos e Bibliotecas

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) – UNICAMP – Campinas/SP

Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro – Rio Claro/SP

Bibliotecas da UNICAMP (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – Campinas/SP

Bibliotecas da USP (Faculdade de Arquitetura, Faculdade de Direito, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Faculdade de Medicina e Faculdade de Saúde Pública) – São Paulo/SP

Fontes

Higiene e eugenia

A) Periódicos

I° Congresso Brasileiro de Eugenia. Actas e Trabalhos. Rio de Janeiro, 1929.

Annaes do Quinto Congresso Brasileiro de Hygiene, Recife, 17 a 22 de outubro de 1929. Rio de Janeiro: Officinas Graphicas da Inspectoria de Demographia Sanitaria, 1929, vol. 1

Archivos Paulistas de Hygiene Mental. Liga Paulista de Hygiene Mental. São Paulo - SP

Archivos de Hygiene. Rio de Janeiro - RJ

Boletim de Educação Sexual. Círculo Brasileiro de Educação Sexual. Rio de Janeiro – RJ

Boletim de Eugenia. Rio de Janeiro - RJ

B) Livros

ALBUQUERQUE, José de. *Educação sexual pelo rádio*. Rio de Janeiro, Círculo Brasileiro de Educação sexual, 1935.

_____ . *O sexo em face do indivíduo, da família e da sociedade*. Círculo Brasileiro de Educação sexual, 1936.

Integralismo

A) Periódicos:

A Offensiva, Rio de Janeiro - RJ

Anauê!, Rio de Janeiro - RJ

Brasil Feminino, Rio de Janeiro - RJ

Monitor Integralista. Órgão Oficial da Ação Integralista Brasileira. Rio de Janeiro - RJ

Diretiva da AIB para o Departamento da Juventude: 10/08/1936.

Regulamento da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos, 1936.

B) Livros:

BARROSO, Gustavo. *Integralismo e Catolicismo*. Editora ABC Limitada, 1937.

_____. *O que o integralista deve saber*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

REALE, Miguel. *O ABC do Integralismo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. *Perspectivas Integralistas*. São Paulo: Ed. Odeon, 1935.

SALGADO, Plínio. *A doutrina do Sigma*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1935.

_____. *A mulher do século XX*. São Paulo, Editorial Guanumby, 1946.

_____. *O conceito cristão da democracia*. Coimbra: Edições Estudos, 1945.

_____. *O que é o integralismo*. Rio de Janeiro, 1933.

_____. *Psychologia da Revolução*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935 (2ª ed.).

Bibliografia geral

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral. Pensamento médico e comportamento no Brasil (1870 – 1930)*. São Paulo: UNESP, 1999.

ARAÚJO, Ricardo. *Totalitarismo e revolução:* o integralismo de Plínio Salgado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BERTONHA, João Fábio. "A máquina simbólica do Integralismo: controle e propaganda política no Brasil dos anos 30" in: *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 7, pp. 87 a 110, jul./dez. 1992.

_____. "Entre a Cruz e o Fascio Littorio: a Igreja Católica Brasileira, os missionários italianos e a questão do fascismo, 1922-1943", in: *História e Perspectiva*, nos 16/17, Uberlândia, pp. 29 a 45, jan./dez 1992.

_____. "Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil". In: *Revista brasileira de história* – Estado e Controle Social. São Paulo: v. 21, nº 40, pp. 85 a 105, 2001.

_____. *Sob o Signo do fascio: o Fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil*, 1922 – 1943. Campinas/UNICAMP, 1998. Tese de doutorado.

BERTUCCI, Liane Maria. *Saúde: arma revolucionária – São Paulo, 1891/1925.* Campinas: CMU/UNICAMP, 1997.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. "As voltas de um parafuso". In: *Tudo é História* – cadernos de pesquisa 2. São Paulo: brasiliense, pp. 7 a 20.

CALDEIRA, João R. De Castro. *Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão*. São Paulo: Annablume, 1999.

CALDWELL, Lesley. "Reproducers of the Nation: Women and the Family in Fascist Policy" in: David Forgacs (ed.). *Rethinking Italian Fascism*. London, Lawrence and Wishart, 1986.

CARRARA, Sérgio. *Crime e Loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século*. Rio de Janeiro: EdUERJ/EdUSP, 1998.

_____. *Tributo a Vênus: a luta contra a sífiliis no Brasil, da passagem do século aos anos 40"*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1996.

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp/CECULT, 2000.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932 – 1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado – forma de regressividade no capitalismo híper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira" in: Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho Franco. *Ideologia e Mobilização Popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Centro de Estudos da Cultura Contemporânea, 1978.

_____. "Notas sobre o pensamento conservador nos anos 30: Plínio Salgado" in: Reginaldo Moraes, Ricardo Antunes e Vera B. Ferrante (orgs.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 27-42.

CORRÊA, Mariza. *As Ilusões da Liberdade. A escola Nina Rodrigues & a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF/IFAN, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

COSTA, Nilson do Rosário. "Prática médica e pensamento autoritário – notas de pesquisas". In: *Saúde em Debate*. Rio de Janeiro, nº 5, pp. 65 a 70, out.-dez. 1977.

DE GRAZIA, Victoria. *How fascism ruled woman: Italy, 1922 – 1945.* Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1992.

DEUTSCH, Sandra McGee. *Las Derechas: The extreme right in Argentina, Brazil, and Chile, 1890 – 1939.* Stanford, California: Stanford University Press, 1999.

DIAS, Romualdo. *Imagens de ordem: a doutrina católica sobre autoridade no Brasil (1922 – 1933).* São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário: o imaginário político no Brasil dos anos 30.* Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997

_____. "O Fantasma do Outro – Espectros Totalitários na Cena Política Brasileira dos Anos 30". In: *Revista brasileira de história.* São Paulo: v. 12, nº 23/24, pp. 125 a 141, set. 91/ago. 92.

FONSECA, Ana Maria Medeiros da Fonseca. *Das Raças à Família: Um debate sobre a construção da nação.* Campinas/Unicamp, 1992. Dissertação de mestrado.

GERTZ, René. *O fascismo no sul do Brasil.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GRANT, Emma. *Feminism in Fascism: a study of integralist movement.* New London, Connecticut, 1996. Senior Honors Thesis submitted to the self designed independent major: Latin American Studies.

GROSSMANN, Atina. "Feminist Debates about Women and National Socialism" in: *Gender & History*, vol. 3, nº 3, pp. 350 a 358, Autumn 1991.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política.* Campinas – SP: Papirus, 1989.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. "A Igreja e o Integralismo no Brasil: 1932-1939" in: *Revista de História.* São Paulo: FFLCH/USP, 108: pp. 503 a 532, out./dez, 1976.

MACHADO, Roberto et. alii. *Da(n)ação da Norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil.* Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARQUES, Vera R. Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

MASON, Tim. "Women in Germany, 1925 – 1940: family, welfare and work (part I) in: *History Workshop*, (1), pp. 74 a 113, spring 1976; e part II in: idem, (2), pp. 5 a 32, autumn 1976.

MATOS, Maria Izilda Santos. "Em nome do engradecimento da nação: representações de gênero no discurso médico – São Paulo 1890-1930" in: *Diálogos*, DH/UEM, v. 4, nº 4: pp. 77 a 92, 2000.

PARENTE, Francisco Josênio C. *Anauê – Os camisas verdes no poder*. Fortaleza: Ed. UFC, 1986.

PEREIRA, Júnia Sales. *A Escultura da Raça. Juventude e eugenia no Estado Novo*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999. Dissertação de mestrado.

PICKERING-IAZZI, Robin (ed.). *Mothers of Invention – women, Italian fascism, and culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995

RAGO, L. Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

REIS, José Roberto Franco. *Higiene Mental e Eugenia: o Projeto de "Regeneração Nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920 – 1930)*. IFCH/Unicamp, 1994. Dissertação de mestrado.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP/Estação Ciência, 1996.

SILVA, Carla Luciana e CALIL, Gilberto Grassi (orgs.). *Velhos Integralistas – A memória de militantes do Sigma*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

SILVA, Cleusa Gomes. *Modernizando o casamento: a leitura do casamento no discurso médico e na escrita literária feminina no Brasil moderno (1900-1940)*. Campinas: Unicamp, 2001. Dissertação de mestrado.

STEPAN, Nancy. "Raça e gênero: o papel da analogia na ciência". In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. (org.) *O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, pp.72 a 96, 1994.

_____ . *The hour of Eugenics* - Race, gender and nation in Latin American. London: Cornell University Press, 1991.

TRINDADE, Hélgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Européia do Livro; Porto Alegre: Univ. Federal do Rio Grande do Sul, 1974.

_____. "Integralismo: Teoria e Práxis Política nos anos 30", in: Bóris Fausto (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira,* tomo III – Brasil Republicano. São Paulo: DIFEL, 1981.

VASCONCELLOS, Gilberto. *A Ideologia Curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: brasiliense, 1979.

ZAVERUCHA, Jorge. "A questão do integralismo diante da herança fascista" in: *Ciência & Trópico*. Recife, 12 (2): 241-253, jul./dez. 1984.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE